



Narrativas de um “Goiás profundo”: a questão agrária na literatura de Bernardo Élis.

Ingo San Thiago A. Q. Ferreira¹ (IC)* ingosanthiago@outlook.com.br, Ricardo Junior de Assis
Fernandes Gonçalves² (PQ).

UEG – Campus-Iporá. Av. R2, Qd.01 Jardim Novo Horizonte II CEP. 76200.000.

Resumo: O presente Trabalho dialoga com os objetivos apresentados no Projeto “Espaço e representações lítero-geográficas do sertão goiano: pedagogias da terra nas narrativas de Bernardo Élis”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Neste sentido este Trabalho propôs compreender a relação entre geografia e literatura com base na leitura e discussão coletiva de textos selecionados no decorrer da pesquisa. O modo pelo qual as narrativas de Bernardo Élis expõem as contradições da sociedade goiana da metade do século XX, atravessada pelo processo de exploração do trabalho advindo da vida na terra em um contexto espaço-temporal marcado pelo domínio e poder do latifúndio e da oligarquia rural goiana. Buscou-se identificar a relação entre a obra de Bernardo Élis e a interpretação da questão agrária em Goiás com base no estudo da novela “A terra e as carabinas” e no conto “A enxada”. Para isto, analisou aspectos da paisagem (o Cerrado), dos sujeitos (coronéis, camponeses, trabalhadores agregados, meeiros etc.), exploração do trabalho rural e conflitos rurais como componentes do espaço agrário goiano.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Espaço. Território

Introdução

A literatura regional produzida em Goiás tem como herança a tradição agrária que marca a formação socioeconômica deste território. A identidade, a linguagem, histórias, mitos, o mundo rural e seus sujeitos com suas experiências de vida e trabalho, revelam - se em obras na literatura regional goiana, autores como Bernardo Élis (1915–1997), Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Carmo Bernardes (1915-1996). Esses escritores urdiram uma literatura que observa a paisagem, os sujeitos, a construção de uma identidade regional, no caso a do sertanejo e sertão goiano. Suas obras protagonizam realidades oriundas do sertão goiano, a partir do qual narram a realidade social, experiências de vida dos camponeses, lutas, conflitos, preconceito, religiosidade, sonhos, o sofrimento do sertanejo diante das injustiças sociais e do trabalho, destacando as narrativas sobre o mundo rural. Ressalta-se a

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



importância da obra de Bernardo Élis para a leitura e interpretação lítero-geográfica da cultura e do território goiano (GONÇALVES, 2018).

Segundo Chaveiro (2015, p.16),

A literatura, ao se delinear perante a edificação da narração, explora isso como sua essência. A vida enredada nas diferentes situações, a força trágica de morrer, a ironia fina que se faz crítica; o drama de não saber o que fazer com tudo que aconteceu consigo, mas enigmaticamente há o dever de enfrentar o tempo, os lugares, as paisagens.

(...) narrar é compor a vida; e a vida é substância de toda narração. A aproximação de Geografia e Literatura dispostas ao mundo do sujeito, de sua experiência e de sua tessitura, visa, essencial – e abertamente – reintroduzir a vitalidade da consciência, gerar despertamentos, compor forças e abrir potências.

O regionalismo destacado nas obras de B.Élis revela o contraste de uma realidade socioeconômica e cultural, que traz a interpretação do espaço agrário goiano. Seu método dialético de observação e sua literatura agem como mecanismo de denuncia em uma sociedade excludente e patriarcal.

Diante do exposto, será apresentado uma resenha do conto “A enxada” publicada no livro Veranico de Janeiro (1979).

Nascido em Corumbá de Goiás, em 1915 e falecido em 1997, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, contista, romancista, poeta, advogado e professor. Filho de pai poeta, e de família importante do meio político. Desde cedo manteve contato com a literatura, geografia e história, teve influências marxistas e estrangeiras. Com a dedicação nas leituras e com o apoio de seu pai, desfrutou se para descrever, em diversas obras, poemas, contos e romances, nos quais tece sua literatura para os contrastes político, social, sofrimento dos mais pobres. Logo, configura-se numa denúncia social, transmitida através de uma linguagem popular regional oriunda do território goiano.

B. Élis foi reconhecido como membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1975, disputa na época com o Ex – presidente Juscelino Kubitscheck (1902-1976). Exerceu cargo público pelo município de Goiânia (1939-1942), se dedicou à docência no ensino superior. Sua primeira obra, Ermos e Gerais (1944) recebeu diversas





críticas positivas, por consagrados escritores brasileiros na época como, Mário de Andrade e Monteiro Lobato. O Tronco (1956), Caminhos e descaminhos (1965), Veranico de Janeiro (1966), são obras que receberam prêmios importantes da literatura nacional. (GONÇALVES, 2018).

Conforme Santos (2017, p.157) “Élis traria à tona a identidade goiana justamente pela linguagem do sertanejo e pelo sentido de pertencimento que essa linguagem produz”.

Segundo Madeira; Veloso (1999), citado por Santos (2017, p.158) “sua contribuição segue a linha artística e política, fortalecida desde o modernismo de 22, na tentativa de edificar novos valores culturais e identitários, reveladores de sentidos inéditos de nossa cultura, então reinterpretada”.

O presente Trabalho dialogou com os objetivos apresentados no Projeto “Espaço e representações lítero-geográficas do *sertão goiano*: pedagogias da terra nas narrativas de Bernardo Élis”, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI).

Este Trabalho propôs os seguintes objetivos: Compreender a relação em geografia e literatura com base na leitura e discussão coletiva de textos selecionados no decorrer da pesquisa; Compreender o modo pelo qual as narrativas de Bernardo Élis expõem as contradições da sociedade goiana da metade do século XX, atravessada pelo processo de exploração do trabalho advindo da vida na terra em um contexto espaço-temporal marcado pelo domínio e poder do latifúndio e da oligarquia rural goiana; buscou identificar a relação entre a obra de Bernardo Élis e a interpretação da questão agrária em Goiás com base no estudo do conto “A enxada”. Para isto, analisou aspectos da paisagem (o Cerrado), dos sujeitos (coronéis, camponeses, trabalhadores agregados, meeiros etc.), exploração do trabalho rural e conflitos rurais como componentes do espaço agrário goiano.

Material e Métodos

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



De acordo com Borges (2016), compreendida de forma menos rígida e longe da ideia de “fotografia da realidade”, a obra literária pode documentar, testemunhar, corroborar e individualizar realidades espaços-temporais, situando coletividades, indivíduos, ações, temperamentos, comportamentos, ideias e visões de mundo, mas pode, simultaneamente, desautorizar tudo aquilo que oficialmente é tido como documento. Permite assim, “desanuviar forças mecânicas e desnaturalizar boa parte daquilo que o discurso e a prática cientificista nomeiam como real” (BORGES, 2016, p. 61).

Neste sentido, a literatura regional goiana apresenta-se como uma oficina de possibilidades interpretativas do espaço e das sociabilidades, dos símbolos e temporalidades que compõem a paisagem social e simbólica do mundo sertanejo e do sertão goiano. Esta constatação é perceptível com clareza nas obras escritas por literatos como Hugo de Carvalho Ramos (Tropas e Boiadas), Carmo Bernardes (Jurubatuba), Bernardo Élis (A terra e as carabinas; Ermos e Gerais; Veranico de Janeiro; Chegou o Governador) e Bariani Ortencio (Sertão sem fim). Portanto, destaca-se a importância da obra de Bernardo Élis para a leitura lítero-geográfica da cultura e do território goiano.

Logo, baseada em procedimentos de metodologia qualitativa, a pesquisa contou com a aproximação entre Geografia e Literatura, pois, acredita-se que embora a literatura esteja sublinhada pela criação ficcional, o texto literário representa uma realidade que é total, tem uma inscrição do tempo. Há nela “a mão do mundo” nos contornos do poema, do romance ou do conto. Logo, para Chaveiro (2015) “como arte do dizer na forma da palavra escrita, a literatura é, também, uma voz sobre o real. A ficção conta com a imaginação criadora, mas o sujeito que escreve o faz porque é um ser-do-mundo”.

Por conseguinte, inicialmente, o caminho metodológico para a execução da Pesquisa, baseou-se na revisão bibliográfica referenciada na leitura e fichamento de textos que sublinham a aproximação entre Geografia e Literatura, escritos por pesquisadores como Chaveiro (2007, 2015), Amorim Filho (2008), Suzuki (2008), Marandola Jr. e Gratão (2010), Borges (2016). Feito isto, dedicar-se-á ainda na leitura



e anotações sobre a novela “A terra e a carabina” e do conto “A enxada”, de Bernardo Élis. Ao fazê-lo, e com base na aproximação entre Geografia e Literatura, busca-se nestas obras elementos do que se chamou de “Goiás profundo”, referenciados na descrição do seu espaço e da sua sociedade agrária. Questões como exploração dos trabalhadores rurais, agregados e meeiros, conflitos por terra, expropriação do campo compõem nas narrativas do escritor. Bernardo Élis adentrou a sociedade de seu tempo, com cenas da vida cotidiana e da cultura sertaneja.

Resultados e Discussão

As contradições do espaço agrário em Goiás são evidentes na constituição deste território, desde o abuso de poder, a concentração de terras por parte do latifúndio, famílias agregadas em fazendas e aos patrões, a repercussão do coronelismo, patriarcalismo, domínio político e econômico.

Com efeito, o poder político, a violência e a exploração impostas pelos coronéis e seus jagunços foram apreendidos na sua escrita em prosa de Bernardo Élis. O escritor absorveu as experiências existenciais da vida sertaneja, imbricou literatura com o mundo concreto e simbólico do que se denomina aqui de “Goiás profundo”, como sublinhado no conto *A enxada*.

Tendo em vista as colaborações entre geografia e literatura, busca-se constatar e interpretar elementos no conto *A enxada* (1966), que caracterizem a questão agrária em Goiás nas narrativas de Bernardo Élis.

Supriano é um ser humano, maltrapilho, negro, analfabeto, trabalhador rural, religioso, configura – se como um instrumento de produção do espaço agrário, alienado de sua condição humana, tendo seu horizonte limitado. No conto, Supriano combina um trabalho de plantio de arroz para o delegado da região. Em um regime de trabalho com analogias à escravidão.

Diante das condições adversas em que perpassam na sua vida, Supriano não consegue atingir a produção desejada, assim não cumprindo com o contrato, Supriano se vê diante de uma dívida eterna e sem condições alguma de quita – lá. Assim como

REALIZAÇÃO



um objeto de uso e desuso Supriano é passado para a frente para cultivar uma roça de arroz de Elpídio Chaveiro conhecido fazendeiro do lugar, com fama de patrão mal. Elpídio Chaveiro impõe a Supriano condições impossíveis de trabalho, marcando data final para a entrega do serviço, o fazendeiro ao menos se quer dar à Supriano o principal instrumento de trabalho, a enxada. Assim o pobre Supriano inicia uma corrida contra o tempo para conseguir a enxada.

Esposo de uma mulher deficiente física e pai de um deficiente mental, ao qual, todos vivem em condições de extrema pobreza e exclusão social. Sua corrida pela enxada o leva até o vilarejo próximo, onde não tem muito sucesso para conseguir a ferramenta, recorreu ao vigário da cidade, mas nem o santo foi capaz de lhe arrumar uma enxada. Tendo seu horizonte limitado, não há como ir mais longe para conseguir a enxada, assim Supriano é exemplo do trabalhador explorado, sem nenhuma propriedade, vivendo do trabalho à meia, único trabalho que lhe é permitido, sob o forte autoritarismo dos proprietários de terra da região. Chega a ser preso por soldados à mando do fazendeiro Elpídio, lhe impedindo seu arbítrio, assim, pode se observar que o seu espaço físico é limitado e seu poder de escolha não tem significância nas relações vigentes.

Conforme Santana (2017, p.178)

A tal dívida, construída de modo estratégico pelos proprietários e pelo poder judiciário que antepara tais proprietários, demarca ao sujeito seu espaço de locomoção, conferindo – lhe drástica redução na consecução de seus objetivos libertadores. Piano avançou com ar decidido, atracou o saco de arroz, num boleio jogou-o ao ombro, as pernas encaroçadas de músculos retesos saindo por baixo do saíote de baixeiro, tão desconforme. O passo pesado e duro de Piano batendo incerto no chão molhado e escorregadio, cambaleando sob o peso dos 30 quilos, afastou-se socando, socando, e se perdeu no engrolo do enxorro na grota do fundo do rancho. (Élis, 1979, p52).

Por não conseguir a enxada Supriano se vê obrigado a transformar seu próprio corpo no instrumento de trabalho. Aqui é verificado as relações trabalhistas injustas que lhe retira de todas as formas, as condições mínimas para se manter e manter sua família. Todo o esforço de Supriano para conseguir a enxada foi em vão,





ao amanhecer no dia de Santa Luzia, à mando do fazendeiro Elpídio, soldados foram enviados para conferir se o trato do trabalho estava cumprido. Supriano já tinha conseguido por meio de suas forças plantar uma parte da roça de arroz, ele agora estava plantando a parte baixa, uma parte da encosta onde a terra é mais dura. Mas nada valeu para assegurar sua vida, Supriano é assassinado pelo soldado.

(...) - Óia, ô! Pode dizer pra Seu Elpídio que tá no finzinho, viu? Ah, que com a ajuda de Santa Luzia... – E com fúria agora tafulhava o toco de mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço: - ... em ante do meio-dia, Deus adjutorando... (...). Aí o soldado abriu a túnica, tirpu de debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez o pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara no rumo do camarada. (Élis, 1979, p.54,55).

Supriano é visto como um organismo a ser excluído da rede de relações produtivas, sequer como escravo tinha valor, seu valor era apenas o de servir como exemplo de conduta para os demais trabalhadores que dividiam as mesmas condições excludentes. Após seu assassinato sua família é atirada a mais profunda miséria, maior até que a anterior, eles são vistos no vilarejo como pedintes, e apenas são notados quando fogem de uma ação policial que garante o bem-estar-social do lugar. B. Élis denuncia em sua literatura as condições em que são inseridos os negros em uma sociedade preconceituosa e excludente.

Desse modo, o conto demonstra que a compreensão do mundo rural e a formação do território agrário goiano, pode ser interpretada através da literatura regional de escritores como Bernardo Élis. A pesquisa contribuiu para um fortalecimento nas relações em ambiente coletivo de ensino, durante o período algumas tarefas desenvolvidas paralelamente contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa, entre estas tarefas é a de Agente Voluntário na Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidade que empenha seu trabalho de base junto aos povos da terra e das águas, como convivência, promoção, apoio, acompanhamento e assessoria nos seus processos coletivos: de conquista dos direitos e da terra, de resistência na terra.





Estar como voluntário nesta entidade (CPT), me proporciona atividades de contato com pessoas com história de resistência com assentamentos e acampamentos na região do Oeste Goiano – Go BR, este contato criou possibilidades para conhecer histórias de alegria, superação, resistência, lutas e conflitos de um povo simples, de conversa humilde de modo coloquial, que preserva sua regionalidade, pessoas que almejam apenas um sonho, o de trabalhar em sua própria terra, plantar e colher alimentos saudáveis, ter sua autonomia alimentar e econômica, tudo provido do trabalho em sua própria terra.

Durante algumas viagens na vastidão das paisagens do Cerrado goiano, visitando acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária, é percebido um Cerrado devastado, grandes áreas recém desmatadas para servirem aos interesses dos grandes produtores da região, veredas com seus enormes Buritis ameaçadas pelo desmatamento e queimadas, animais desalojados de seu território, trabalhadores do campo convivendo com a pressão das grandes plantações e suas tecnologias, o uso e grande proporção do agrotóxico, que cercam e ameaçam as produções destes trabalhadores do campo.

Considerações Finais

A leitura do conto permitiu observar e reconhecer princípios que compõe uma hierarquia de poder e exclusão, a escravidão por dívidas, a miserabilidade e abandono social do ser humano pobre, a honestidade e fé do camponês, a crueldade do patrão, a separação do trabalhador dos meios e objetos de trabalho. (GONÇALVES, 2018).

Enfim, as obras de Bernardo Élis contribuem para uma interpretação do cenário agrário em Goiás, sua narrativa guarda valores linguísticos e sociais, elementos históricos e geográficos, religiosos, símbolos da transformação cultural e espacial no território goiano. As obras de B. Élis, nos mostra uma realidade humanizada, que investiga frequentemente a paisagem do Cerrado goiano, as sociabilidades rurais os conflitos agrários, um ‘Goiás Profundo’.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás (UEG) ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, literatura e Interculturalidade (POSLLI) a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica. Sublinhamos também o agradecimento ao apoio do Curso de Geografia e Laboratório de Estudos Ambientais e do Território – LEAT, da UEG– Campus Iporá, na realização desta pesquisa.

Referências

AMORIM FILHO, O. Bueno. **A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenologias no fazer geográfico**. Curitiba (PR), UFPR, 2006.

_____. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, n. 20, v.2, p.107-119, 2008.

BERNARDES, C. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.

BORGES, J. C. P. **Fazenda-roça goiana**: matriz espacial do sertanejo e do território goiano. 213f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, 2016.

CARNEIRO, F. S. B. Trabalho, opressão e língua no conto “A enxada”, de Bernardo Élis. **Anais do SIELP**. Volume 2, N.1, Uberlândia: EDUFU, 2012.

CHAVEIRO, E. F. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v.5, n.1, 2015.

_____. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.

ÉLIS, B. **A terra e as carabinas**. Goiânia: R&F Editora, 2005.

_____. **Chegou o governador**. 3.ed. Rio Janeiro: José Olympio, 1998.

_____. **Ermos e gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Veranico de janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1966.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



GONÇALVES, R. J. de. F.; BORGES, J. C. P. **Diamante, suor e sonho: representações lítero-geográficas do sertão goiano.** Goiânia/GO, 2017. Mimeografado.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. **Narrativas da terra: A questão agrária em Goiás na literatura de Bernardo Élis.** Revelli, v.10, n. 2, p. 339-357, jun, 2018.

MARANDOLA Jr. E.; GRATÃO, L, H, B. (Org.). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.** Londrina: EDUEL, 2010.

ORTENCIO, B. **Sertão sem fim.** Goiânia: Editora da UFG, 2011.

RAMOS, H. de. C. **Tropas e boiadas.** 8.ed. Goiânia: Editora UFG, 1998.

SUZUKI, J. C. Modernidade, cidade e indivíduo: uma leitura de A Rosa do Povo. **Percursos: Sociedade, Natureza e Cultura**, Curitiba, n. 7, p. 23-33, 2008.

SANTANA, Jorge Alves. Subjetivações coisas/animais e corpos sem órgãos em A enxada, de Bernardo Élis e em Meu tio o lauretê, de Guimarães Rosa. In: SANTANA, Jorge Alves. **100 anos de Bernardo Élis.** Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. p.165-191.

SANTOS, Leila Borges Dias. Bernardo Élis: Perfil intelectual e literário. In: SANTOS, Leila Borges Dias. **100 anos de Bernardo Élis.** Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. p.151-163.

TEZZA, Cristóvão. **O espírito da prosa: uma autobiografia literária.** Rio de Janeiro: Record, 2012.





NEOTECNICISMO E FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: ESTUDO DE UMA TURMA DE FORMANDAS EM PEDAGOGIA DE UM CAMPUS DA UEG

Elson Marcolino da Silva¹
(PQ)* elsonmarcolino@gmail.com¹

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: O estudo traz como proposta discutir sobre a presença dos pressupostos do neotecnismo pedagógico durante a formação inicial docente. Para tanto, foram sujeitos da pesquisa dez egressas do curso de Pedagogia de um campus universitário público, localizado no interior de Goiás. Desses sujeitos, foram analisadas suas respostas, obtidas por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, bem como foram analisadas as reflexões sobre suas práticas vivenciadas em sala de aula. Essas reflexões foram registradas no item denominado “Docência Compartilhada e Supervisionada” dos relatórios de Estágio Supervisionado em Docência no Ensino Fundamental (anos iniciais). Os dados foram analisados à luz da Análise de Conteúdo e possibilitaram a criação de três categorias de análise: a) Entendimento sobre neotecnismo pedagógico; b) Visões que reproduzem pressupostos do neotecnismo pedagógico; e c) Visões que se opõem aos pressupostos do neotecnismo pedagógico. O estudo aponta, entre outras questões, que boa parte das egressas estudadas não apresenta visão crítica sobre neotecnismo pedagógico e que a formação inicial dessas egressas investigadas pode ter sido construída em cima de visões que ora reproduzem, ora se opõem, aos pressupostos do neotecnismo pedagógico.

Palavras-chave: Análise de conteúdo. Capitalismo. Escola. Flexibilização. Toyotismo.

Introdução

O presente artigo discute sobre o neotecnismo pedagógico a partir de reflexões surgidas durante a realização de uma investigação em que se procurou compreender se havia indício da presença de pressupostos do neotecnismo pedagógico na formação inicial docente. Para a orientação da investigação, foi eleita a seguinte problemática: - O que os egressos de um curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior de Goiás entendem por neotecnismo pedagógico? Há indício da presença de pressupostos dessa tendência pedagógica na formação inicial desses sujeitos?

Para Veiga (2009), a formação docente é um processo inacabado que envolve saberes e conhecimentos a fim de tornar o sujeito apto para exercer a

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



profissão do magistério. Mesmo sendo um processo inacabado, que tem seu início marcado, mas nunca o seu fim, a formação docente é entendida em pelo menos duas fases: a) a fase inicial; e b) a fase continuada. A fase inicial de formação docente é considerada como condição básica para o sujeito ingressar na carreira do magistério.

A discussão sobre formação e profissão docente surge com mais veemência em âmbito internacional nas décadas de 1980 e 1990. No Brasil, essa discussão ganha fôlego a partir da década de 1990 em função, principalmente, das políticas neoliberais que impõem novas demandas, inclusive para a formação docente.

Nesse novo contexto sociopolítico e econômico, marcado pela hegemonia do neoliberalismo, os países da América Latina, incluindo o Brasil, passaram a adotar em suas políticas de Estado as “recomendações” do “Consenso de Washington” que, inicialmente, tiveram que ser impostas pelos organismos internacionais mediante as chamadas “condicionalidades”, mas que, numa fase seguinte, passaram a ser assumidas pelas próprias elites econômicas e políticas dos países latino-americanos. E a temática “formação docente” começa a ser discutida sob novos patamares teóricos e epistemológicos, visando adequá-la às novas demandas produtivas e isto se dá, sobretudo, por meio do neotecnicismo pedagógico. Mas como se dá a relação entre formação inicial docente e neotecnicismo pedagógico no universo aqui pesquisado?

O estudo é considerado relevante na medida em que se pretende desvelar a problemática e denunciar, caso se compreenda que as práticas e os discursos dos(as) formandos(as) estejam sendo subsidiados pelos pressupostos do neotecnicismo pedagógico. Com isso, espera-se contribuir para a formação docente numa perspectiva ampliada, crítica e emancipadora, sobretudo dos futuros(as) licenciados(as) em Pedagogia.

Neotecnicismo Pedagógico: Pressupostos Teóricos

Freitas (1995) hipoteticamente já assinalara no início da década de 1990, fase em que o ideário neoliberal torna-se hegemônico, que o interesse do sistema capitalista pela educação escolar traria algumas consequências. E para esse mesmo





autor: “[...] é muito provável que estejamos diante de uma retomada do tecnicismo sob novas bases: uma espécie de neotecnicismo”. (p. 32).

Para Saviani (2008), o neotecnicismo pedagógico, enquanto forma de organização educacional, se faz presente no âmbito da organização e funcionamento das escolas por meio da introdução, no ambiente escolar, do método de gerenciamento produtivo-industrial denominado “qualidade total”. O conceito de “qualidade total” está relacionado ao processo de reconversão produtiva, promovida pelo sistema flexível de produção ao introduzir, em lugar da produção em série em grande escala visando a atender a necessidade do consumo em massa, a produção em pequena escala dirigida ao atendimento de determinados nichos do mercado, altamente exigentes.

Freitas (1995) entende que, no contexto atual de desenvolvimento do capitalismo, a educação desempenha um papel importante, pois, segundo o autor, ela é a principal responsável pela “[...] preparação de um trabalhador mais adequado aos novos parâmetros produtivos” (p. 429). E sob as “novas” condições são requeridas do trabalhador novas habilidades no campo interpessoal, da comunicação com seus pares, maior capacidade de abstração, maior flexibilidade e capacidade de integração.

Assim é que, no neotecnicismo pedagógico, a organização do trabalho pedagógico escolar deve ser pensada no sentido de formar um trabalhador polivalente e multifuncional com capacidade para desempenhar simultaneamente várias funções diferentes. Além da formação polivalente e multifuncional, a escola deve empenhar-se em desenvolver, nos trabalhadores, capacidades flexíveis, a fim de fazer com que se adaptem mais “naturalmente” às mudanças do mundo do trabalho.

Kuenzer (2002) chama atenção para o conceito de polivalência, que tem suas origens nos métodos flexíveis de organização do trabalho produtivo, e que passa a fazer parte dos discursos e práticas educacionais a partir da década de 1990. Para a autora, por polivalência “[...] entende-se a ampliação da capacidade do trabalhador para aplicar novas tecnologias, sem que haja mudança qualitativa desta capacidade”. (p. 88).



Em detrimento ao conceito de polivalência, a autora sugere que se aprofundem estudos no sentido de verificar se no âmbito escolar situa-se uma concepção de politécnica que “[...] significa o domínio intelectual da técnica e a possibilidade de exercer trabalhos flexíveis, recompondo as tarefas de forma criativa; supõe a superação de um conhecimento meramente empírico e de formação apenas técnica” (KUENZER, 2002, p. 89).

Na fase capitalista, marcada pela hegemonia dos princípios e pressupostos do taylorismo/fordismo, predominava uma organização do trabalho que exigia demasiado esforço físico e habilidade manual bem desenvolvida, sendo considerado “qualificado” o trabalhador capaz de realizar apenas as tarefas requeridas pela tecnologia capitalista daquele contexto.

Naquele contexto, e dentro das concepções produtivas tayloristas/fordistas, para o desenvolvimento da tecnologia capitalista “[...] bastava o trabalhador possuir pouca escolaridade, curso de treinamento profissional e muita experiência, que combinariam no desenvolvimento de habilidades psicofísicas e conduta com algum conhecimento apenas necessário para o exercício da ocupação” (KUENZER, 2002, p. 84).

Para Santos (2004), sob essas condições, bastava o trabalhador ter desenvolvido as habilidades básicas de ler, escrever e contar para atender às demandas do capital naquela época. Entretanto, com as transformações ocorridas no mundo do trabalho - a partir da década de 1970 - que demandaram, e ainda demandam, novas e complexas capacidades, não somente para o exercício profissional, mas também para todas as atividades sociais, apenas ler, escrever e contar não são mais consideradas habilidades suficientes para atender às novas exigências do capitalismo. E o neotecnicismo pedagógico surge como estratégia do capitalismo para fazer com que a escola se mantenha como Instituição capaz de atender as suas necessidades e interesses.

Material e Métodos

O estudo é caracterizado como bibliográfico e empírico. Na parte empírica foram analisadas respostas semiestruturadas de um questionário encaminhado por





e-mail a dez egressas de uma turma do curso de Pedagogia de um campus universitário da UEG, localizado no interior de Goiás. O grupo constitui-se em pessoas do sexo feminino, com faixa etária entre 23 e 32 anos de idade no período investigado. Oitenta e cinco por cento dos sujeitos da pesquisa disseram exercer algum tipo de atividade profissional remunerada na área do comércio no contraturno das aulas do curso. Com base nos dados apresentados acima, é possível inferir que os sujeitos da pesquisa pertençam à classe trabalhadora. Isto, porque uma parte significativa da população investigada exercia alguma atividade profissional remunerada concomitantemente ao processo de formação inicial que ocorreu no período matutino entre os anos 2014 e 2017.

Além da análise das respostas obtidas, por meio da aplicação do questionário, também foram analisadas as reflexões sobre suas práticas vivenciadas em sala de aula. Essas reflexões foram registradas no item denominado “Docência Compartilhada e Supervisionada” dos relatórios de Estágio Supervisionado em Docência no Ensino Fundamental (anos iniciais). Os dados foram analisados à luz da Análise de Conteúdo e possibilitaram a criação de três categorias de análise: a) Entendimento sobre neotecnicismo pedagógico; b) Visões que reproduzem pressupostos do neotecnicismo pedagógico; e c) Visões que se opõem aos pressupostos do neotecnicismo pedagógico.

A “Docência Compartilhada e Supervisionada” foi construída de abril a junho de dois mil e dezessete a partir de observações de dez aulas realizadas em uma escola pública municipal localizada nas proximidades da região central de Anápolis no período da manhã.

Segundo o Regulamento do Estágio do Curso, as atividades de formação se desenvolvem em fases distintas, porém integradas, compreendendo: a) diagnóstico; b) coparticipação; c) docência compartilhada e supervisionada; e d) mediação pedagógica. Para orientar a realização deste estudo, centrou-se na análise da fase “Docência Compartilhada e Supervisionada”, pois essa fase é constituída por processos de planejamento e desenvolvimento da prática docente em sala de aula, em colaboração e sob a orientação e supervisão do professor de Estágio e do professor regente na escola (Regulamento do Estágio Supervisionado do Curso,



Goiás, 2017, p. 11).

O *corpus* da pesquisa, respostas do questionário e registro das reflexões do item “Docência Compartilhada e Supervisionada” das egressas do curso investigado, foi submetido à Análise de Conteúdo e possibilitou a criação de três categorias de análise: a) Entendimento sobre neotecnismo pedagógico; b) Visões que reproduzem pressupostos do neotecnismo pedagógico; c) Visões que se opõem aos pressupostos do neotecnismo pedagógico.

Resultados e Discussão

Mais de noventa por cento dos sujeitos estudados disseram que ao longo da sua formação inicial em Pedagogia receberam orientação em relação aos pressupostos teórico-pedagógicos da tendência pedagógica neotecnista apenas na disciplina Didática, ministrada no terceiro período do curso.

Entendemos que esse dado é considerado importante para este estudo, principalmente porque também se procurou saber se as egressas investigadas tinham alguma ideia sobre o que é o neotecnismo pedagógico. E por meio desse “achado” há indício de que tais egressas podem não ter muita clareza em relação a essa tendência pedagógica. Partimos dessa análise em função de que parece haver indícios de que a formação inicial dos egressos tenha ocorrido desconsiderando que as práticas pedagógicas escolares, inclusive das escolas públicas básicas em que fizeram o seu estágio supervisionado, estão sendo influenciadas desde a década de 1990 por pressupostos neotecnistas.

Para Freitas (1995), o início da década de 1990 é marcado no campo da educação brasileira pela hegemonia da tendência pedagógica neotecnista. E assinala para a necessidade da formação educacional crítico-dialética como forma de se contrapor aos interesses dominantes também no campo da educação escolar.

Contudo, Saviani (2008) alerta que no final dos anos 1980 já eram visíveis, no Brasil, as dificuldades que estavam enfrentando as correntes pedagógicas “contra-hegemônicas”, entendidas como aquelas tendências que buscavam historicamente a sua hegemonia, cujos projetos se colocavam como alternativas



para orientar práticas educativas e escolares numa direção transformadora da realidade social.

Nesse sentido, se a década de 1980 pode ser considerada como um período histórico marcado pelo surgimento de ideias pedagógicas contra-hegemônicas, na década seguinte, 1990, em função da hegemonia do neotecnicismo pedagógico, ocorre um recrudescimento dessas ideias pedagógicas e o ressurgimento de concepções pedagógicas conservadoras. Daí, talvez, possa ser explicado parcialmente porque a formação inicial profissional dos egressos deixa lacunas no que diz respeito a pressupostos pedagógicos críticos.

As Categorias de análise

a) Entendimento sobre neotecnicismo pedagógico

A criação desta categoria nos possibilitou analisar se os sujeitos estudados tinham ideia sobre o que era o neotecnicismo pedagógico. Assim é que, para os sujeitos investigados, o neotecnicismo pedagógico é: a) “uma corrente pedagógica que auxilia o professor durante o planejamento das suas aulas na escola” (S1, S2, S4, S7); b) “uma forma de fazer com que a escola funcione bem e melhor nos dias atuais” (S8, S10); e d) “tem a ver com o desenvolvimento do capitalismo para manter os seus interesses” (S3, S5, S6, S9).

Por meio dessa categoria de análise foi possível ter uma compreensão sobre o que os investigados entendem por neotecnicismo pedagógico a partir de, pelo menos, dois entendimentos. No primeiro entendimento sobre neotecnicismo pedagógico, estão aqueles investigados que apresentam visões um tanto quanto “ingênuas” sobre essa corrente pedagógica (S1, S2, S4, S7, S8 e S10). Já no segundo entendimento, há possibilidade dos sujeitos terem visões mais críticas e realistas sobre neotecnicismo pedagógico (S3, S5, S6 e S9).

O neotecnicismo pedagógico é considerado como uma corrente pedagógica que tornou-se hegemônica a partir da década 1990 e tentou reproduzir nos âmbitos educacionais e escolares os “novos” interesses do capitalismo. Nesse sentido, nos posicionamos que, dentro de um entendimento crítico, o neotecnicismo pedagógico está relacionado ao desenvolvimento do capitalismo na sua fase “atual” visando manter seus interesses.



Desta forma, essa corrente pedagógica está longe de ser entendida como uma forma de auxiliar às escolas em seus planejamentos para que funcionem bem e melhor nos dias atuais.

b) Visões que reproduzem pressupostos do neotecnicismo pedagógico

A análise das reflexões registradas pelas egressas, sujeitos da pesquisa, no item “Docência Compartilhada e Supervisionada” nos possibilitou inferir que durante a sua formação inicial há indícios da presença de pressupostos teóricos pedagógicos que reproduzem o neotecnicismo pedagógico.

Partimos desse pressuposto inicial porque identificamos que, para boa parte dos sujeitos estudados, é importante: o “trabalho em equipe para ajudar na aprendizagem dos alunos”, “oportunizando as crianças a trabalhar em equipe e aprender a desenvolver o espírito de solidariedade” (S1, S4); bem como a “Importância da escola fazer um trabalho de acordo com a sociedade que está aí” (S2) no sentido que “hoje a escola precisa ser criativa com seus alunos” (S4). Assim, “a ideia da colaboração, de uns ajudarem os outros é ótimo” (S2), sendo que “é importante a escola fazer os alunos criarem mais e isto vai ajudá-lo em sua vida no futuro” (S3).

Ainda segundo os dados analisados, “a professora faz excelente trabalho quando incentiva seus alunos a trabalhar em colaboração durante as atividades em sala de aula” (S6) “em que ela aplica diversas atividades em sala de aula numa mesma aula e isto deixa a aula mais rica para os alunos” (S10). Para isso, é importante, por exemplo, que a escola “estude sempre” (S8) e também realize “aplicação de testes matemáticos da Provinha Brasil para melhorar o trabalho da escola” (S3). Também, “a escola precisa se adequar a realidade da sociedade que está aí, formando seus alunos para exigências dela” (S5).

Freitas (1995), Santos (2004) e Saviani (2008) entendem que com a mudança da base produtiva, o capital começa a se interessar pelas capacidades subjetivas do trabalhador ou futuro trabalhador. Entre elas, se destacam a criatividade, o trabalho em equipe e colaborativo, a multifuncionalidade e a capacitação para o longo da vida. No contexto educacional/escolar, essas capacidades são introduzidas por meio de políticas e práticas educacionais subsidiadas pela corrente pedagógica



neotecnicista.

c) Visões que se opõem aos pressupostos do neotecnicismo pedagógico

Entretanto, durante a realização da análise das reflexões das egressas do curso, sujeitos da pesquisa, registradas no item “Docência Compartilhada e Supervisionada” dos relatórios de estágio supervisionado, foi possível também identificar pressupostos teóricos que se opõem ao neotecnicismo pedagógico.

Assim é que, para os sujeitos da pesquisa: “a escola precisa fazer os alunos serem mais criativos mas, também, questionar a realidade que vivem” (S9), e para isto “ é importante formar alunos para compreender e criticar o mundo” (S10) sendo que “a escola tem que transformar o aluno e a sociedade atual (11).

Como forma de contrapor-se aos interesses do capitalismo para o campo da educação e da educação escolar, Saviani (2008) propõe a criação de pedagogias críticas e dialéticas. Entre elas, destaca-se a Pedagogia Histórico-Crítica, cujos pressupostos entendem a escola como um espaço de superação das contradições impostas pelas demandas produtivas, em que os alunos precisam desenvolver formação para compreender e transformar a si mesmos e o mundo em que vivem, acreditando na educação/escola como instituição capaz de transformar o contexto social.

Considerações Finais

O estudo aponta, entre outras questões, que boa parte das egressas estudadas não apresenta visão crítica sobre neotecnicismo pedagógico e que a formação inicial dessas egressas investigadas pode ter sido construída em cima de visões que ora reproduzem, ora se opõem, aos pressupostos do neotecnicismo pedagógico. Neste sentido, entendemos que a formação inicial docente apresenta-se frágil e com lacunas em relação ao neotecnicismo pedagógico.

É importante a realização de mais estudos que possam gerar reflexões críticas sobre essa tendência pedagógica hegemônica que vem orientando as práticas e políticas educacionais, inclusive na formação inicial docente. Os professores formadores de futuros docentes e os próprios futuros professores, egressos dos





cursos de licenciatura, muitas vezes não têm clareza de que pressupostos neotecnistas orientam suas práticas profissionais nas escolas. Daí a urgência de desenvolver projetos de formação inicial e continuada de docentes como possibilidades de enfrentamentos aos pressupostos teóricos e pedagógicos que reproduzem os interesses produtivos capitalistas.

Referências

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico).

KUENZER, Acacia Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luiz. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 77-95.

SANTOS, Oder José. Reestruturação capitalista: educação escolar. **Revista Trabalho e Educação**, vol.13, n.1-jan/jul 2004, pp. 79-89.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A aventura de formar professores**. Campinas-SP: Papirus, 2009.





“NÓS PROPOMOS!” GOIÁS: CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DOS ALUNOS PARA A ATUAÇÃO CIDADÃ.

Andreia Gonçalves da S. Rodrigues¹, Estudante (IC)*; Claudia do Carmo Rosa, Pesquisador (PQ)

andreiags1511@gmail.com*

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas

Resumo

Este texto apresenta considerações sobre o trabalho desenvolvido de Iniciação Científica vinculado à pesquisa “NÓS PROPOMOS!” Goiás: Construção do Pensamento geográfico dos Alunos Para a Atuação cidadã. Que foi desenvolvido na cidade de Inhumas, iniciando no ano de 2018. Com o propósito de promover a cidadania territorial, mobilizando alunos para a identificação das principais orientações do plano diretor municipal e a apresentação de propostas de intervenção nos bairros, visando um desenvolvimento local sustentável. Por tanto utilizou se de referências teóricos como: Bazolli (2017), Cavalcanti (2008), Cavalcanti, Oliveira e Spironello (2018) e rosa (2015). O projeto tem como objetivo propor alternativas junto à escola para melhorias da cidade por meio de práticas espaciais cidadãs. E tem buscado instigar os alunos a uma reflexão sobre conhecer melhor sua cidade para poder identificar os problemas locais e assim sensibilizá-los para o exercício de cidadania, promovendo um trabalho com a parceria entre a escola, a Universidade Estadual de Goiás e juntamente com o os governantes locais. O projeto teve sua primeira etapa desenvolvida com alunos do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Unidade Manoel Vila Verde, na cidade de Inhumas- GO.

Palavras-chave: Cidadania. Mobilidade urbana. Planejamento urbano. Cidade.

Introdução

A pesquisa “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS: Construção do Pensamento

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**



geográfico dos Alunos Para a Atuação cidadã. Foi idealizado pela Universidade de Lisboa (Portugal) coordenado pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) e tem como objetivo promover a cidadania territorial, mobilizando alunos para a identificação das principais orientações do plano diretor municipal e a apresentação de propostas de intervenção nos bairros, objetivando desenvolvimento local sustentável. Este referido projeto português teve sua ampliação e desenvolvimento em outros países e também, no Brasil. Neste momento, se desenvolve nos estados do Tocantins, Santa Catarina, Pará, Paraná, Acre, Rio Grande do Sul, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e, neste momento, em Goiás. Tem-se buscado instigar os alunos a uma reflexão sobre conhecer melhor sua cidade para poder identificar os problemas locais e assim sensibilizá-los para exercício de Cidadania, promovendo um trabalho com a parceria entre a escola, a Universidade Estadual de Goiás e juntamente com os governantes locais. Apresentaremos as atividades realizadas ao longo de um ano do trabalho do projeto de Iniciação Científica tendo a pesquisa como título “NÓS PROPOMOS!” Goiás: construção do pensamento geográfico dos alunos para a atuação cidadã. O projeto teve sua primeira etapa desenvolvido com estudantes do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás - Unidade Manoel Vila Verde, na cidade de Inhumas- GO.

Material e Métodos

A metodologia adotada foi a pesquisa de cunho qualitativo, com enfoque na pesquisa colaborativa, com o intuito de promover a articulação de parcerias entre universidade, escola e poder público. Para isso, foi realizado os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1- Participação nos grupos de trabalho com a orientadora, bolsista e professor participante do projeto.
- 2- Realização de leituras relacionadas ao tema cidade e cidadania.
- 3- Identificação dos problemas urbanos, juntos com os grupos de alunos.
- 4- Descrição dos registros e relatórios das aulas observadas.
- 5- Envolvimento e participação no I Seminário “Nós Propomos!” Goiás na Universidade Federal de Goiás.



Resultados e Discussão

As atividades realizadas durante as reuniões de grupos de trabalho iniciou-se com leitura e estudo de textos que tratam as temáticas cidade e cidadania, entre eles foram discutidos textos do livro A extensão Universitária Como Indutora à Cidadania: A Experiência do “Nós Propomos”, de Bazolli (2015); o fascículo A Relação Cidade/ Campo no Território Goiano de Cavalcanti (2018). Além dos estudos dos textos A Geografia escolar e a cidade Cavalcanti (2008) e também o texto Cidade, Cidadania e Ensino de Geografia, de Rosa (2015). Também buscamos acesso ao Planejamento Urbano da Cidade de inhumas-GO.

Após esses estudos iniciou-se o acompanhamento das aulas de Geografia no Colégio CPMG Manoel Vila Verde. No primeiro momento teve a apresentação do projeto juntamente com professor de Geografia e o coordenador pedagógico do Colégio, sendo decidido que o projeto seria realizado com a turma do 1º ano D por ter alunos tanto da cidade quanto do campo.

Marcou se o início de outubro, o dia da apresentação do projeto para a turma do 1º ano e teve uma ótima aceitação pela turma. E logo iniciou o trabalho em sala, com as observações da execução do projeto, de início a Professora Cláudia - coordenadora do projeto - apresentou o desenvolvimento do projeto, o lugar onde surgiu e a dimensão que vem ganhando no Brasil. Teve um breve debate sobre os problemas locais. E como seriam trabalhados os temas escolhidos em sala, tendo como desafios, buscar soluções para os problemas locais.

O professor também trabalhou em sala um breve resumo sobre Geografia Agrária, o quadro econômico do Brasil, os aspectos agropecuários e da mineração. Analisou o processo da ocupação na década de 30 por Getúlio Vargas, em qual momento começou a se pensar a mudança da capital de Goiás para a cidade de Goiânia. Trouxe um resumo sobre a década de 50 comentando sobre o slogan de JK com a modernidade de (50 anos em 5). E após esse resumo foi iniciado o estudo ao fascículo discutindo as mudanças mais recentes do campo e cidade em Goiás. Sendo campo e cidade esferas totalmente diferentes mais interdependentes uma da outra. O estado de Goiás caminha em um processo de centralizar o poder político



buscando um Goiás moderno. E com isso temos as saídas do povo do campo para a cidade e a mecanização da agropecuária tornando as cidades em um aglomerado de pessoas.

O fascículo apresenta os seguintes propósitos: Analisar as relações entre campo e cidade no território Goiano ao longo do século XX e na aurora do século XXI. A fim de compreender a paisagens e suas dinâmicas no processo de mobilização do território Goiano, promovendo uma reflexão dialética entre campo e cidade. Após o estudo do fascículo, os alunos tiveram a oportunidade de expor seus pontos de vista sobre como a participação social acontece no seu município e assim os grupos buscou uma proposta das temáticas a serem trabalhadas.

O 1º Grupo optou pelo tema: Discussão política nas redes sociais; Grupo II - Impactos socioambientais advindos da produção de cana-de-açúcar; Grupo III - Perspectivas dos jovens no mercado de trabalho; Grupo IV - A abordagem a questão de gênero nas escolas. A professora Claudia auxiliou os alunos com a proposta de cada grupo para que pudessem apresentar no I Seminário “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS.

Esse Seminário aconteceu na cidade de Goiânia, no dia 04 de dezembro onde os alunos participante do projeto tiveram a oportunidade apresentaram suas propostas. Sendo ouvidos pelos coordenadores do Projeto “NÓS PROPOMOS!” GOIÁS. Sobre o evento merece destaque a qualidade dos trabalhos apresentados pelos estudantes. Prevaleceu nos trabalhos apresentados a pesquisa Qualitativa, com enfoque na pesquisa colaborativa, promovendo uma articulação de parcerias entre universidade, escola e poder público. E assim os alunos apresentaram uma análise subjetiva da problemática de cada tema.

Na segunda etapa do projeto houve a mudança da escola militar de ensino médio para o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco que oferta os anos finais do ensino fundamental. Devido a vinculação do projeto com a UFG, e com a submissão da proposta do edital FCC - Fundação Carlos Chagas, no qual o projeto foi contemplado com financiamento e para atender as exigências propostas pelo edital justificou-se a necessidade de mudanças das instituições escolares.

E assim o projeto se reinicia e dá continuidade na proposta de trabalho. No





Colégio Presidente Castelo Branco foi feita uma reunião para apresentar a proposta do projeto para a equipe gestora e a professora de Geografia. Houve também uma reunião na UFG com a diretora, coordenadora e professora do Colégio juntamente com todas as equipes de outras cinco escolas que participarão dessa nova etapa. Foi apresentada a eles os fascículos que será trabalhado com os alunos. E também foi realizada uma oficina do “Nós Propomos” em São Paulo/SP onde a professora Claudia do Carmo Rosa esteve presente.

Em virtude das experiências que a iniciação científica nos proporcionou pode se afirmar com convicção de que a participação juntos com a universidade, escola e a população foram de extrema importância. Pois, mudou o olhar apenas da observação para um olhar investigativo sobre os problemas ocorridos na cidade, e o que se pode fazer juntamente com a população para que melhorem o espaço onde vivemos. E que por meio do “Nós Propomos Goiás”, teve um grande estímulo para interação social dos alunos envolvidos com o projeto além de torna-los aptos à participação democrática levando os a tomada de decisões e centrado sempre na construção de propostas que possam representar ganhos para sua cidade.

Considerações Finais

Em virtude das experiências que a iniciação científica nos proporcionou pode se afirmar com convicção de que a participação universidade, escola e comunidade local foram de extrema importância. Pois, mudou o olhar apenas da observação para um olhar investigativo sobre os problemas ocorridos na cidade, e o que se pode fazer juntamente com a população para que melhorem o espaço onde vivemos.

E que por meio do “Nós Propomos Goiás”, teve um grande estímulo para interação social dos alunos envolvidos com o projeto além de torna-los aptos à participação democrática levando os a tomada de decisões e centrado sempre na construção de propostas que possam representar ganhos para sua cidade.

Agradecimentos

E assim a proposta da Iniciação Científica chegou ao fim, mas o projeto segue, e

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



como aluna participante desse projeto só tem a agradecer a todos envolvidos, e em especial a professora Claudia por nos dar essa oportunidade de participar desse projeto proporcionando momento de grande aprendizado. Além de sensibilizar-nos, para as questões da cidadania e desafios locais mostrando a importância de contribuir com nosso espaço geográfico partindo da comunidade. E saber que podemos exercer uma cidadania com consciência de nossos direitos e obrigações pode se colocar em prática e modificar a realidade de nossa cidade.

Referências

BAZOLLI, João Aparecido, NUNES, Sérgio Claudino L, SILVA, Maria da Vitória Costa e, VIENA, Sandra Franklin Rocha, SILVA, Wainesten Camargo. **A extensão Universitária Como Indutora à Cidadania: A experiência do “Nós Propomos”**. Palmas TO:EDUFT,2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**. Campinas-SP: Papirus, 2008. Geografia da Cidade. Goiânia: Alternativa, 2001. CAVALCANTI, L. OLIVEIRA, K. A. SPIRONELLO. R. L.(org.). **A relação cidade campo no território Goiano. Goiânia: C & A Alfa & Comunicação**. 2018.

ROSA, Claudia do Carmo. **Cidade, cidadania e ensino de geografia**. Revista de Associação dos Professores de Geografia nº 46/47. Dezembro de 2015.

O Conceito De Luta Cultural No Estudo Das Histórias Em Quadrinhos

Sara Ranna Corrêa Martins* (IC), sasaranna@hotmail.com

Edmilson Ferreira Marques (PQ),

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Uruaçu

Resumo: esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o conceito de Luta Cultural, a partir disto, utilizaremos o mesmo para o estudo das histórias em quadrinhos. Sobre este conceito, percebemos que está presente em diversas produções culturais tais como nas músicas, livros, CD's e revistas de histórias em quadrinhos. Fundamentando essa questão, fazemos uma análise da história em quadrinhos de Fantar. Este é um quadrinho de super-aventura brasileira, publicado pela Editora GEP no ano de 1967 e desenhada pelo roteirista Milton Mattos e o ilustrador Edmundo Rodrigues. Com essa discussão, foi possível observar que as histórias em quadrinhos, aqui em específico a história de Fantar, integram a dinâmica da luta cultural com a manifestação de uma perspectiva crítica. Durante esta pesquisa, conseguimos utilizar de duas edições da revista em quadrinhos de Fantar, em específico a número 2 e número 3, as quais possibilitou a realização da análise aqui proposta.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Luta Cultural; Estudo; Fantar;

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar o resultado da pesquisa sobre o conceito de luta cultural e sua utilização no estudo das histórias em quadrinhos da hq brasileira de Fantar. O texto é o resultado da pesquisa de Iniciação Científica na modalidade PIBIC/CNPq.

No primeiro momento da pesquisa foi realizado um estudo a respeito do conceito de luta cultural. O objetivo aqui nesta fase foi o de compreender os pressupostos teóricos desse conceito. Nesta parte do trabalho evidenciamos a ferramenta conceitual que utilizamos para analisar a nossa fonte de pesquisa.

Em seguida, no tópico Histórias em Quadrinhos: um estudo sobre Fantar, nos detemos na análise das HQs nº 2 e 3 do personagem. Este tópico foi proposto visando aprofundar o estudo das especificidades do universo ficcional de Fantar, o que não foi possível no plano de trabalho que desenvolvi no ano de 2018 por não ter em mãos as edições da revista do personagem. Após o término da primeira fase da pesquisa encontramos dois exemplares de gibis, o que nos possibilitou este estudo. Por fim, dedicamos a analisar esses dois números de Fantar, no sentido de compreender a luta cultural através do conteúdo que manifesta em suas histórias.

Material e Métodos

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com foco na leitura e análise sobre o conceito de luta cultural. Após encontrar os textos que versavam sobre o conceito foi realizada a leitura e fichamentos sobre os mesmos. Além deste estudo realizei a análise de dois números das revistas de Fantar, tomando ainda como suporte a minha pesquisa anterior que versou sobre esse personagem

Resultados e Discussão

Sobre o Conceito de Luta Cultural

Os quadrinhos são frutos da produção cultural, apresentam uma perspectiva, um ponto de vista, uma concepção da realidade. A discussão realizada no quadrinho pode ser crítica ou não. Ou seja, o quadrinho acaba por ser uma representação das relações sociais, neste sentido, é preciso compreender como, no contexto dessas relações, uma hq pode apresentar uma perspectiva relacionada às classes sociais existentes (MARQUES, 2013, p. 12).

Assim, precisamos compreender o que é luta cultural, consequentemente, compreender a definição deste conceito e como ele pode contribuir para compreender e analisar um quadrinho.

Segundo Marques (2013, p. 12), luta cultural é

[...] um fenômeno típico das sociedades de classes. É a expressão da luta de classes no plano cultural. Com o desenvolvimento e ampliação da luta entre a classe burguesa e o proletariado, a luta cultural se tornou para este último, uma arma de luta contra a sociedade que lhe explora. Já para a burguesia, que conseguiu criar uma sociedade à sua imagem e semelhança, onde desfruta dos privilégios que as riquezas produzidas lhes proporcionam, a luta cultural objetiva a manutenção e reprodução da ordem existente.

Neste sentido, se compreende que a luta cultural só surge em uma sociedade de classes, a exemplo do que ocorre no capitalismo. O conceito explicita a luta do proletariado contra a burguesia por meio de produções culturais, ou seja, existe luta cultural na música, no cinema, em produções textuais, como é o caso também do que ocorre nas histórias em quadrinhos, tema de nossa pesquisa.

A manutenção da ordem existente, em que o autor se refere na citação anterior, é o ponto central da luta cultural burguesa, ou seja, ela não tem o propósito de mostrar a realidade do proletariado, a forma de trabalho e suas obrigações na sociedade, como ele é tratado etc. A burguesia recebe apoio de indivíduos que integram a intelectualidade, os quais buscam sistematizar um conjunto de produções intelectuais

que visam transparecer uma naturalidade e aceitação da exploração sofrida pelos trabalhadores nos locais de trabalho. Como ressalta Marques (2013, p. 13):

Enfim, a maior parte da cultura produzida no capitalismo é proveniente de empresas privadas que tem como objetivo fundamental o lucro, e, desta forma, as produções são controladas pelos censores auxiliares da burguesia, cujo conteúdo deve ser voltado para constranger as pessoas ao consumo.

Assim, compreendemos que enquanto a perspectiva burguesa objetiva legitimar a exploração, outros fazem do plano cultural um meio de expressar a perspectiva do proletariado, no sentido de deixar explícito e visível a exploração e valores burgueses por meio da crítica. Como aponta Viana (2015, p. 49),

Esse, além de maior parte de seus integrantes não possuírem recursos financeiros (alguns nem mesmo para sua própria sobrevivência), organizações burocráticas, etc., e ter poucos intelectuais e indivíduos oriundos das classes privilegiadas, ainda realiza uma produção cultural que não é adequada à sociabilidade e mentalidade dominantes e nem aponta para a resolução dos problemas imediatos, bem como não oferece vantagens pessoais, além o seu caráter essencialmente crítico-revolucionário. Mas, apesar disso, ele existe e efetiva uma luta sob formas alternativas e tem a vantagem de possuir compromisso com a verdade e com a transformação social, o que acaba aglutinando setores da sociedade, bem como a produção teórica que, quanto mais desenvolvida, aponta para uma análise mais profunda da realidade e crítica das ideologias, imaginários (representações cotidianas ilusórias), projetos alternativos de sociedade, etc.

Ao falar sobre a luta cultural da perspectiva do proletariado Viana (2015) destaca determinadas características desta luta. Por exemplo, os intelectuais que representam as classes exploradas encontram muitas dificuldades para produzir e divulgar sua produção em decorrência da falta de recursos financeiros, ao contrário dos intelectuais da burguesia que recebem apoio e financiamentos.

O autor ainda ressalta que esta luta tem comprometimento com a verdade, com o proletariado e com outras classes reprimidas, com o objetivo de contribuir com sua formação para que possam compreender o capitalismo e assim ter elementos que lhes favorece a luta pela transformação da sociedade. Assim, entendemos que o sistema capitalista é organizado segundo a dinâmica da luta entre as classes sociais existentes. Sinteticamente, no processo de exploração, a burguesia exerce um predomínio sobre o proletariado, e este, por sua vez, reage à exploração criando mecanismos para suprimi-la. Essa luta se manifesta na esfera cultural, portanto, existe uma distinção de concepção que se materializa na produção.

A luta de classes, portanto, pressupõe o conflito de interesses, a relação de concepções opostas. Ao lado da ideologia caminha a teoria; ao lado da

passividade, a contestação; ao lado da crítica, a idolatria. Portanto, vivendo de forma distinta da classe dominante estão as classes exploradas e demais classes dominadas. Assim, mesmo havendo a submissão a um padrão dominante de valores, isso não significa que os valores humanos serão constituídos e determinados apenas pelos valores dominantes (MARQUES, 2018, p. 26).

Portanto, apesar da predominância dos valores dominantes isso não significa que existirá apenas estes valores. Ao seu lado caminha os valores das classes dominadas. É nesse sentido que se evidencia a luta cultural, que segundo o autor descreve é estabelecida a partir dos interesses e valores das classes exploradas em conflito com os interesses e valores da classe dominante, que se manifestam na esfera cultural.

Já sobre a questão dos valores, é em Viana (2007, p. 33-5) que se observa a existência dos valores axiológicos e dos valores axionômicos. O primeiro “é o padrão dominante numa determinada sociedade”, já o axionômico, consiste em “uma determinada configuração de valores humanos autênticos”. Logo, os valores axionômicos estão presentes na luta cultura, pois, segundo Viana, expressa, geralmente, os interesses das classes exploradas e oprimidas. Já a axiologia está presente em diversas produções, que consiste nos valores burgueses que visam fundamentalmente o lucro.

As classes sociais são formadas quando se constituem determinadas relações de produção ou outras relações derivadas delas, que expressam uma determinada divisão social do trabalho (VIANA, 2007). A luta de classes acontece somente com a existência das classes sociais, com seus conflitos de interesses, exploração e a luta em torno das relações de produção.

Uma vez que existe a dominação, bem como a luta de classe, é preciso compreender que ela está presente em diversas produções culturais dentro desta sociedade. Neste sentido, dentro da produção de histórias em quadrinhos, também existe uma luta entre perspectivas. Porquanto, conforme Marques (2018, p. 30-31),

As produções culturais críticas, no entanto, são amplamente marginalizadas, por não compartilharem dos valores burgueses e divulgarem uma cultura proveniente das classes oprimidas e exploradas, pautadas em valores axionômicos. Dessa forma, produções culturais que manifestam críticas da sociedade não têm espaço no mercado distribuidor.

Dessa forma, predomina uma falta de crítica nas histórias em quadrinhos, pois o mercado editorial é dominado por produções que manifestam valores axiológicos, que não somente promovem e disseminam suas ideologias, mas também favorece o lucro e dificulta que produções que manifestam valores axionômicos tenham espaço. Contudo, mesmo havendo uma hegemonia de produções burguesas, isso não impede a existência de histórias em quadrinhos do gênero superaventuras que manifeste a crítica social.

Realizado este estudo e sistematização do que compreendemos por luta cultural, no próximo tópico dedicaremos a apresentar o universo ficcional de Fantar. Com isso teremos condições de analisar o seu conteúdo a partir do conceito de luta cultural que aqui foi apresentado.

Histórias em Quadrinhos: um estudo sobre Fantar

Como apresentado na introdução deste texto, analisaremos, a partir do conceito de Luta Cultural, a história em quadrinho de Fantar. Esta HQ brasileira, do gênero superaventura, foi criada por Milton Mattos com desenho de Edmundo Rodrigues na década de 60, publicada pela editora G.E.P em São Paulo e teve quatro números publicados¹.



A super-aventura de Fantar traz como personagem principal o super-herói Fantar, um monstro gigante, musculoso e esverdeado; com aspecto de lagarto, olhos vermelhos e com o semblante fechado, fugindo do estereótipo de bom moço que se era apresentado anteriormente por outros super-heróis, como pode ser observado na figura ao lado. Fantar, possui escamas nos

Figura 1: Capa Revista Fantar nº 2 e nº 3

¹ Essa primeira parte, de apresentação sobre a história de Fantar, bem como suas principais características etc., já foi apresentada em Martins (2018), Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE), disponível em <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/12524>. Porquanto, devido ao fato de termos disponíveis fisicamente as revistas de número 2 e 3, que é uma raridade de se encontrar, apresentaremos aspectos, imagens e detalhes que não tinha sido possível de se fazer anteriormente.

braços que são semelhantes às de um peixe e dispõe de uma crista na cabeça. É um super-herói com irritabilidade fácil, e muitas de suas ações são causadas pela sua raiva.

Na revista de número 2, publicada em 1967, com o título “Fantar a Ameaça de Tunamar”, a história gira em torno de uma ameaça de invasão de uma sociedade marinha chamada Tunamar, que há milênios foi condenada pelos humanos a viverem debaixo d’água, com sede de vingança seus habitantes planejavam destruir a superfície terrestre. Fantar, que estava no mar tentando destruir as embarcações, é puxado para o fundo do mar através de uma fenda que o leva ao reino de Tunamar. Ao chegar lá é surpreendido com um exército marinho que se dirigia em sua direção.

Por Fantar ter escamas parecidas de peixes e nadadeiras possui muita habilidade para se locomover e lutar no fundo do mar. Em decorrência de suas habilidades uma batalha contra o exército integrado por seres marinho é travada, até com polvo gigantesco nosso super-herói luta. Fantar nota a presença de uma usina atômica, e ao se aproximar dela algas envolve seu corpo provocando queimaduras para impedir sua ação. Mas com resistência e força Fantar consegue explodir a usina e com isso uma grande explosão ocorre no fundo do mar acabando com todo reinado e monstros aquáticos. Assim, Fantar salva a superfície terrestre de uma invasão marinha.



Figura 2: Fantar, Rev. 3, p. 14.

A revista de número três, com o título “Fantar e os discos voadores!” inicia com Fantar fraco, quase do tamanho de um homem, perdido na floresta amazônica. A O.S.S. (Organização dos Setes Sábios) tenta localizá-lo através de dois soldados da

FAB. Fantar é localizado pela O.S.S. que planeja detê-lo de alguma forma. Surpreendentemente Fantar é atingido por discos voadores. Extraterrestres tentam invadir a terra e a floresta amazônica seria o lugar ideal para sua base de operações. Mas eles se deparam com o monstro gigante e começam um ataque, aplicando um raio desatomizador. Mesmo atingido Fantar luta com os alienígenas numa batalha dura, e por causa do raio desatomizador ele perde a força e tamanho e começa a raciocinar como humano, usando tática para se defender.

Depois de uma luta difícil os extraterrestres desistem da invasão. Fantar termina esta batalha muito fraco e precisando de átomos para recompor suas forças.

Enquanto isso a O.S.S. desenvolve uma máquina que consegue mudar a forma e o tamanho de Fantar no momento que quiser. Com isso o monstro está novamente nas mãos da organização realizando seus desejos, e isso cria em Fantar uma briga de consciência. Ele fica confuso para realizar ou não as ordens da organização, mas a indução dos Sete Sábios² é mais forte. Como a HQ teve quatro números tivemos acesso a apenas duas não foi possível saber do desfecho desta história, se Fantar continua controlado pela organização ou se retoma a consciência sobre seus atos.

Fantar e a Luta Cultural

O objetivo aqui neste tópico é enfatizar alguns aspectos das histórias de Fantar que manifestam a luta cultural. Um primeiro ponto a ser destacado é quando a organização dos Sete Sábios transforma um humano em um monstro atômico, verde, gigantesco. Essa ação pode ser comparada com a burguesia, que sempre busca por inovações tecnológicas para a reprodução do capitalismo. Outro aspecto que pode ser interpretado como expressão da luta cultural é a dominação que a organização propõe estabelecer sobre Fantar. A organização se manifesta como se fosse a classe dominante, que busca criar e descobrir tecnologias inovadoras para utilizar como mecanismo para favorecer o lucro.

Já Fantar representa a classe oprimida, o proletariado, que cansado de tanta exploração utiliza de sua força para acabar com a dominação que sofre. Fantar é visto como uma ameaça para a sociedade por ser um monstro gigantesco, por manifestar

² A Organização dos Sete Sábios (O.S.S.) é uma organização que tem como objetivo dominar a terra. Para realizar seu objetivo ela utiliza de experimentos científicos, assim a organização transformou um ser humano num monstro atômico (Fantar) para invadir e destruir tudo pela frente.

a vontade de destruir tudo e todos. Contudo, ele quer destruir todos os seres humanos por imaginar que todos são integrantes da O.S.S., os quais querem o prender e



Figura 3: Fantar, Rev. 2, p. 8.

dominar. Isso remete à não aceitação do que é imposto para ele.

Fantar foi publicado em 1967, em São Paulo, e expressam em suas histórias elementos presentes no Brasil naquela época. Na revista de número 03, por exemplo, o autor faz questão de ressaltar que os soldados da FAB, com avião dotado de alta tecnologia, auxiliam a O.S.S. localizar Fantar, dando a entender a boa atuação da Força Aérea Brasileira num período que o Brasil passava por uma ditadura militar.

Outro ponto na superaventura de Fantar é o fato dele ser chamado por alguns de anti-super-herói, em decorrência de sua vontade de destruição. Na própria fala de Fantar menciona “Destruição! Destruição! Não poderei perdoá-los!”. Ele é visto como uma ameaça a todos. Mas ele também se sente ameaçado e tenta se salvar.

No entanto, Fantar salva a terra sem ter a consciência de que está protegendo e salvando a vida daqueles que ele quer destruir (o pessoal da O.S.S.). Na luta de classe isto é observado na classe dominada que muitas vezes sem ter outra opção e consciência está ajudando aqueles que quer somente explorar a sua mão de obra, a burguesia.

Considerações Finais

As produções culturais (música, livros, CDs, revistas em quadrinhos etc.), expressam valores e uma forma cultural específica. Portanto, integram a dinâmica da luta de classes, e enquanto expressão cultural, expressam também a luta de classes no plano da cultura, gerando assim a luta cultural. Este resultado sobre a luta cultural foi alcançado através do estudo realizado no primeiro momento da pesquisa. Em seguida dedicamos a aplicá-lo no estudo de dois gibis do super-heróis brasileiro Fantar.

Nesse sentido, podemos afirmar que a hq de Fantar integra a dinâmica da luta cultural. Há a manifestação de uma perspectiva crítica, quando demonstra querer lutar contra aqueles que ameaçam a sua liberdade. Isso fica claro principalmente quando ele está refletindo sobre sua existência, momento que entra em conflito consigo mesmo no sentido de decidir se deixa-se ser dominado ou se resiste, como podemos observar na figura abaixo.

A compreensão do conceito de luta cultural não foi algo fácil, demandando muitas reflexões e estudo. O que se verificou é que para compreendê-lo é necessário entender a dinâmica da luta de classes, consequentemente, a sociedade capitalista. Além disso, não foi simples também analisar os quadrinhos utilizando dos pressupostos da luta cultural.



Figura 4: Fantar, Rev. 3, pág. 6.

Por fim, destaco que as revistas das histórias de Fantar demonstraram serem ricas em informações no que diz respeito à luta cultural. Com a fonte em mãos foi mais fácil apresentar características que antes não foi possível acessar. No decorrer da hq, através da relação do Fantar com a Organização do Sete Sábios, conseguimos fazer comparações com a nossa própria sociedade. Buscamos estabelecer uma relação da O.S.S. com a classe dominante e Fantar com a classe explorada e oprimida pela busca de libertação.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás, ao Conselho Nacional de Pesquisa e ao professor Edmilson Marques por esta oportunidade de fazer parte do seu projeto, que possibilitou a continuidade da pesquisa sobre a superaventura de Fantar.



Referências

- GEP. **Fantar e a ameaça de Tunamar! Nº2**. Rio de Janeiro: Penteado Ltda, 1967.
- _____. **Fantar e discos Voadores! Nº3**. Rio de Janeiro: Penteado Ltda, 1967.
- MARQUES, Edmilson. **Histórias em Quadrinhos: valores e luta cultural**. Curitiba: Appris, 2018
- _____. **Quadrinhos e luta cultural**. Revista Espaço Acadêmico, n. 202, ano XVII, Março de 2013.
- VIANA, Nildo. **Hegemonia e Luta Cultural**. Revista Sociologia em Rede, vol. 5 num. 5 2015.
- _____. **Luta Cultural e Propaganda Revolucionária**. Revista Enfrentamento, Ano 02, no 03, Jul./Dez. de 2007.
- _____. **Marx e a Luta Cultural**. Revista Enfrentamento, v. 09, p. 7-19, 2014.
- _____. **Os Valores na Sociedade Moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

OCTO MARQUES: diálogo com a arte social do pintor Vilaboense (1915-1988)

Ruan Lucas Marciano¹

UEG Câmpus Cora Coralina Endereço: avenida dr deusdete ferreira de moura

Resumo: Esta pesquisa foi feita com base na trajetória do pintor vilaboense Octo Marques (1915-1988), que marcou sua carreira por pintar e ilustrar seus contos, além de desenvolver desenhos em caneta bico de pena. Para isso será mostrada a importância do estudo biográfico dentro da história científica logicamente com suas limitações. Já durante a parte de desenvolvimento da pesquisa será proposto o uso de documentos analisados com os devidos autores de análise de imagens e cotidiano problematizados nessa pesquisa, a exclusão do pintor dentro de eventos e organizações como a O.V.A.T que não apontam as contribuições do pintor durante sua vida. Será usada a entrevista que realizei com Elder Rocha Lima em 2019, para questionamento da atuação de Octo Marques e seu impacto como ponte de cristalização do cotidiano da Cidade de Goiás. Por fim será apresentada uma imagem para exemplificar o estilo e incorporação do autor através de sua memória, e seu inconformismo em mostrar não apenas os prédios da cidade colonial, mas também sua circulação diária.

Palavras-chave: Pintura. Patrimônio. Inconformismo.

Introdução

O presente resultado de pesquisa visa analisar as obras do artista plástico e literário Octo Outurino Marques (1915-1988), nascido e falecido na cidade de Goiás. O artista vilaboense ficou conhecido por suas obras feitas em caneta bico de pena e óleo sobre tela, notadamente lembradas por seu traço primitivista que, de forma bem realista, retrata a vida e o cotidiano dos cidadãos pobres da antiga capital do estado de Goiás. Ainda que não fosse reconhecido como outros influentes nomes das artes plásticas ou da literatura na Cidade de Goiás, sua produção pictórica causou-nos interesse investigativo, especialmente, porque suas imagens estabelecem profundo diálogo com seu legado literário.

Será feito o embasamento das discussões sobre o recurso biográfico como ferramenta da história científica, o uso do texto “A ilusão biográfica” de Pierre Burdieu (1986) possibilitara a reaproximação entre história e biografia, que, no

¹ Aluno de Iniciação Científica PIBIC/UEG. Graduando em História pela universidade Estadual de Goiás, orientado pela Professora Dr^a. Raquel Miranda Barbosa no projeto “ARTE E CULTURA NA CIDADE DE GOIÁS: A “INVENÇÃO” DA CIDADE-PATRIMÔNIO EM GOIANDIRA DO COUTO (1965-2001)”

E-mail: ruanueg@gmail.com



entanto, não muda a análise de estrutura local do ambiente que o personagem estava inserido. Junto a isso usarei também a entrevista feita com Sabina Loriga (2012) intitulada de “A biografia como problema”, que da continuação aos debates dentro da história científica e o uso de personagens que geralmente são pouco estudados e viabilizados nas pesquisas acadêmicas, denominando esse método de *micro-história*.

Dentro da linha metodológica formei as etapas a serem seguidas para a construção da pesquisa. Primeiro utilizei autores que debatem sobre os aspectos cristalizados em uma imagem, e como devem ser analisadas com o intuito de diferenciar as noções pictóricas íntimas do pintor e os questionamentos que devem ser feitos durante a fase de observação e problematização das pinturas. Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997) debatem entorno do uso e apropriação de imagens nas pesquisas e em como elas podem cumprir o papel de fonte primária. Maria Eliza Linhares Borges (2011) discorre sobre as informações trazidas por meio de imagens e como podemos nos aproximar do que o autor quis retratar.

Por fim realizei uma entrevista com Elder Rocha Lima, artista plástico, cronista e crítico de arte, que teve um breve contato com Octo Marques durante sua infância dizendo ser uma de suas referências artísticas para o começo de sua carreira. Retratou uma porcentagem da carreira de Octo Marques debatendo sobre seu estilo e interesse nítido em cristalizar a Cidade de Goiás em suas pinturas.

Apresentadas as contribuições para o norteamento de minha pesquisa, irei citar os aspectos que consegui graças aos registros documentais dos arquivos do Museu das Bandeiras e Arquivo Frei Simão Dorvi, ambos localizados na Cidade de Goiás no qual consegui contato com os documentos.

Material e Métodos

O foco aqui é dar o sentido e valor proposto por uma pesquisa de cunho individual que, porém, traduz a vida cotidiana dentro de um espaço elitizado no século XX. A partir dos estudos sociais desenvolvidos ao longo dos séculos XVII e XVIII, cria-se o afastamento da história e sujeitos específicos que não fossem

especialmente participantes das classes dominantes, objetiva-se nesse período estudar o meio social, entender as relações de poder através do coletivo.

Pensadores como Sabina Loriga (2012) e Pierre Burdieu (1986) debatem o retorno da *micro-história*, logicamente nessa linha de pesquisa de sujeitos como fonte primária, são debatidos os âmbitos de localidade e conjuntura, até mesmo para a interpretação de atitudes e ocasiões feitas pelo sujeito. No entanto, há uma diferença entre uma *biografia* e *história biográfica*, ambas retratam um sujeito em específico, porém, relatam de forma diferente sua fonte. A *biografia* possibilita o contato efêmero do sujeito com o leitor, onde não há problematização e criação de uma hipótese de importância do sujeito para o trabalho, utiliza apenas aspectos informativos básicos. Enquanto a *história biográfica* utiliza métodos já conhecidos pela ciência da história para problematizar as fontes e vincular a existência do sujeito com sua trajetória histórica.²

Todavia, é importante lembrar do teor da cientificidade necessário para o trabalho, embora seja preciso recorrer a outros aparatos como ferramenta, ainda assim a pesquisa precisa atender o rigor científico na tentativa de responder as hipóteses cogitadas ao longo da pesquisa, por isso utilizei também autores como; Pesavento (2005) em seu texto **“Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica”** que reflete sobre a noção e deveres que o historiador terá que seguir durante a pesquisa científica, assim como Certeau (1982) no livro **“A escrita da história”**, que foram leituras feitas para aprimorar a consciência histórica e pontos para a abordagem sistemática e factual.

Já para analisar imagens requer estudo dos costumes, dos meios de vivência, enfim, da historicidade que elas carregam em si. Metodologicamente, cabe ao pesquisador investigar o que está dentro, em torno e fora das imagens objetivando extrair destas fontes seus discursos e pensamentos. De acordo com Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), a imagem pode ser uma representação das singularidades de uma época. Portanto:

(...) esta nova perspectiva documental é uma total transformação da ótica tradicional da história. Não mais uma história do individual, das singularidades de uma época, sintetizada na idéia de uma narrativa dos

²Esse parágrafo é uma pequena síntese de dois textos; “A ilusão biográfica” de Pierre Burdieu (1986) e uma entrevista feita com Sabina Loriga (2012) intitulada de a “biografia como problema”



grandes fatos e dos grandes vultos. O que está em questão, a partir de então, é o desvendamento das especificidades de épocas históricas, compreendidas a partir de seu caráter individual. (MAUAD e CARDOSO, 1997, p.569)

De acordo com Maria Eliza Linhares Borges (2011, p.79) instrui que fotografia, as imagens em geral, possibilita um campo do saber complexo, pois ela demonstra através de sentimentos, a realidade vivida dentro e fora de seu tempo. As imagens são documentos polissêmicos e, por essa razão, possibilita ao historiador apreender o que elas pensam, falam e mostram. Esse exercício de ver além do aparente, requer método e rigor científico.

O autor Michel de Certeau em seu Livro “A INVENÇÃO DO COTIDIANO” como referência principal para este aspecto que proporciona imaginar e criar hipóteses sobre as obras do artista. Para isso, a análise de suas obras deverá ser registrada com base nos personagens que a compõem, como: as lavadeiras, sapateiros, peões e vendedores de quitutes, que percorrem a cidade ao longo da maior parte do dia, realizando tarefas distintas, ou seja, aqueles que cresceram em um meio de observação dos mais velhos e aperfeiçoaram a arte de fazer com maestria.

Em Certeau (1998), o cotidiano se dá por meio da concretização da ação do homem na sociedade, ou seja, aquilo que o distingue, criando rotinas próprias e o reconhecimento de seu afazer diário, contudo, ele não deixa de ser um coletivo, levando em consideração que à necessidade dele estar dependendo de outros indivíduos com características diferentes da sua para que possa obter materiais necessários para sua *arte do fazer*. Entender a história de personagens induz consequentemente no pensamento coletivo, e na interpretação de determinados indivíduos dentro da realidade social no qual ele conviveu.

Resultados e Discussão

Essa parte da pesquisa foi elaborada com base na entrevista realizada com Elder Rocha Lima³ no dia 13 de março de 2019. Parafraseando, Elder Rocha Lima

³ ELDER Rocha Lima. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

nascido em 1928 é artista plástico da Cidade de Goiás, e crítico de arte, e autor da obra “OCTO MARQUES: Trajetória de um artista” (2009), se trata da biografia de Octo Marques na qual, ele retrata a trajetória de vida do artista, ressaltando de modo crítico o seu esquecimento pela comunidade Vilaboense. No entanto, não é considerada uma pesquisa com base científica, problematizada e discutida.

Octo Marques viveu de forma simples na antiga capital do estado de Goiás, seu contato com a simplicidade sempre o acolheu para sua retratação do conjunto social. Sua primeira influencia artística foi a proximidade com o detento da casa de câmara e cadeia da Cidade de Goiás chamado Pedro, que em troca de alguns quitutes que vendia para a sua mãe o ensinava técnicas de pintura com carvão. Como também a convivência de um amigo de seu pai Pedro Valentim Marques, tratava-se de Martiniano que segundo Lima (2009) pousava em sua casa e consequentemente Octo Marques consumia de sua sabedoria artística principalmente da condição social mostrada em suas obras.

Segundo Elder Rocha Lima, quando perguntado sobre a problemática de falta de preservação da memória de Octo Marques, ele reporta a falta de compromisso em eventos formais ou de encontros políticos, resalta que sempre sobre a temática de tombamento de suas pinturas ou criação de um memorial, é considerada como uma “boa ideia” mas não demonstram atitudes que possibilitam a atuação de Octo Marques como um dos protagonistas da formação histórica de Goiás como patrimônio.

Um dado interessante, mas que pode ser problematizado em um outro período, é a formação da O.V.A.T (Organização Vilaboense de Artes e Tradições) criada em 1965 para preservar as tradições da Cidade de Goiás. Assim como em minha pesquisa, Faria (2018) aponta que também não encontrou documentos que citassem Octo Marques como participante de eventos ou até mesmo de suas exposições. De acordo com a autora os debates criados pela organização foram protagonizados por seus próprios idealizadores, ou seja, intelectuais e artistas que incluem Goiandira do Couto e Cora Coralina. (FARIA, 2018, p.93)

Embora esse fator desmotive a contribuição de Octo Marques para a Cidade de Goiás, o artista apreze com um discurso em 1968 no evento de agradecimento à João José Rescala ⁴na casa de Goiandira do Couto, onde agradece Rescala sobre o impulso e ajuda na valorização da Arte Goiana. Notei durante o levantamento de fontes que grande parte das obras encontradas na Cidade de Goiás, se deram a partir de 1968, em especial desenhos feitos com Caneta *bico de Pena* que irei utilizar para exemplificar alguns pontos sobre a temática abordada por Octo Marques. Todavia, a participação de Octo Marques parece efêmera se analisarmos a partir de documentos das instituições formadas por tradicionalistas da Cidade de Goiás.

Durante a vida de Octo Marques, é notável que ele tenta se estabelecer de outras formas além de sua pintura, como seu trabalho em Jornais de São Paulo como *Correio Popular* e *Diário do Povo*, não ocupando apenas a função de cronista e chargista mas foi revisor do jornal *Folha de São Paulo* e também publicou na revista do Rio de Janeiro *Vida Doméstica* (FARIA, 2018, p.19). Mesmo em seu período nômade, Octo Marques procurava manter seus aspectos de pintor primitivista publicando contos e os ilustrando, sempre com as características de construções coloniais e compondo sujeitos do cotidiano.

Sua trajetória obstrui as composições clássicas de pinturas de prédios da Cidade de Goiás, coloca elementos de sua memória e infância, bailes na roça, jogos de futebol, lavadeiras, peões tocando suas boiadas etc. É de se pensar que a não participação do artista nas instituições classistas do século XX na Cidade de Goiás, provavelmente possa ser pelo *inconformismo* do esquecimento das tradições cotidianas além da religiosidade focada para o processo de tombamento.

O uso de personagens é marcado por alguma atividade de moderação entre o que sobrou do processo colonial e as vidas que dão prosseguimento urbanístico do dia-a-dia de Goyaz. Portando irei propor a observação de um de seus desenhos ressaltando alguns pontos de minha escolha para reflexão que propus nessa pesquisa.

⁴ Rescala foi um restaurador, escultor e artista plástico do século XX que “redescobriu” as esculturas de José Joaquim da Veiga Valle. Para se situar mais acesse o “Dicionário Manuel Querino de Arte na Bahia” <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/joao-jose-rescala/>>

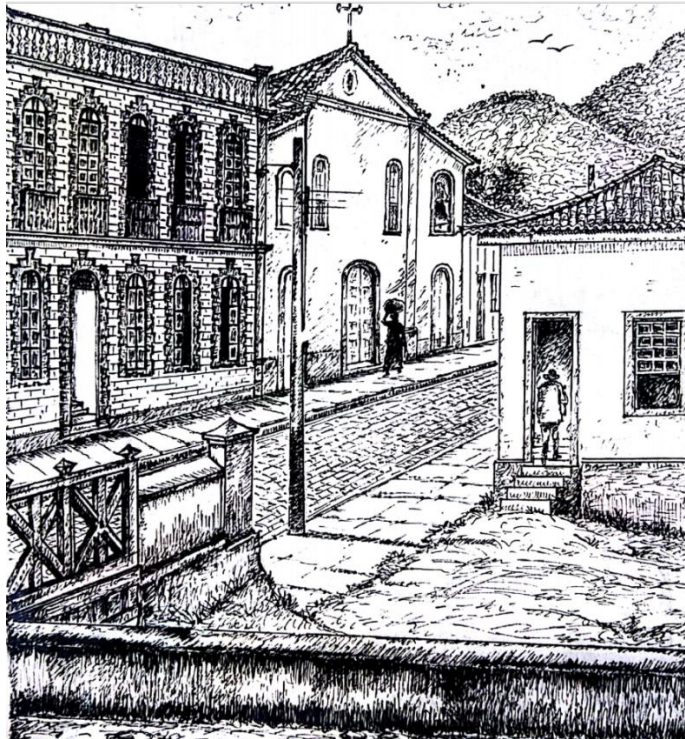


Figura 1: Octo Marques 1968, sem título. Fonte: Arquivo Frei Simão Dorvi

Esse desenho foi feito em 1968, trata-se de uma série de cartões nos quais não pude encontrar o motivo de serem feitos nesse formato. Foi desenhado com caneta Bico de Pena onde é possível perceber sua perspectiva primitivista, ou seja, seus traços únicos sem segmentos tradicionais. Caso não seja claro, Octo Marques não estudou em academias de artes para entender como se desenha, seu trabalho é fruto daquilo que ele via e retratava instintivamente em seus desenhos.

A construção ao lado direito é conhecida como Igreja Nossa Senhora do Carmo, planejada durante o século XVIII. A construção do prédio foi iniciada pelo governo que, no entanto, doou para a confraria dos *Homens Pardos e Crioulos* com o término da edificação em 1786, ela se estabelece ao lado do Hospital de Caridade São Pedro D'Alcântara fundado em 1825 na Rua Couto de Magalhães (COELHO, 1999, p.86). Além das duas construções é possível notar a ponte que liga os dois lados da Cidade de Goiás, tendo em mente que havia uma diferença grande entre esses dois pontos, dividindo as classes sociais de Vila Boa, os habitantes que moravam do lado dos grandes prédios governamentais geralmente compunham a alta classe, já os que moravam do lado do rio em que a Igreja Nossa Senhora do

Carmo é localizada foram considerados a classe abastada.

Podemos notar ainda a presença dos *sujeitos cotidianos* já citados em discussões anteriores, trata-se aparentemente de mulher carregando alguma mercadoria, água ou alimento, todas essas possibilidades são conseguidas através dos pontos comerciais do outro lado do rio. Na casa do lado oposto da rua, onde se encontra um homem, podemos supor que seja um peão já que a atividade rural era grande durante o século XX. Uma característica marcante das obras do artista são os dois Urubus sobrevoando o cerrado Goiano, no entanto, não consegui durante esse período de pesquisa definir sua finalidade.

Dados expostos, darei as conclusões feitas até aqui. por mais que se tenha a possibilidade de estudar e discutir tal artista, ainda é difícil discorrer sobre o termino da pesquisa, tendo em mente a complexidade gerada por um sujeito que não fazia questão de ser notado como um defensor de uma cidade fantasma e que sempre optou por colocar atores em suas telas e desenhos, diferentemente de Goiandira do Couto, que resguarda os prédios denominados pelo senso comum, como parte importante da herança colonial.

Assim como Goiandira, Octo Marques prevalece como um preservacionista da arquitetura, mas destaca em suas obras, a vida que percorre ruas e becos da Cidade de Goiás, possibilitando a quem observa suas obras hoje o despertar da imaginação sobre o cotidiano do século XX.

O *inconformismo* já citado, pode ser lido como a consequência de um sujeito que não se denominava como um guardião apenas da herança colonial deixada pelos bandeirantes, mas uma pessoa que sabia da beleza gerada pela pluralidade cultural existente na Cidade de Goiás. Isso exemplifica a possível ausência de relatos da O.V.A.T, que não mencionam homenagens ou registros de Octo Marques, mesmo com sua presença em eventos comemorativos como em seu discurso à João José Rescala.

Considerações Finais

O desenvolvimento desse trabalho possibilitou a comparação de Octo Marques com Goiandira do Couto, e deixou brevemente as conclusões e motivos



para a invisibilidade do artista após sua morte. Da não presença dele em eventos que podem demonstrar a falta de reconhecimento com o artista no processo de revalorização da Cidade de Goiás. O *cotidiano* pode ser visto através dos personagens e atores vivos em suas telas e desenhos, sempre representados de forma simples, mas com sua função dentro de uma cidade que os distingue.

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe Ilma Marciano, heroína que me deu apoio, incentivou nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Agradeço também a minha orientadora Dr^a. Raquel Miranda Barbosa, que sempre esteve ao meu lado acompanhando e contribuindo com minha pesquisa.

Meus *agradecimentos* aos amigos Matheus Gomes Batista, Lucas da Silva Melo e Pedro Dalla Porta, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte do processo de pesquisa.

Minha companheira Luciene por me apoiar e acompanhar a trajetória.

A Sílvia Zeferina de Faria, que me disponibilizou seu trabalho (REGISTROS DE UM CRONISTA VISUAL: Tradição e Preservacionismo na Obra de Octo Marques (1930-1988) e me incentivou a continuar minha pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Referências

AMARAL, Clinio de Oliveira; ALMEIDA, Por Ana Carolina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 9, n. 1, p.1-12, 11 jun. 2012. Anual. Disponível em: <file:///C:/Users/RUAN%20LUCAS/Downloads/473-1875-1-PB%20(5).pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas. 2006.



- CERTEAU, Michel de. **A ESCRITA DA HISTORIA**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982. 315 p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. 351 p.
- COELHO, Gustavo Neiva. **Guia dos bens Imóveis tombados em Goiás**. Goiânia: Trilhar Urbana, 2001.
- FARIA, Silvia Zeferina de. **Registros de um Cronista Visual: Tradição e preservacionismo na Obra de Octo Marques**. 2018. 150 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação Território e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.
- LIMA, Elder Rocha. **Octo Marques: Trajetória de um artista**. Goiás: Iphan, 2009. 106 p.
- MARQUES, Octo. **Casos e lendas de Vila Boa**. Goiânia - Go: Gráfica O O Popular, 1977. 148 p.
- MARQUES, Octo. **Colcha de Retalhos: Casos e Crônicas**. Goiânia: Editora da Ufg, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os Olhos no Passado: Cidade como Palimpsesto. In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; ZANIRATO, Silvia Helena (Org.). **Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica**. Maringá: Editora Eduem, 2005. Cap. 5. p. 111-120
- Documentos:
- Figura 1: Arquivo Frei Simão Dorvi
- Discurso de Octo Marques à João José Rescala: Arquivo Frei Simão Dorvi
- Leitura de Jornais que não foram Citados: Correio Oficial, Jornal do Povo, O Popular.
- Encontrados no Arquivo Frei Simão Dorvi e Arquivo do Museu das Bandeiras.

O FUTURO PARA ALÉM DA TERRA: uma análise do filme *Interestelar*

Anderson de Paula Ribeiro Castro¹ (IC)*
Marcelo Gustavo Costa de Brito² (PQ)

Av. Universitária, S/N - Nordeste, Formosa - GO, 73807-250

Resumo: Esta pesquisa busca compreender as consequências e benefícios decorrentes do desenvolvimento acelerado do conhecimento tecno científico sob a égide da ideologia do progresso, contextualizando questões fomentadas ainda na metade do século anterior pela filósofa Hanna Arendt que se mostram extremamente contemporâneas à obra fílmica do diretor e roteirista Christopher Nolan, *Interestelar*, lançado em 2014, que materializa tais questões ao explicitar a relação insustentável do ser humano com a natureza – em virtude de sua exploração desenfreada, irresponsável e irreversível dentro da finitude dos recursos naturais –, evocando fenômenos históricos marcantes e projetando um futuro fora do planeta terra amparado pela ciência moderna.

Palavras-chave: Ciência; Progresso; Tecno científico; Natureza;

Introdução

“O FUTURO COMEÇOU SÁBADO”, estampava a capa da revista *Veja* na sua primeira edição do ano de 1969³. A revista se referia ao evento de 21 de dezembro de 1968, quando três astronautas, a bordo da Apollo-8, partiram para a primeira viagem espacial americana à Lua:

Entre 1900 e 1950 o homem dobrou o conhecimento que adquirira da natureza durante 100 mil anos. De 1950 a 1960, uma nova explosão de conhecimento, equivalente à dos cinquenta anos anteriores. O progresso sempre mais rápido, mais rápido: o último salto para tornar-se duas vezes mais sábio exigiu do homem apenas seis anos (de 1960 a 1966, mais uma duplicação de conhecimentos científicos, segundo os sociólogos). Finalmente, um clímax: num sábado, 21 de dezembro de 1968, três homens saíram da Terra pela primeira vez; viajaram sete dias e seis noites no céu, viram a Lua, voltaram. No sábado seguinte, quando aqueles três heróis descansavam, todos os outros homens viram que tinham pela frente o futuro, fascinante, vertiginoso. E quiseram saber aonde os levaria esta corrida sem fim, irrefreável.⁴

O progresso, a evolução, a chegada do futuro... todo esse imaginário tipicamente moderno havia sido acionado com especial intensidade nesses anos de corrida espacial. Na citada capa da revista *Veja*, ilustrando a manchete, havia uma

¹ Graduando em História, PVIC/UEG, Campus Formosa. email: andersoncastro2301@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus Formosa. Formosa-GO.

³ Revista *Veja*, 1º de janeiro de 1969, nº 17, Editora Abril.

⁴ “Vejam quem chegou de repente: o futuro” in Revista *Veja*, op.cit., p.30.



imagem ao fundo do “Homem de Neanderthal” de 33.000 a.c, carregando sua recém-criada ferramenta tecnológica, um osso que se transformou em arma; e a ela sobreposta, em primeiro plano, uma imagem de James Loyell, capitão da Apollo-8, já em seu traje de viajante do espaço. Sim, dois momentos separados por milhares de anos que, sobrepostos, compunham uma narrativa que sugeria a genialidade humana, a sua incontestável evolução, o imenso universo que se colocava como possível de ser conquistado graças ao progresso tecnocientífico próprio ao mundo moderno... ou não? Hannah Arendt, alguns anos antes, em 1963, ao responder se “A conquista do espaço pelo homem aumentou ou diminuiu a sua estatura?”, apresenta uma compreensão diferente deste franco otimismo ao problematizar tais conquistas não apenas do ponto de vista da ciência, mas da condição humana geral.⁵ Esta pesquisa retoma a provocação de Arendt, tanto para afirmar sua atualidade como para pensá-la meio século depois. Durante esse período, foi visível a intensificação da ideologia do progresso, ancorada na aceleração tecnológica impulsionada pela aceleração do capitalismo.

Em artigo acadêmico publicado em 1993, o escritor de ficção científica Vernor Vinge nomeou esse processo de aceleração tecnológica como *Singularidade Tecnológica*. Em “*The Technological Singularity*”, Vinge introduz a idéia de que “estamos no limiar de uma mudança comparável ao surgimento da vida humana na Terra. A causa precisa dessa mudança é a iminente criação pela tecnologia de entidades com inteligência superior à humana”. Vinge, pensando nos avanços da Inteligência Artificial, vinculou tal idéia ao intelecto sobre-humano, porque, para ele, “a sobre-humanidade é a essência da Singularidade.” Sobre a tese de Vinge, o sociólogo professor da Unicamp Laymert Garcia dos Santos comenta:

E foi ainda Vinge quem estabeleceu uma analogia entre esse acontecimento [a Singularidade] e o surgimento do homem na perspectiva da evolução das espécies, ao afirmar que estávamos entrando num regime tão radicalmente diferente do de nosso passado humano quanto foi o dos homens com relação aos animais

⁵ A questão foi formulada pelos organizadores de *Great Ideas Today* para um “Simpósio sobre o Espaço”. O teor da resposta não deveria se limitar ao âmbito do homem como cientista, mas como humano, no seu todo. Cf. “A Conquista do Espaço e a Estatura Humana” in ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.



inferiores. Assim, tal analogia, ao mesmo tempo em que anunciava a “superação” da espécie, consagrava o advento da era pós-humana.⁶

Para esta pesquisa, o filme “Interestelar”, de Christopher Nolan, lançado em 2014, será a fonte principal. A partir desta fonte fílmica, pretende-se retomar a questão proposta por Hanna Arendt meio século depois, informado pelos debates que refletem sobre a aceleração tecnológica e o fenômeno da Singularidade. Qual seria a visão colocada pelo filme nesse debate?

Material e Métodos

Teoricamente, no campo da História, me apoio principalmente nos conceitos de “representação” e “narrativa” como trabalhados pela História Cultural. A partir dessas categorias, procuro refletir sobre a maneira como o avanço tecnológico, característico da modernidade, está sendo representado em narrativas fílmicas futuristas. Em que medida, na luta entre representações para definir o real⁷, as ficções científicas colocam-se como espaço de debate quanto ao desenvolvimento tecnológico tido como inevitável, tratado como símbolo do progresso humano desde a ascensão da razão iluminista moderna?⁸

Para esta pesquisa, o filme “Interestelar”, de Christopher Nolan, lançado em 2014, foi a fonte principal. A partir dela foi feita uma interlocução com a filósofa Hanna Arendt, de forma a refletir sobre o avanço da tecnociência ligado à condição humana. Além disso, pretendo refletir sobre o uso, quase um século depois, de imagens ligadas a um trauma do passado americano, o Dust Bowl, na projeção de um futuro em que a conquista do espaço pode ser a única opção para a sobrevivência da espécie. É interessante perceber como esse trauma foi evocado no filme de Christopher Nolan, sem referências explícitas, e como o diretor projeta um horizonte de expectativa a partir deste espaço de experiência.

Resultados e Discussão

⁶ SANTOS, Laymert Garcia. “Humano, Pós-humano, Transumano” In NOVAES, Adauto (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir e São Paulo: Ed. SESC, 2008, p.51.

⁷ Conferir CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

⁸ “A racionalização de toda prática da vida é o meio de o Iluminismo atingir seu objetivo principal, qual seja, a entronização do sujeito racional e autônomo,” in KREIMENDAHL, Lothar. *Filósofos do século XVIII*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p.30.

Dirigido pelo britânico Christopher Nolan⁹, “Interestelar”, lançado em 2014 e produzido pelos estúdios Paramount Pictures, Warner Bros e Legendary Pictures, apresenta um cenário futuro no qual a continuidade da vida humana na Terra está ameaçada em função de desastres naturais causados pela ação humana. No filme, não ficam claras as condições temporais e espaciais em que o presente do enredo se passa, mas a partir dos personagens sabemos que aquele cenário é decorrente da exploração excessiva dos recursos naturais do planeta, consequência de uma sociedade em que bilhões de indivíduos viviam com base no consumo ilimitado. Deixando de lado a estética futurista presente em outras obras do gênero, Nolan opta por adotar uma estética coerente com o tempo da produção do filme, o início do século XXI, o que sugere que o tempo em que se passa a narrativa seria um futuro não muito distante.

Engenheiro e ex-piloto da NASA, Cooper, protagonista da obra, interpretado pelo texano Matthew McConaughey, vive em uma fazenda com sua filha Murph, seu filho Tom e Donald, pai de sua falecida esposa. A crise ambiental resultante das ações humanas faz com que a sociedade retroceda para um modo de produção agrícola, onde todas as preocupações e investimentos são direcionados para agricultura, reduzida ao cultivo de milho e cada vez mais comprometida pelas enormes tempestades de areia que varrem a superfície deixando destruição e miséria. Consequentemente a sociedade sofre uma transformação na qual profissões como a engenharia e outras áreas tecnocientíficas se tornam desnecessárias - o que fomenta uma certa aversão à ciência e tecnologia, em razão do direcionamento de toda atividade humana para a produção de alimentos que visa a ameaçada subsistência da população. Livros são reescritos negando feitos da humanidade como a viagem à Lua, sob a intenção de estimular a manutenção da nova organização social vigente e desestimular a ciência, em certa medida constituindo uma sociedade na qual o ensino nega o desenvolvimento tecnocientífico.

⁹ Cristopher Jonathan James Nolan, nascido em 30 e julho de 1970 na cidade de Londres, Inglaterra, recebeu atenção ainda por seus primeiros filmes, *Following* (1998) e *Momento* (2000). Dirigiu posteriormente filmes como *A Origem*, *Batman Begins*, *O Cavaleiro das Trevas* e *o Cavaleiro das Trevas Ressurge*. Nolan tem dupla cidadania nos Estados Unidos e Inglaterra, sua esposa Emma Thomas, com quem tem quatro filhos, trabalhou como produtora em todos os seus filmes.

Um fenômeno estranho ocorre no quarto de Murph, que deduz serem fantasmas os responsáveis por derrubar os livros das suas prateleiras. Logo Cooper descobre que o quarto de sua filha é palco de uma anomalia gravitacional, que em contato com o acúmulo de poeira proveniente das tempestades, fornece dados binários que o engenheiro decifra como coordenadas que o leva a uma antiga estação espacial “desativada” da NASA, onde se depara com um grupo de cientistas liderados pelo professor John Brand (Michael Caine), que depois de colocar Cooper a par da situação o apresenta as ‘Missões Lazaro’, empreendidas dez anos antes do presente vivido pelos personagens.

Doze planetas potencialmente habitáveis, doze naves lançadas comandadas por bravos e honrados astronautas que dedicaram suas vidas em busca de uma forma da perpetuação da espécie. Diante desse cenário até então desconhecido por Cooper, lhe é ofertada, de forma quase que impositiva dada sua capacitação e especialização profissional, a oportunidade de pilotar a *Endurance* dando prosseguimento nas *Missões Lazaro*, orientado pelos dados obtidos acerca das possibilidades de vida em cada planeta, ou seja, avaliar os planetas com potencial para a vida humana de acordo com os dados enviados por cada componente da missão. Entra em cena aqui o elemento preponderante durante a narrativa, o amor entre pai e filha¹⁰, tornando difícil a decisão de Cooper de partir em uma viagem interestelar, submetido a todas as leis da física, podendo, caso retorne, encontrar sua família com o dobro de sua idade em função da dilatação temporal. Cooper decide partir na viagem – na qual aplicará todo o conhecimento advindo de sua capacitação e especialização profissional que foi consolidado durante sua carreira, sob o propósito de salvar a espécie humana da extinção encontrando um novo lar para a humanidade.

Para construção dos aspectos científicos do enredo, Nolan contou com o auxílio do físico teórico estadunidense Kip Stephen Thorne¹¹ que atuou como

¹⁰ "Quando vejo o filme agora, ainda não entendo tudo. Mas a parte principal não é sobre ciência", diz Jessica Chastain, que interpreta a filha de Cooper, Murph. "É sobre amor. É preciso sentir. Mesmo que o alcance seja grande, com a viagem espacial, no centro, a história é sobre um pai e uma filha." Cf. "Para Jessica Chastain, "Interestelar narra história entre pai e filha" in <http://on.ig.com.br/imagem/2014-11-04/para-jessica-chastain-interestelar-narra-historia-de-amor-entre-pai-e-filha.html>

¹¹ Membro do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech) desde 1967, Thorne é especialista prolífico sobre ondas gravitacionais e coautor do livro *Gravitation*. Sua pesquisa focou em estrelas relativísticas, buracos negros, buracos de minhoca, deformações no tempo e ondas gravitacionais.

consultor científico do filme, o que garantiu a “Interestelar” a verossimilhança necessária a partir dos mais recentes conhecimentos astrofísicos disponíveis. Outra estratégia narrativa de Nolan foi o uso de depoimentos de idosos que viveram aquele período devastador das tempestades de areia conhecido como Dust Bowl, explicando como se dava o cotidiano naquele cenário, elemento que transmite mais força dramática aos acontecimentos.

Em entrevista publicada pela revista *Veja* em 2014, quando questionado sobre a catástrofe ambiental apresentada no filme, Nolan diz:

Eu tinha na mente as imagens do Meio-Oeste americano à época da Depressão, quando se testemunhou uma das maiores catástrofes ambientais causadas pela ação humana de toda a história. Fui muito influenciado por *The Dust Bowl*, o documentário de Ken Burns, que contém imagens atordoantes da devastação. Outra referência foi a chamada fome da batata dos anos 1840 e 1850, quando os irlandeses, dependentes dessa colheita para sua sobrevivência, morreram ou tiveram de emigrar aos milhares ao ver suas plantações atingidas por uma praga que as dizimou. Há vários momentos na história em que comunidades se viram em situação de extrema vulnerabilidade em relação ao ambiente, e é esse o quadro que pretendo evocar.¹²

Nolan evoca um trauma no imaginário coletivo dos americanos – que de alguma maneira estão ou estiveram ligados àquele passado, projetando uma ideia de futuro que se pauta em seu próprio espaço de experiência. Pois, de acordo com Reinhart Koselleck, experiência e expectativa são categorias capazes de entrecruzar o passado e o futuro¹³. Nesse sentido, ao recuperar este trauma e introduzi-lo em outro universo como fator problema que impulsiona uma série de mudanças, dentre elas sociais, bem como a própria relação de vulnerabilidade do homem com a natureza, o espaço de experiência é transformado e consequentemente faz com que o horizonte de expectativa seja lançado em outra direção, ao espaço.

O evento conhecido como ‘Dust Bowl’ ocorreu nos Estados Unidos da América a partir de 1914 quando a Turquia impediu o fornecimento de trigo russo e os estados norte-americanos de Kansas, Colorado, Nebraska, Oklahoma e Texas se lançaram maciçamente ao seu plantio. Seguindo a prática agrícola da época os

Vencedor de prêmios como Lilienfeld da Sociedade Americana de Física, a medalha Karl Schwarzschild da Sociedade Astronômica Alemã e a medalha Albert Einstein da Sociedade Albert Einstein. Recebeu também, em conjunto com Rainer Weiss e Barry C. Barish, o Prêmio Nobel de Física de 2017.

¹² NOLAN, Christopher. Em outro mundo. Entrevista concedida a Isabela Boscov. Revista *Veja*, 2014. “Disponível em:” <<https://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov/interestelar/>>

¹³ Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa”, In *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2006.

agricultores pulverizaram o solo por meio de sucessivas arações visando aumentar a retenção de água, sem prestar atenção que um solo sem estrutura estaria mais suscetível a erosão eólica.¹⁴

As consequências deste fenômeno foram diversas, causando impacto direto em diferentes esferas da sociedade, desde a economia à saúde. As tempestades de poeira que assolaram as grandes planícies do meio-oeste provocaram a maior migração da história do país em um curto espaço de tempo, entre as décadas de 1930 e 1940. Considerada como um dos principais celeiros agrícolas do país, as perdas impactaram diretamente a economia americana – já em turbulência devido a *Grande Depressão de 1929*¹⁵, obrigando inúmeros fazendeiros a abandonar suas terras pela incapacidade de arcar com os custos excessivos da perda de safra e gado.

Muitas das planícies foram aradas nas décadas anteriores à década de 1930, enquanto as culturas de trigo se expandiam para o oeste. Infelizmente enquanto as ervas de pradarias naturais podem sobreviver a uma seca, o trigo que foi plantado não conseguiu e, quando a precipitação caiu, ela se encolheu e morreu, expondo a terra descoberta aos ventos. Esta foi a principal causa da erosão do vento e terríveis tempestades de poeira que atingiram as planícies na década de 1930. Nunca houve tempestades de poeira como estas em secas anteriores. Nos piores anos da década de 1930 em quase um quarto de dias, a poeira reduziu a visibilidade para menos de uma milha. Mais terra foi perdida por erosão do vento do que o Mississippi levado ao mar. Embora os números não sejam conhecidos, centenas, senão milhares de residentes das planícies morreram de ‘pneumonia por poeira’, um eufemismo para entupimento dos pulmões com sujeira.¹⁶

A vulnerabilidade do homem em relação à natureza que impulsiona uma jornada em busca de um novo lar para a humanidade, fato sobre o qual gira o enredo de “Interestelar”, coloca em evidência a discussão proposta pela filósofa Hannah Arendt¹⁷, publicada pela primeira vez em 1963, ao discorrer sobre a

¹⁴ RODRIGUES, Efraim. *Ecologia da Restauração*. Editora Planta, 2013. p.58.

¹⁵ Período de crise econômica mundial ocorrido entre 1929 e 1933, atingindo em primeiro lugar os Estados Unidos da América, espalhando-se em seguida para Europa e o restante do mundo.

¹⁶ Ben Cook (NOAA); Ron Miller (NASA GISS); Richard Seager (LDEO). As tempestades de poeira pioraram a seca do Dust Bowl?”

in <http://ocp.ldeo.columbia.edu/res/div/ocp/drought/dust_storms.shtml>

¹⁷ Importante filósofa alemã do século XX, de origem judia, nasceu no subúrbio de Linden, Hannover, Alemanha, no ano de 1906. Suas obras se destacam na análise e crítica aos regimes totalitários e à violência social. Em 1933 assumiu a posição de luta contra o nacional-socialismo na Alemanha, posteriormente emigrando para os Estados Unidos em função da ascensão do nazismo. Dentre suas obras se destacam: *As Origens do Totalitarismo* (1951); *A condição humana* (1958); *Entre o Passado*



possibilidade do desenvolvimento tecnológico ter aumentado ou diminuído a estatura humana, na medida em que a ciência moderna deixa de lado preocupações humanísticas.

Decerto o cientista não se pode permitir indagar: que consequências resultarão das minhas investigações para a estatura (ou, por isso, para o futuro) do homem? A glória da ciência moderna foi ter sido ela capaz de emancipar-se completamente de todas as semelhantes preocupações antropocêntricas, isto é verdadeiramente humanísticas.¹⁸

De fato, se o progresso científico fosse pensado também no âmbito das possíveis consequências que poderia ocasionar, é possível que tal progresso não se concretizasse literalmente, visto que, de acordo com Hannah Arendt, a indiferença do cientista em relação a preocupações que envolvam a condição humana é seu maior orgulho e glória.

Assim, durante o processo de desenvolvimento da ciência moderna, o homem se sobrepõe à natureza, no sentido de o mesmo ser capaz de replicar processos naturais, bem como se lançar à deriva no espaço em busca de um novo lar. Mas afinal, essas conquistas tecnocientíficas aumentam ou diminuem a estatura humana?

Chegamos à nossa atual capacidade para conquistar o espaço mediante a nova aptidão de manejar a natureza de um ponto no universo exterior à terra, pois é isso o que efetivamente fazemos ao liberarmos processo energéticos que ordinariamente dão-se apenas no sol (...). Se, desse ponto, olharmos para o que se passa na terra e para as diversas atividades dos homens, essas atividades nos parecerão, então, de fato, nada mais que 'comportamento manifesto', que podemos estudar com os mesmos métodos que utilizamos no estudo de ratos. (...) Todo nosso orgulho pelo que podemos fazer desaparecerá em uma espécie de mutação da raça humana. (...) A conquista do espaço e a ciência que a tornou possível acercaram-se perigosamente desse ponto. Se tiverem algum dia de alcançá-lo, seriamente, a estatura do homem não apenas estaria rebaixada face a todos os padrões que conhecemos, mas teria sido destruída.¹⁹

Se para Arendt o avanço tecnocientífico reduz a estatura humana ou até mesmo a destrói, antecipando a discussão sobre Singularidade e o "pós-humanismo" desenvolvida nas décadas seguintes, a obra ficcional de Nolan considera que a conquista do espaço

e o Futuro (1961); *Da Revolução* (1963); *Sobre a violência* (1970); *Homens em tempos sombrios* (1974); *A vida do Espírito* (1974).

¹⁸ ARENDT, Hannah. "A Conquista do Espaço e a Estatura Humana" in *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.327.

¹⁹ Idem, p.343-344.



aumentaria a estatura humana, na medida em que a ciência tornaria possível a colonização de outros planetas e garantiria, assim, a perpetuação da espécie.

Se para Arendt o desenvolvimento tecnocientífico e a conquista do espaço representava uma diminuição ou até mesmo a destruição da estatura humana, reflexão que antecipava o que filósofos e sociólogos vieram a chamar de Singularidade – uma condição “pós-humana” em que o humano desaparece no vetor tecnologia –, vimos que em 2014, momento de produção de “Interestelar”, Nolan considerava que o avanço tecnocientífico poderia ser a esperança de perpetuação da espécie, num futuro em que o planeta se mostrava inabitável por desastres naturais causados pelo próprio homem. Portanto, a mesma humanidade que destruiu o planeta Terra ao exaurir seus recursos naturais também foi capaz de criar condições para que a vida pudesse seguir em outro habitat. Seja aumentando ou diminuindo a estatura humana, a questão do desenvolvimento tecnocientífico se mostra extremamente atual. Mas com exceção de algumas ficções que problematizam os sonhos da Singularidade, trata-se de uma discussão ainda muito pouco presente na esfera pública.

Considerações Finais

Com esta pesquisa, foi possível ter contato com a produção de filósofos, sociólogos e historiadores que tratam da chamada “Singularidade Tecnológica”. Essa é uma leitura fundamental para pensar a questão do desenvolvimento tecnológico, a naturalização da ideologia do progresso, suas promessas, seus riscos.

Com base no filme “Interestelar” trabalhado como fonte histórica, temos uma amostra empírica de alguns sentidos coletivos atribuídos à questão da Singularidade no período de produção do filme, em 2014. Em face da quase inexistência de debates na esfera pública sobre as promessas e os riscos do desenvolvimento tecnológico, muitas vezes cabe às ficções promover algum tipo de debate/reflexão sobre o tema. Nesse percurso, o diálogo com Hanna Arendt foi decisivo, pois ela colocava, ainda na metade do século passado, questões extremamente atuais quando se pensa no avanço da tecnociência.

Agradecimentos

Agradeço aos meus familiares pelo apoio para que eu possa me dedicar aos estudos acadêmicos, e também aos meus professores, que têm contribuído para que eu alargue minha

REALIZAÇÃO



compreensão do mundo e de mim mesmo. Nesse sentido, um agradecimento especial ao meu orientador nessa pesquisa, professor Marcelo Brito.

Referências

ARENDT, Hannah. "A Conquista do Espaço e a Estatura Humana" In *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" In: *Enciclopédia Einaudi*. vol.5, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. "Espaço de experiência e horizonte de expectativa", In *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2006

KREIMENDAHL, Lothar. *Filósofos do século XVIII*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Efraim. *Ecologia da Restauração*. Editora Planta, 2013.

SANTOS, Laymert Garcia. "Humano, Pós-humano, Transumano" In NOVAES, Adauto (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir e São Paulo: Ed. SESC, 2008.

Interestelar, dirigido por Christopher Nolan. EUA, 2014.

"Vejam quem chegou de repente: o futuro" in Revista *Veja*, 1º de janeiro de 1969, nº 17.

"Para Jessica Chastain, "Interestelar narra história entre pai e filha" in <http://on.ig.com.br/imagem/2014-11-04/para-jessica-chastain-interestelar-narra-historia-de-amor-entre-pai-e-filha.html>

"Em outro mundo", Entrevista de Christopher Nolan concedida a Isabela Boscov. Revista *Veja*, 2014. "Disponível em:" <<https://veja.abril.com.br/blog/isabela-boscov/interestelar/>> p.58.

Ben Cook (NOAA); Ron Miller (NASA GISS); Richard Seager (LDEO). As tempestades de poeira pioraram a seca do Dust Bowl?" in <http://ocp.ldeo.columbia.edu/res/div/ocp/drought/dust_storms.shtml>



O LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEG: uma perspectiva inclusiva

Andressa Rolindo de Carvalho^{1*}, Marlene Barbosa de Freitas Reis²

^{1*}(Pedagogia, PVIC, Câmpus Inhumas. E-mail: dressa.rcarvalho@gmail.com)

²(Docente. Orientadora. Câmpus Inhumas, Inhumas Goiás)

Resumo: este trabalho esteve vinculado à pesquisa “*As políticas de diversidade e inclusão no Ensino Superior: educação especial e letramento digital numa perspectiva inclusiva*”, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Câmpus Inhumas. A pergunta norteadora foi: de que maneira o curso de Pedagogia/UEG/Câmpus Inhumas tem integrado as TIC, visando o desenvolvimento do Letramento Digital para a inclusão digital dos futuros professores? O estudo teve como objetivo analisar como o professor formador utiliza e incentiva o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em sua prática pedagógica com vistas ao letramento digital para a inclusão digital e analisar a proposta curricular do curso de Pedagogia Câmpus Inhumas/UEG a fim de identificar se há algum direcionamento para o letramento digital e identificar como o professor formador utiliza e incentiva o uso das TIC em sua prática pedagógica. A metodologia utilizada foi qualitativa, levantamento bibliográfico de autores e documentos que tratam o tema e análise do currículo das disciplinas e dos Planos de Ensino do curso de Pedagogia da UEG/Câmpus Inhumas. O referencial teórico utilizado foi: Freitas (2010), Bonilla e Oliveira (2011), Araujo (2008), Carvalho (2005), Delou (2009), Glat e Blanco (2009), Rodrigues (2008). Os resultados apontaram que essa pesquisa pode contribuir com pesquisas futuras no âmbito da formação inicial do Pedagogo visando a promoção do uso das TDIC para atender às novas demandas digitais.

Palavras-chave: Inclusão digital. Professor formador. Prática pedagógica.

Introdução

Este trabalho esteve vinculado à pesquisa “*As políticas de diversidade e inclusão no Ensino Superior: educação especial e letramento digital numa perspectiva inclusiva*”, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas pela Professora Dr^a. Marlene Barbosa de Freitas Reis. O estudo teve início em agosto de 2018 e finalizado no segundo semestre de 2019. Pretendeu investigar o curso de Pedagogia da UEG, Câmpus Inhumas quanto a integração e uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na formação inicial do professor.

Teve como objetivo analisar em que medida o professor formador utiliza e incentiva o uso das TDIC em sua prática pedagógica com vistas ao letramento digital,

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



de modo que contribua para a inclusão digital. Para tanto, a pergunta que norteou a pesquisa até o momento foi: de que maneira o curso de Pedagogia da UEG, Campus Inhumas tem integrado as TDIC, visando o desenvolvimento do Letramento Digital, com vistas à inclusão digital dos professores em formação? Baseamos nos aportes teóricos dos autores como Freitas (2010), Bonilla e Oliveira (2011), Warschauer (2006), Toschi (2014) para buscar os conceitos e apontamentos que embasaram nossa pesquisa teoricamente.

Material e Métodos

A metodologia utilizada neste estudo foi qualitativa. Para realizar esta pesquisa utilizamos de duas etapas básicas, que se complementam com a finalidade de alcançar os objetivos apresentados. Na primeira etapa, realizamos um levantamento bibliográfico de autores e documentos que tratam o tema. Em seguida, fizemos a análise do currículo e das ementas das disciplinas do curso de Pedagogia da UEG, Campus de Inhumas, a fim de identificar se há algum direcionamento para o letramento digital com vistas à inclusão digital.

Desenvolvemos, ainda, entrevistas com três professores do curso de Pedagogia do Campus Inhumas a fim de coletar dados presentes na realidade vivenciada na prática pedagógica dos docentes, onde esses dados foram posteriormente analisados à luz do referencial teórico obtido na pesquisa bibliográfica. Desse modo, os professores foram investigados sobre os usos que fazem das TDIC em sala de aula para verificar a concepção dos mesmos e como tem influenciado na preparação do futuro professor para o exercício da docência numa perspectiva de letramento e de inclusão social e digital.

Resultados e Discussão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás

Da pesquisa empírica

Com as entrevistas que foram realizadas, com 3 docentes atuantes do curso de Pedagogia do Campus Inhumas, foi possível perceber como se dá o uso das tecnologias nas práticas dentro de sala de aula e qual a percepção que os professores possuem acerca das tecnologias além de pontuar suas opiniões em relação ao assunto. Para apresentação dos dados coletados utilizamos as siglas P1 (Professor 1); P2 (Professor 2) e P3 (Professor 3).

Durante as entrevistas, um ponto em comum entre os 3 docentes foi observado, ao relatarem ao mal e pouco frequente uso dos discentes do laboratório de informática e da dificuldade que os mesmos possuem acerca das ferramentas de tecnologia digital.

Foi possível também a percepção de forma nítida a respeito do uso das tecnologias em práticas pedagógicas e sua importância na qual dois professores possuem opiniões semelhantes enquanto o terceiro professor com uma opinião totalmente oposta.

Uma das perguntas feitas durante a entrevista, os professores foram provocados a responderem se julgavam importantes os professores formadores que atuam no curso de Pedagogia, utilizarem as tecnologias digitais em suas atividades de ensino e por quê. Os professores 1 e 2 tiveram respostas semelhantes:

Utilizar as tecnologias digitais no curso de Pedagogia a articulação com os avanços e aprendizagens tanto no exercício profissional, no processo de inserção na sociedade, na própria inclusão digital pelo conhecimento e pelo uso das tecnologias globalizadas e as tecnologias da informação e comunicação na vida e no mundo elas são imprescindíveis para a construção de uma carreira mais sólida. Porque hoje estamos em vias inclusive de uma conversão do ensino presencial para o ensino virtual (cursos a distância) que é uma proposta do nosso novo governo de trazer isso para a realidade do ensino médio e quem sabe para o ensino básico. Então nós precisamos estar preparados para essa inovação que ao mesmo tempo é assustadora. (P1, 2018)

Sim. Hoje é indispensável o uso da tecnologia digital. Como nós estamos numa escola de formação de professores de excelência, essa excelência perpassa tanto pela didática, pelas aulas presenciais, pela educação à

REALIZAÇÃO



distância, sobretudo o que tange as questões das conferências. Hoje nós podemos dialogar via conferência. Promoveu um processo interdisciplinar, transdisciplinar, entre várias instituições, várias disciplinas. Então, o profissional da Educação que está nessa escola de formação docente, ele tem que ter clareza dessa necessidade de formação com esses diferenciais. A produção de vídeos, de blogs, de filmes, isso tem sido uma constante e é uma necessidade urgente para que a gente faça essas adaptações nas rotinas de ensino. (P2, 2018)

No entanto, o professor 3 teve uma opinião e um ponto de vista um tanto diferente dos professores anteriores:

Não necessariamente. Pode ajudar o trabalho do professor, em algumas questões pode melhorar a rotina, mas não é isso necessariamente que vai melhorar o trabalho de um professor formador de pedagogos. Para mim ele precisa de uma boa formação, ser um bom estudioso. Isso é uma ferramenta como um giz, um quadro. Para mim um site tem a mesma característica de um giz. É uma ferramenta na qual eu posso sobreviver sem ela e substituir por outra. O mais preponderante é o conhecimento e a formação que parte dos livros. (P3, 2018)

A inclusão digital antecede o letramento digital, pois para se ter a oportunidade de se alfabetizar em um ambiente digital primeiramente a pessoa deve ser incluída nesse ambiente. Ambos trabalham em conjunto, logo um não é possível sem o outro.

Observamos então que há sim opiniões e pensamentos divididos em relação ao uso ou não das tecnologias nas práticas pedagógicas e se pode ou não trazer benefícios positivos para a uma formação de qualidade dos discente.

Os discentes também foram questionados sobre o uso do laboratório de informática, se é feito de forma efetiva em suas práticas pedagógicas. O professor 1 pontua em sua resposta que:

Na disciplina de Educação e Mídias especificamente nós procuramos ter um percentual da carga horária dedicado ao uso do laboratório. Quando o laboratório está disponível, especialmente com acesso a internet, nós fazemos o encaminhamento dos discentes com propostas de ensino que são estipuladas as tecnologias digitais para pesquisas, seleção na internet de temas específicos que serão trabalhados, documentos, criação e elaboração de trabalhos acadêmicos como tabelas, slides, vídeos e afins. Essa é uma das formas que nós dinamizamos. Utilizamos sim e considero muito válido e necessário. (P1, 2018)





O Professores 2 e 3 ressaltaram que quase nunca fazem uso do laboratório em suas práticas pedagógicas e deixam uma observação, que o laboratório poderia ter uma frequência maior pelos discentes e até mesmo pelos docentes como fonte de pesquisas e estudos. Os professores entrevistados relataram que desconhecem outro espaço no campus voltado a integração digital e que a falta de acesso a internet é muito frequente, o que em sua maioria contribui para que o uso do laboratório seja escasso.

Da pesquisa documental

Observamos que no PPC do curso são ofertadas duas disciplinas voltadas para prática digital, sendo elas **Educação e Mídias**, que tem por objetivo proporcionar ao aluno experiências no âmbito digital, no entanto a disciplina não evidencia conceitos sobre as tecnologias e não propõe atividades teóricas ou práticas a serem trabalhadas, deixando assim o professor livre para a escolha de como será conduzida; e **Métodos e Processos de Alfabetização e Letramento**, que tem como maior foco a aquisição da linguagem não fazendo referência ao campo digital. Os professores entrevistados afirmam que apenas essas duas disciplinas não são suficientes para uma formação efetiva diante das tecnologias, até mesmo pela carga horária ser pequena em vista a grande necessidade de se ter uma boa formação neste aspecto, como pontua o professor 1 que considera que “precisaríamos ter uma disciplina ou um curso de extensão que desse conta da iniciação ao uso das tecnologias. Educação digital básica” (P1, 2018).

Da socialização e participação em eventos

Foram realizados encontros efetivos semanalmente com o Grupo de Estudo e Pesquisa em Diversidade e Inclusão (GEPEDI) nos períodos de agosto de 2018 a junho de 2019, na qual fizemos leituras, estudos, discussões e fichamentos de textos relacionados ao tema proposto. Durante o estudo, foi possível ter uma compreensão

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



mais ampla de como o letramento digital se ambienta nos processos formativos do curso e o modo que isto contribui para que a inclusão digital aconteça na preparação do professor em formação, uma vez que, os avanços tecnológicos provocaram mudanças em diversos setores da vida social, inclusive, na educação.

Durante o período de estudos do GEPEDI participamos de eventos científicos, tais como: **o VII Simpósio de Educação Inclusiva : A formação docente na perspectiva da educação inclusiva**, realizado em Outubro/2018 no CEPAE/UFG - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, onde apresentamos os resultados parciais do estudo realizado pelo grupo na Universidade Estadual de Goiás - Campus Inhumas; participamos como ouvintes e monitoras do **III Seminário de Educação Especial e Inclusão** promovido pelo curso de Pedagogia da UEG - Campus Inhumas realizado em Novembro/2018.

Este evento foi uma atividade que compôs a disciplina de Educação Especial e Inclusão, ministrada no 4º período do curso de Pedagogia em 2018/2. Teve como finalidade promover o fortalecimento e a proposição de práticas educacionais inclusivas na formação do pedagogo e nas práticas escolares da rede regular de ensino. Teve como objetivo central possibilitar a discussão de temas atuais sobre a educação especial e inclusiva, no âmbito de práticas pedagógicas inovadoras. Além disso, buscou fomentar a formação de professores e as políticas públicas para área de Educação Especial, na perspectiva da inclusão e promover o intercâmbio entre pesquisadores, profissionais e estudantes da área de educação e áreas afins.

Participamos também da **VIII Semana de Integração/Universidade, Direitos Sociais e Formação Humana: Contextos e Desafios** que congregou a XVII SEMANA DE LETRAS, a XIX SEMANA DE PEDAGOGIA, a I SEMANA DE PSICOLOGIA e o V SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO (SIMPEX) da UEG/ Campus Inhumas e foi realizado em Junho/2019. Este evento científico de abrangência regional, cuja finalidade é integrar e promover o intercâmbio entre a produção científica de acadêmicos, egressos, professores dos cursos de Letras, Pedagogia e Psicologia e comunidade em geral, em uma perspectiva integradora e interdisciplinar, objetivando a formação profissional diante dos desafios educacionais.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Considerações Finais

Diante do que foi obtido nas entrevistas foi possível perceber que dentro do assunto voltado as tecnologias em sala de aula e em atividades muitos professores acham importante o uso dessas tecnologias, entretanto há também aqueles que não abrem mão das ferramentas mais tradicionais de pesquisa como os livros por exemplo.

A proposta do curso voltada as tecnologias digitais deveriam ser revistas para que a inclusão digital seja feita de forma efetiva, assim como também as práticas em sala de aula e a forma como o laboratório de informática é utilizado tanto pelos alunos quanto pelos professores.

Com os estudos realizados durante os encontros foi possível ter uma ampla compreensão sobre os conceitos de letramento digital e suas perspectivas diante da sociedade. Apreendemos também a importância de ser letrado digitalmente e as diversas consequências que provêm diante de uma situação de exclusão digital.

O incentivo e contato direto com as práticas de pesquisa que a UEG oferece, é um grande estímulo para o acadêmico, pois propiciam tanto conhecimentos voltados para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, quanto conhecimentos para a vida pessoal e profissional. Desse modo, a Iniciação Científica é de grande relevância, uma vez que, permite com que os demais acadêmicos possam refletir sobre a importância da pesquisa na Universidade, ampliando a produção da pesquisa dentro do Campus da qual favorece o conhecimento de forma crítica, proporcionando resultados positivos neste processo.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e disposição para não me deixar desistir mesmo com tantos obstáculos e dificuldades que surgiram ao longo deste

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



percurso, e aos meus pais pelo apoio quando surgiu a oportunidade de participar deste Projeto e que não mediram esforços em me ajudar em tudo que precisei.

Agradeço imensamente as professoras Marlene Barbosa de Freitas Reis e Gislene de Freitas pela disponibilidade nas orientações e pelos diversos incentivos ao longo desta trajetória que foi um diferencial significativo para a concretização desta pesquisa.

Agradeço às minhas colegas de pesquisa que se fizeram presentes nas discussões e pela parceria em todos as situações. E em especial as professoras Carla Salomé, Lilian Cristina e Leonor Paniago que também tiveram um papel fundamental nesta pesquisa e em todas as ações que me permitiu chegar até aqui.

E por fim agradeço a oportunidade de participar de um Projeto de Iniciação Científica na modalidade VIC/UEG, que foi de suma importância para a minha formação acadêmica me permitindo ter conhecimentos riquíssimos e me dando um embasamento teórico imprescindível.

Referências

BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo Cesar Souza de. **Inclusão digital: ambiguidades em curso**. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 23-48. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/qfgmr/pdf/bonilla-9788523212063-03.pdf>. Acesso em 28 ago. 2018.

FREITAS, Gislene de.; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. O uso do *smartphone* pela Geração Y: um olhar sobre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. **Revista Tecnologias na Educação**, Ano 10, Número/Vol.25, Jul. 2018. Disponível em: <http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2018/07/Art15-vol.25-Junho-2018.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.335-352, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17.pdf>. Acesso em 25 ago. 2018.

RIEDNER, Daiani Damm Tonetto. PISCHETOLA, Magda. Tecnologias Digitais no Ensino Superior: uma possibilidade de inovação das práticas? Rev. **Educação**,

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Formação & Tecnologias. Jul/Dez. 2016, p. 37-55. Disponível em:<
<http://eft.educom.pt>>. Acesso em: 22 de Ago. 2017.

TOSCHI, Mirza Seabra. **Inclusão digital, Conhecimento e Cidadania.** Disponível em:
<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/286%20inclus%C3%83O%20digital,%20conhecimento%20E%20cidadania.pdf>. Acesso em 15 set. 2018.

UEG, Universidade Estadual de Goiás. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Inhumas, 2015.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate.** Trad: Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 15-27.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



O marmelo e a fabricação da marmelada em Goiás, no século XIX.

Laura Rodrigues Silva¹ (IC), Mário Roberto Ferraro².

Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiaí, Anápolis - GO, 75110-390.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo o estudo sobre a produção da marmelada em Santa Luzia, Goiás. O primeiro pé de marmelo plantado na região em 1770 usava-se mão de obra escrava em todas as etapas de produção, desde a semeadura à confecção do doce do marmelo, com técnicas de plantio ultrapassadas até mesmo para o próprio século XIX; todavia a marmelada se consolidou através de sua venda em larga escala para várias regiões brasileiras como Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso e a própria província de Goiás, tornando-se o único produto de origem hortícola ou frutícola goiano de exportação. Analisando o início do cultivo do marmelo em Goiás, observando a existência de outras áreas de produção, verificando os principais plantadores do fruto *Cydonia Oblonga*, suas técnicas de plantio e os processos de produção, foram estudados periódicos do século XIX disponíveis na Hemeroteca Nacional e relatos de viajantes que passaram pela região de Santa Luzia naquela época.

Palavras-chave: Marmelada. Marmelo. Goiás.

Introdução

Este texto trata do fruto marmelo e seu uso na fabricação do tradicional doce denominado “marmelada” na região de Santa Luzia, hoje Luziânia, onde o primeiro pé de produzido pela fruta do marmeleiro (*Cydonia oblonga*) foi plantado por volta de 1770, pelo coronel João Pereira Guimarães, no Engenho da Palma. No século XIX, a marmelada foi único produto goiano de origem hortícola ou frutícola de exportação. Abordaremos as técnicas de plantio do fruto; de produção do doce; quem eram seus principais consumidores e verificando a mão de obra e que se ocupava de sua produção. Abordaremos o processo de consolidação do doce do marmelo como patrimônio histórico-cultural do antigo arraial de Santa Luzia.

Material e Métodos

¹ Discente do Curso de História, PIBIC/UEG, Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, laura_rodriguesilva@hotmail.com.

² Docente do Curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO.



Durante o projeto realizamos a leitura de periódicos e arquivos da hemeroteca nacional para interpretação e coleta dos dados, analisamos relatos de viajantes que passaram pela região de Santa Luzia ou o que escreveram sobre ela ou sobre as plantações de marmelo, além das obras de referências como Ferraro (2005) para a discussões sobre agricultura científica, Rodrigues (2017), Gollner (2009), Carneiro (2005) e Leitão (2012) para aspectos ligados à história da alimentação e Figueirôa (1998) e Dantes (2002) para análise do ponto de vista da história das ciências.

Resultados e Discussão

Santa Luzia, a famosa terra da marmelada nem sempre foi conhecida esse codinome. Suas origens remontam ao contexto histórico do ciclo do ouro no século XVII (com auge no século XVIII), quando o fluxo migratório se intensificou. Seus primeiros habitantes foram fazendeiros, escravos e garimpeiros. Com o esgotamento do ouro, a região entrou em decadência e passou a depender da atividade agropecuária para sobreviver.

Segundo Ferraro (2005) agricultura tradicional ou rotina agrícola, como eram chamadas as práticas de cultivo do solo utilizadas em quase toda a colônia foram iniciadas com a chegada dos primeiros colonos no século XVI durante o século XIX tiveram forte influência dos elementos indígenas e africanos; a práxis do uso costumeiro da terra se caracterizava pela derrubada do mato com foice e machado, queima, semeadura, capina enxada e operações realizadas com a força dos braços – braços estes, diga-se de passagem, negros.

Nesse sentido, o território de Santa Luzia não escapava desta “cultura vampiro” de caráter nômade, descrita por Saint’Hilaire em sua obra “Viagem as nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás”:

O systema de agricultura empregado em Goyaz é o que, infelizmente, foi adoptado em quasi todo o Brasil. queimam-se as florestas e semeia-se nas suas cinzas; depois de algumas colheitas, deixam-se brotar novos bosques, que se cortam por sua vez; continua-se assim até que a terra não produza mais do que capim, e então abandonam-na. (SAINT’HILAIRE, 1937, p. 322)

O processo de confecção do doce era complexo:

Mergulhados em caldas de mel, de mosto ou de açúcar, tudo indica que os frutos iam ficando doces e adquirindo consistência com o passar do tempo e das várias cozeduras e repousos[...] nas etapas e procedimentos de



confeção (cozer o fruto, adicionar a calda, deixar repousar, escorrer e tornar a adicionar uma nova calda). (ALGRANTI, 2005, p.48-49)

Ainda depois de todos os procedimentos é necessário utilizar de um ultimo recurso; “[...]o recurso de secar os doces ao sol em tabuleiros ou caixas (doces secos), após serem cozidos com açúcar em calda, como no caso dos pêssegos cobertos, das ameixas cobertas ou da marmelada para caixa” (ALGRANTI, 2005, p.49).

Nos jornais, como O Publicador Goyano é possível perceber que o doce do marmelo tinha presença constante nas licitações de compras de provisão para ranchos³ e enfermarias, o que lhe garantia comércio regular. A marmelada também era um alimento que caiu no gosto popular, o que pode ser constatado por sua frequente aparição nas tabelas de cotações de preços de produtos alimentícios publicadas nos jornais da época, demonstrando ser um produto grande consumo na cidade de Goyaz.

De acordo com Raymundo Henrique dos Genettes no jornal O Publicador Goyano⁴, Santa Luzia exportava em 1886 regularmente 2:000 arrobas ao preço de 6\$000 ou 12:000\$000, já Paulo Bertran (1994, p. 187) compara o valor da marmelada ao valor do ouro e diz que no ano de 1804 a famosa marmelada de Santa Luzia, produziu 3 mil quilos de marmelada no valor de 960\$000 – equivalente a 2,3 quilos do metal precioso.

Nos relatos de “Viagem as nascentes do rio São Francisco”, Saint’Hilaire mostra as condições favoráveis ao plantio do marmelo e o seu destino :

Como Santa Luzia está situada em uma região elevada, os seus arredores são favoráveis não só ás varias especies de cultura em uso entre os brasileiros do interior, como tambem à de plantas de origem caucasica, taes como o trigo, e principalmente o marmeleiro[...]Os principaes artigos que exportam os habitantes de Santa Luzia são pelles de animaes selvagens, alguns couros, e principalmente marmeladas excelentes, que enviam até o Rio de Janeiro.(SAINT’HILAIRE, 1937, p. 29)

Por que então as lavouras do marmeleiro (*Cydonia oblonga*) conseguiram se estabelecer como fonte de renda e até mesmo produzir e vender em escalas tão significativas? A isso podemos atribuir dois fatores: o uso da marmelada nas enfermarias e nos ranchos militares e hospitais lhe garantia um mercado seguro, isto é, sem risco de flutuações.

³ Comida que se fornece a soldados ou presos. LIZIAÇÃO

⁴ Jornal editado entre 1885-1889 na cidade de Goyaz.



Na Guerra do Paraguai (1864-1870) a marmelada de Santa Luzia foi incluída na alimentação das tropas das forças expedicionárias do Mato Grosso, se espalhando seu reconhecimento e notoriedade no cenário nacional (TAUNAY, 1876, p.47).

Segundo Ana Paula Squinelo em seu artigo “O Hospital Militar de Matto Grosso na Guerra do Paraguai: Doenças, dietas e tratamentos”, as marmeladas eram fornecidas para compor uma dieta equilibrada à soldadesca, que sofria mais intensamente as consequências da guerra, devido à má alimentação, má higiene e infecções adquiridas advindas de diversas formas. De acordo com ela “Ao doente diagnosticado com Hepatite era prescrito: ventosas, sanguessugas, banhos, pílula e uma dieta específica composta por assado, ovos, sopa, canja, mate, biscoitos, café frio e marmelada.” (SQUINELO, 2012, p.4).

Para Janyne Paula Pereira Leite Barbosa, a marmelada aparecia nos contratos de gêneros alimentícios fornecidos para as tropas brasileiras que lutavam contra os paraguaios – a alimentação dos soldados era bem diversificada para fortalecimento -, como mostra nos relatórios do Corpo de Saúde do Exército Brasileiro do ano de 1865: “[...] as tabelas de gêneros alimentícios contém: ovos, marmelada, peixe fresco, vinho, vinagre, galinhas, goiabada, filhotes de pombo e até chocolate”, (BARBOSA, 2018, p. 56). Essa afirmação é importante porque confirma com o uso outra fonte histórica aquilo que imprensa goiana revelava.

Considerações Finais

A partir das pesquisas realizadas nos periódicos goianos do século XIX, livros e relatos de viajantes, identificamos que o século XIX na atual Luziânia, foi dominado pelos marmelais. O declínio do ouro fez com que a região de Santa Luzia, que sempre fora voltada para produção agrícola, intensificasse ainda mais sua agricultura e a marmelada terminasse por ganhar o cenário nacional, chegando a exportar 3 mil quilos em um ano e se integrar nos cardápios de enfermarias e ranchos militares.

Nessa perspectiva é interessante analisar, que embora as técnicas utilizadas





no plantio do marmelo configurassem agricultura tradicional, os meios de transporte não fossem os mais adequados, e o isolamento da região goiana interferisse diretamente nos negócios, dadas as circunstâncias e a concorrência com os estados litorâneos, a marmelada conseguiu se estabelecer como produto de exportação em larga escala, o que mais tarde conseguiria se consolidar como patrimônio histórico-cultural.

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/UEG pela a pesquisa e ao meu orientador pela dedicação e incentivo.

Referências

O publicador Goyano, Goyaz, Ed. 00054, 07 de Março de 1886. Biblioteca Nacional Digital Brasil: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=716774&pesq=marmelada&pasta=ano%20188>>. Acesso em 15 de Março de 2019.

Órgão do Partido Liberal (GO), Ed.00062, 27 de Novembro de 1886. Biblioteca Nacional Digital Brasil: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=246590&pesq=>>. Acesso dia 15 de Março de 2019.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Alimentação, saúde e sociabilidade**: a arte de conservar e confeitar os frutos (séculos XV-XVIII). História: Questões & Debates, v. 42, n. 1, 2005.

ANAIS ELETRÔNICOS DO X ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC. São Paulo: O Hospital Militar de Matto Grosso na Guerra do Paraguai: Doenças, dietas e tratamentos, 2012 - ISBN 978-85-66056-00-6 versão online. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/ana_squinelo2012.pdf. Acesso em 03 de maio 2019.

BARBOSA, Janyne Paula Pereira Leite. **Uma guerra sangrenta, epidêmica e doente**: espaços de cura e cotidiano médico na Guerra do Paraguai (1864-1870), 2018. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central**: eco-história do Distrito Federal do indígena ao colonizador. Brasil: Editora UNB, 2011.

SAINT'HILAIRE, August. **Viagem as nascentes do rio São Francisco e pela província de Goyaz**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1937.





O MONUMENTO EM HOMENAGEM AO CANTOR SERTANEJO LEANDRO EM SENADOR CANEDO (GO)

Marcos Vinícius da S. Ribeiro^{1*}(IC), Eliézer Cardoso de Oliveira²(PQ)

*E-mail: marcos.v.silva.ribeiro@gmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás- Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

²Universidade Estadual de Goiás- Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a sociedade por meio de um monumento por ela produzido, e assim sendo, compreender os imaginários e as representações acerca de personalidades e de catástrofes. Procurando oferecer funções de orientação relacionados ao âmbito cultural este artigo visa analisar o monumento construído em homenagem ao cantor sertanejo Leandro, uma figura da sociedade goiana que ajudou a projetar a imagem do “ser goiano” nacional e internacionalmente e que morreu de forma trágica aos 36 anos, vítima de um câncer raro e repentino. Esse fato repercutiu e projetou na memória a imagem de uma personalidade importante da cultura goiana, que acima de tudo era um referencial na busca por uma identidade cultural goiana. Propondo uma hermenêutica entre o monumento, a memória criada sobre a personalidade e a busca por sentido da sociedade, o trabalho contribui para o entendimento da estética dos monumentos catástrofe, da memória e do culto a personalidades.

Palavras-chave: Monumentos catástrofe. Estética da catástrofe. Culto a personalidades. Cultura goiana.

"Leandro deve ficar como exemplo simbólico da força da arte goiana, da comoção nacional por um homem simples, um exemplo de fé e esperança nos semelhantes, um alegre espantinho do amor em meio a uma plantação de tomates no céu".

Nasr N Fayad Chaul

Introdução

José Luiz da Costa nasceu em 1961, e se tornou famoso pela dupla



sertaneja que fazia com seu irmão Emival. “Leandro e Leonardo” se tornaram nos anos 1990 uma das duplas sertanejas que mais fizeram sucesso, lançando hits como “entre tapas e beijos” e “pense em mim” que venderam milhões de discos. Em abril de 1998 o cantor descobriu que possuía um tumor raro chamado tumor de “Askins”, e permaneceu na luta contra o câncer até 23 de junho quando veio a óbito.

Em seu velório na cidade de São Paulo aproximadamente quinze mil pessoas acompanharam o velório, quando o corpo foi levado à Goiânia aproximadamente trezentos mil pessoas (Jornal do Brasil, 1998) acompanharam o cortejo até o cemitério das Palmeiras na capital goiana, além da cobertura completa do velório por todas as redes de TV aberta que transmitiram nacional e internacionalmente.

Devido a comoção pela morte trágica do cantor, em 2006 o governo do Estado de Goiás construiu um monumento em sua homenagem no trevo que liga as rodovias GO-415 e GO-010. O autor do projeto foi o artista plástico Siron Franco e conta com uma frase do historiador Nasr Fayad Chaul. Além do monumento há também em Goianápolis um feriado municipal em homenagem ao cantor e um museu, mostrando a importância dessa figura para sua cidade natal.

Esse monumento tem estética sublime, e será devidamente analisado em outra parte do trabalho, além disso também é importante analisar a relação entre personalidade e culto aos monumentos e como eles constituem o imaginário de uma sociedade. Dessa forma serão trabalhados a estética e o culto aos monumentos de personalidades.

Material e Métodos

O trabalho partiu de uma análise teórico-metodológica utilizando de teorias da estética do século XVIII e XIX, como Edmund Burke e Friedrich Schiller. De obras sobre monumentos, como obras de Alois Riegl e Françoise Choay. E de matérias jornalísticas sobre o período de doença e sobre a morte, velório e sepultamento.

Por fim, o presente trabalho trabalha com a análise de um monumento como objeto hermeneuta da sociedade, dessa forma se faz necessário compreender o

porque da construção do monumento, a estética e a repercussão no meio social e acadêmico. A seguir imagens do monumento analisado:



Monumento em homenagem ao cantor
Leandro

Fonte: Siron Franco

Disponível em:
http://www.sironfranco.com/portu/impressao_monumento.htm



Monumento em homenagem ao cantor
Leandro

Fonte: Siron Franco

Disponível em:
http://www.sironfranco.com/portu/impressao_monumento.htm

Resultados e Discussão

A personalidade é uma figura socialmente construída e é específica em cada momento histórico. Com relação ao século XX, o culto aos monumentos de personalidades se concretizou como forma de valoração histórico-artístico, ou seja, esses monumentos recebem valor atribuído por nós, apreciadores, e conforme ele satisfaz o espírito, segundo Riegl, é dotado de valor.

Para Choay, os monumentos possuem especificidades de acordo com a sociedade e o tempo em que foram contruídos:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar



como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 18)

Ou seja, o monumento tem a função de atuar sobre a memória relacionada a um fato ou uma personalidade, dessa forma o monumento em homenagem ao cantor Leandro seria uma forma de se rememorar não só sobre a sua personalidade, e a sua morte trágica, mas pela sociedade onde essa personalidade estava inserida. Sendo assim, o monumento tem o valor de consagrar na memória elementos que são importantes para a preservação de um grupo ou sociedade própria.

Leandro, representava a cultura própria de um povo. O povo goiano, que vinha se modernizando, alterando sua característica de “goianidade”, a antiga “goianidade” era sertaneja, roceira. Já no fim dos anos 1980, há um elemento de modernidade numa cultura sertaneja, ou seja, há uma avalanche de modernidade num sujeito ainda “caipira”, e que tem agora, novas carências, representadas geralmente pela música sertaneja romântica. As letras dessas músicas mostram geralmente a figura de um homem apaixonado, que vive na cidade, mas que é saudosista com a vida na fazenda, e com os amores da fazenda, um exemplo marcante dessas músicas é o single “mexe mexe”, que relembra as festas na roça e as felicidades próprias da fazenda.

Compreendendo o que Leandro representava para a sociedade goiana das décadas de 1980 e 1990, é possível afirmar que o monumento de estética sublime se dá pela ausência da personalidade que era marcante e pela vontade de manter viva o momento histórico representado pela personalidade.

O monumento representando a morte do Leandro causa deleite estético, porque é sublime e ao mesmo tempo que causa temor causa deleite, segundo Burke:

[...] Assim como a dor opera de forma mais forte que o prazer, a morte, em geral, é uma ideia que nos afeta muito mais que a dor; isso porque muitas outras dores, mais requintadas, são preferíveis à morte; de fato, o que geralmente torna a dor em si, se me permitem dizer, algo mais doloroso é ela funcionar como uma emissária do rei dos terrores, isto é, da morte. (BURKE, 2016, p. 50)

Sendo assim, desde que estejamos virtualmente seguros deste terror, isto é, da morte, podemos através do monumento sentir deleite estético pela sublimidade e



o temor que ele traz. Segundo Schiller, para que seja possível sentir prazer sublime é necessário que:

Para o sentimento do sublime é absolutamente exigido, portanto, que nos vejamos completamente abandonados de todo *meio de resistência físico* e que busquemos auxílio, ao contrário em nosso Eu não físico. Tal objeto tem de ser *temível* para a nossa sensibilidade, e isso ele deixa de ser tão logo nos sintamos à sua altura por meio de forças naturais. (SCHILLER, 2011, p. 30)

Além da carga sublime que o próprio ocorrido já carrega, o artista plástico Siron Franco nos traz elementos que aumentam a carga sublime que o monumento traz, o monumento é vazado, e esse vazado simboliza provavelmente a ausência que a personalidade representa na sociedade goiana, a cor preta simboliza a morte, e dessa forma evoca o sentimento de perda, ausência, empatia. O monumento conta também com uma frase do historiador goiano Nasr Chaul que evoca à memória a personalidade como símbolo da sociedade goiana.

Considerações Finais

Com relação à construção da personalidade foi possível constatar que o cantor sertanejo Leandro, tornou-se uma personalidade marcante primeiro pela importância na cultura goiana, e em segundo lugar pela trágica morte, que pode ser considerada uma tragédia, virtualizando no rol de personalidades importantes da cultura goiana, ao lado de figuras importantes como Pedro Ludovico e Anhangüera. Num segundo momento foi possível constatar que a figura do cantor Leandro é um marco na cultura e identidade goiana e que a sua morte trágica ficou marcada na memória goiana. Por fim, foi analisado a estética do monumento que homenageia o cantor Leandro, e foi constatado o caráter sublime, a cor negra, que segundo Burke nos remete a dor e a morte, o monumento vazado, sendo vazio exatamente o cantor e seu violão, simbolizando a perda que sofreram a música e cultura goianas, o fato de estar num local remoto, mais precisamente num trevo exalta realmente o caráter monumental do monumento, criando uma espécie de “santuário” onde é possível rememorar a partida dessa personalidade, além de uma enorme carga trágica que ele traz, que segundo Schiller é típico do sublime patético: a reflexão sobre a morte, sobre a dor que o monumento trazem são marcantes e nos fazem sentir temor ao



mesmo tempo que estamos virtualmente seguros, evocando o sentimento de sublime, e nos influenciando memorialmente sobre a personalidade a quem ele remete.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais, familiares, amigos e ao professor Eliézer que me auxiliaram e possibilitaram realizar esse trabalho.

Referências

AGÊNCIA FOLHA in FOLHA DE SÃO PAULO. **Cantor Leandro morre em São Paulo aos 36 anos.** [Acesso em: 21/08/2018, às 16:00]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fol/cult/ult230698018.htm>

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização.** [Acesso em: 16/04/2019, às 15:30]. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/producao-cultural/memoria-e-patrimonio-cultural/disturbios-identitarios-em-tempos-de-globalizacao-agier-michel/view>

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética.** Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992

BURKE, Edmund. **Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e da beleza.** São Paulo: EDIPRO, 2016

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade, Unesp, 2006

FRANCO, Siron. **Monumento em homenagem ao cantor Leandro.** [Acesso em: 10/04/2018 às 15:00]. Disponível em: http://www.sironfranco.com/portu/imprensa_monumento.htm

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2017



JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: 23 de junho de 1998. [Acesso em: 23/12/2018 às 19:00]. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/238558?pesq=velório%20leandro. p. 24

OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **Estética da catástrofe**. Goiânia: Editora da UCG, 2008

RESENDE, Paula e MARTINS, Vanessa. **Morte do cantor sertanejo Leandro completa 20 anos**. [Acesso em: 21/08/2018, às 15 hs]. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/morte-do-cantor-sertanejo-leandro-completa-20-anos.ghtml>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

SCHILLER, Friedrich. **Do sublime ao trágico**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.



O PROCESSO (DES)CIVILIZADOR DOS POVOS DO ALTO XINGU, DE KARL VON DEN STEINEN À JEAN-JACQUES ROSSEAU

Filipe Inácio Fontes¹ (IC)*, Poliene Soares dos Santos Bicalho² (PQ)

¹Discente do Curso de História, PIBIC/CNPq, Unidade Universitária de Ciências
Socioeconômicas e Humanas e-mail: filipeinacio.f@gmail.com

²Docente no curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões
Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO

Resumo: O presente plano de trabalho tem como escopo tornar deveras inteligível o processo, o qual, os povos indígenas do Alto Xingu, região de disjunção de Cerrados, estão inseridos desde o século XIX com as duas missões do etnólogo germânico Karl von den Steinen até a compreensão das manifestações artísticas das etnias, primordialmente a dos povos bacairis, bem como os processos de ressignificações históricas, abarcando também pressupostos filosóficos balizados pela ciência política rousseauiana do século XVIII, considerando os aspectos mais basilares e intrínsecos ao Parque Indígena do Xingu, localizado na proporção norte do Brasil, dentro da análise que estava em voga naquele contexto, que ainda fala muito sobre nós. Outrossim, para além das nuances supracitadas perceber o modo como as comunidades indígenas são abordadas na atualidade, as políticas públicas no que tange à proteção e ao resguardo dos direitos dos povos ameríndios, além de trazer o debate para a sociedade brasileira como um todo.

Palavras-chave: Indígenas. Ressignificações. Etnias. Cultura.

Introdução

O presente plano de trabalho tem como escopo tornar deveras inteligível o processo, o qual, os povos indígenas do Alto Xingu, região de disjunção de Cerrados, estão inseridos desde o século XIX com as duas missões do etnólogo germânico Karl von den Steinen até a compreensão das manifestações artísticas das etnias, primordialmente a dos povos bacairis, bem como os processos de ressignificações históricas, abarcando também pressupostos filosóficos balizados pela ciência política rousseauiana do século XVIII, considerando os aspectos mais basilares e intrínsecos ao Parque Indígena do Xingu, localizado na proporção norte do Brasil, dentro da análise que estava em voga naquele contexto, que ainda fala muito sobre nós. Outrossim, para além das nuances supracitadas perceber o modo



como as comunidades indígenas são abordadas na atualidade, as políticas públicas no que tange à proteção e ao resguardo dos direitos dos povos ameríndios, além de trazer o debate para a sociedade brasileira como um todo.

Se faz mister explicitar que o presente plano de trabalho é um desdobramento do projeto de pesquisa acerca dos povos indígenas xinguanos, bem como suas expressões artísticas e culturais, como um todo, perpassando aspectos que tangem o bioma e as suas áreas de confluência e de disjunção do Cerrado. Deste modo, tem como escopo apresentar os resultados finais obtidos através dos estudos e investigações que foram realizadas ao longo de um ano, entre os períodos de 2018 e 2019, no que tange ao contato des(civilizador) dos não indígenas com os povos nativos habitantes do Alto Xingu, sob a égide das expedições realizadas no século XIX, pelo etnólogo alemão Karl von den Steinen, buscando nos mais diversos elementos culturais possíveis a hipótese investigativa de aliar a análise filosófica e a manifestação cultural e artística desses povos, balizada por meio de famigerados pressupostos rousseauianos.

De modo invariável, é relevante discorrer acerca das peculiaridades e desdobramentos das características basilares e constituintes da sociedade desses povos, habitantes das já citadas regiões, que se localizariam as margens do Rio Xingu, e presentes no Parque Indígena do Xingu (PIX), as quais foram estudadas e analisadas ao longo desses doze meses de vigência da pesquisa, quando se pode aprofundar ainda mais no *modus vivendi* dessas populações. Tal análise fora balizada através das manifestações artísticas, as organizações políticas, bem como outros tantos elementos partícipes da composição identitária desses povos, expressivamente. Nesse ínterim, pude aprofundar acerca dos conhecimentos da cultura do povo Bacairi, especificamente, observando as suas semelhanças e diferenças com as demais etnias que coexistem no Parque Indígena do Xingu, o *modus operandi* de cada uma, sobretudo a supracitada.

Outrossim, partindo das discussões e leituras ao longo da pesquisa, tornou-se factível que houvesse um genuíno aprimoramento acerca da compreensão e do rompimento dos conceitos preestabelecidos pelo *status quo*, a fim de transcender o senso comum, que tão erroneamente retrata os povos indígenas ao





longo dos séculos, abordando desde o contato dos não indígenas com esses povos, as relações que são estabelecidas a partir desse fato, o modo peculiar pelo qual os próprios indígenas auxiliavam os pesquisadores, etnólogos e antropólogos, ao longo das expedições, bem como também fica evidente, em determinados trechos relatados pelos cientistas *in loco*, a visão eurocêntrica dos mesmos para com as premissas culturais observadas e analisadas em seus diários, como faz, por exemplo, Karl von den Steinen, etnólogo alemão amplamente estudado aqui.

Material e Métodos

Ao longo desse período de doze meses pudemos nos ater e aprofundar nas produções bibliográficas de especialistas em antropologia, etnólogos, historiadores, dentre outros profissionais, através de seus ensaios organizados no livro de Coelho¹, que, devido à sua complexidade e pioneirismo no assunto, fora o elemento preponderante e que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa, partindo da premissa de uma abordagem sistematizada, que nos imerge na realidade cultural do povo Bacairi, em busca da compreensão e do entendimento acerca dos aspectos mais intrínsecos a tal etnia, abarcando toda a sua singularidade cultural. Buscamos compreender as representações culturais desses povos através de uma minuciosa dinâmica de investigação.

Nesse íterim, a análise proposta reclama a realização de pesquisas bibliográfica e documental, que, por sua vez, se desenvolveu por meio da leitura de livros e artigos publicados em revistas, seguido do fichamento dos principais textos.

Resultados e Discussão

A pesquisa concentrou-se em diversas leituras acerca do tema analisado, procedendo-se, sobretudo, ao livro organizado por Coelho (1993), onde apresenta diversos artigos acerca das principais expedições ao Rio Xingu, e demais investigações sobre os povos xinguanos. Mister se faz explicitar o modo, tão proveitoso, do presente projeto de pesquisa, havendo um maior aprofundamento nas



perspectivas elencadas e às nuances suscitadas ao longo das análises concebidas. Nesse sentido, através dos encontros com a orientadora, bem como com os demais colegas integrantes do projeto, houve um eloquente fomento às discussões, que permitiram muitas desconstruções, novas argumentações e, sobretudo, genuínas ressignificações no que tange ao entendimento do *modus operandi* das etnias indígenas localizadas no PIX, especificamente os Bacairi.

Durante a pesquisa, houve levantamentos bibliográficos, os mais fidedignos possíveis, reunindo aspectos elementares dos fatores artísticos e culturais dos povos indígenas localizados na região do Xingu, haja vista que durante os encontros eram designados os capítulos dos textos selecionados para que fossem explanados pelos orientandos vinculados ao projeto, assegurando uma leitura crítica e dinâmica. Tais análises supracitadas foram factíveis, através de um referencial teórico permeado por etnólogos, antropólogos e demais estudiosos do assunto, dentre esses, podemos citar Karl von den Steinen, médico alemão que se desdobrou em expedições ao Brasil, em 1884 e 1887-1888, a fim de conhecer e analisar os povos indígenas.

Sendo assim, a expansão pré-histórica dos povos tupi no Alto Xingu, provavelmente durante o século XVIII, é uma das mais extensas e complicadas da América do Sul. Segundo Von Ihering (1912), já há muitos anos, os tupis espalharam-se pela Amazônia como bélicos conquistadores, ao contrário da expansão *aruaq*, que fora supostamente pacífica. Ou seja, há um paralelo comparativo em perspectiva no que tange aos povos indígenas das várias regiões do país.

Segundo a história oral, os bakairi que migraram para o Alto Xingu sempre visitavam os que ficaram no salto. Iam, afirmam os mais idosos, em busca de material lítico para fazer machados de pedra (*âirirâga*) – que forneciam a outros povos alto-xinguanos – e de um tipo específico de contas naturais, miúdas e brancas, coletadas no leito rochoso do rio, com as quais faziam *kasero*, fios de contas, usados por ambos os sexos, passados pela perfuração do septo nasal e dos lóbulos das orelhas, pendendo sobre os ombros. (FRANCHETTO, 2002, p. 315)

Nesse sentido, o povo Bacairi detém grande importância nesse estudo, sendo analisados desde a origem de seu nome, já que se autodenominam *Kurâ*, que





significa gente, ser humano, onde os mesmos se consideram 'a humanidade', o que torna necessário que os outros sejam especificados invariavelmente. Cabe ressaltar que a língua bacairi é pertencente à família *Karib*, o que perpassa um entroncamento linguístico partilhado com outras etnias, reunindo elementos semelhantes às dos *Arára*, *Txikão*, *Nahukwá* e *Kuikúru*. No que se refere à localização, se encontram fora do Parque Indígena do Xingu, pois, tais povos habitam preponderantemente o estado de Mato Grosso, notadamente nas terras indígenas Bakairi e Santana, inseridas no bioma cerrado, o que também se estabelece enquanto fator caracterizante dessa cultura. Outro fator a ser analisado é o modo como o próprio povo Bacairi não se distingue dos outros seres vivos.

Por aqui pode ver-se que Bacaeri não faz distinção muito profunda entre homens e animaes. Para desejar estes usam de duas palavras: *ieyi* primeira pessoa, que se applica ao animal que uma pessoa criou, e *anayido*, termo genérico, simples plural de *anayi* que significa quem é alguém. E nada há a estranhar desde que do mesmo modo os homens e os animaes têm sombra e falam. Também as árvores tem sombra e falam. (ABREU, 1976 p. 193)

Ao tecermos uma abordagem histórica entre o povo Bacairi e a região do Alto Xingu, devemos, sobretudo, compreender como a história deste grupo sempre fora marcada por movimentos diaspóricos e inúmeras migrações. Nesse processo, grande parte da população migrou para a região xinguana, em meio às sucessivas guerras e ajustamentos tensos, o que corroborou para o surgimento de uma cultura multilíngue e pluriétnica.

Ao longo dessas terras indígenas o Cerrado predomina. Os grupos locais denominar-se-ão pelos nomes dos rios ou igarapés próximos ao Santana. O rio Santana é um afluente do Rio Novo, que, por sua vez, é afluente do rio Arinos, e do Juruena, afluente do Tapajós.

Os trabalhos da lavoura geralmente contavam com a participação de todos os componentes do grupo local, que "viviam como uma única família e repartiam entre as diversasocas os produtos da pesca e da caça; em cada casa devia-se fazer uma distribuição entre as diversas famílias. Eles desconheciam os animais domésticos, os anzóis e alimentavam-se sobretudo, de derivados de mandioca brava, da pesca, da caça e da coleta. (FRANCHETTO, 2002, p. 317)

Tais povos exercem atividades como agricultura e pesca, e também



caçam e coletam. Possuem suas roças nas matas ciliares e caçam sempre em grupo, evidenciando a importância da comunidade para esses povos, que prezam pela vivência em grupo e a ajuda mútua entre si, fortalecendo os laços existentes entre essa etnia, que teve a quantidade de pessoas drasticamente diminuída ao longo dos anos, o que culminou numa maior importância dada aos aspectos da vivência coletiva, como mecanismos para sua autopreservação, haja vista as ameaças e os perigos circundantes. Em relação às mulheres, devido aos perigos supostos a elas, é vedada a presença das mesmas, antes da terra ser preparada para o plantio, um dos tantos fatos interessantes acerca desse grupo e relevante de ser apresentado aqui.

Um fator de suma importância, ao abordarmos o mundo sobrenatural dos Bacairi, aqui em específico, são as questões metafísicas, de modo que podemos conjecturar alguns fatores no que tange à visão cosmocêntrica dessa etnia, que, indubitavelmente, se choca com a perspectiva do antropocentrismo que tanto balizou as vertentes científicas europeias do mundo ocidental, o que possibilita um contraponto entre as ligações de elementos culturais com a natureza diretamente. Para tal, retomo os estudos de Lévi-Strauss em seu livro “Mito e significado”, no que concerne às narrativas postuladas por dadas sociedades e civilizações, se tem:

Assim, se o mesmo absurdo se viesse a repetir uma e outra vez, e outro tipo de absurdo também noutro local, então isso seria uma coisa que nada teria de absurdo, se fosse absurdo não voltaria a aparecer. Esta foi a minha primeira orientação, e cifrou-se em descobrir a ordem por detrás desta aparente desordem. E quando, depois de ter trabalhado nos sistemas de parentesco e nas regras de matrimônio, voltei à minha atenção, também por acaso e não por opção, para a mitologia, o problema demonstrou ser o mesmo. As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda parte. Uma criação “fantasiosa” da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se espera encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás dessa desordem aparente – e era tudo. (LÉVI- STRAUSS, 1978, p. 15)

Nesses horizontes, rememoro que o estado de natureza rousseauiano compete ao planejamento de um discurso voltado ao interesse coletivo, subitamente a relação entre os homens e o seu soberano, para desvencilhar-se dos mecanismos



estatais e buscando um retorno à natureza, *fugere urbem*, onde a “civilização” encontrar-se-ia no seu estado perfeito, ou seja, as comunidades indígenas, para Rousseau, seriam a exímia personificação dessa estirpe. Por este viés, Vera Penteadó Coelho dialoga com Rousseau nos seguintes termos:

...estudos desmistificam a imagem de um paraíso intocável, habitado por bons selvagens vivendo em perfeita harmonia com um meio ambiente encantador. Num momento em que o país acorda para o extermínio da cultura indígena, impõe-se a necessidade de contemplarmos um índio real, e não idealizado por mitos seculares. (COELHO, 1993, orelha do livro)

Rememorando o histórico do contato, os indivíduos pertencentes à etnia Bacairi tinham como berço mítico originário o salto *Sawâpa*, geograficamente localizado abaixo da junção do rio Verde com o Paranatinga, porém, os mesmos viram-se obrigados a migrarem a três regiões diferentes devido a conflitos internos e pressões de povos indígenas inimigos, primordialmente, os Kayabí. Desse modo, uma parcela se desloca para as cabeceiras do Arinos, sendo a primeira a ser alcançada pelos bandeirantes nas décadas exórdiais do século XVIII, quando passaram a ser usados nos afazeres da mineração. Concomitantemente, outra parcela se deslocou para o alto Paranatinga, utilizada por colonizadores na pecuária e agricultura nas iniciais décadas do século XIX; e, por fim, a última fração deles, que reunia a maior parte, seguiu em direção ao Alto Xingu, o que culminou numa perda do contato com as outras duas frações. Curiosamente, Karl von den Steinen denomina os povos das primeiras parcelas de "mansos" ou "independentes", ou até mesmo "ocidentais", enquanto que os do Alto Xingu seriam "orientais".

As muitas contribuições de von den Steinen foram reunidas em um livro, fonte inicial da pesquisa – *Karl von den Steinen: um século de Antropologia no Xingu* –, juntamente com vários especialistas na área, através de ensaios, organizado por Vera Penteadó Coelho, no qual é retratado os percursos e relatos do alemão em suas duas expedições, ao longo do século XIX, pelo o Brasil, o que, indubitavelmente, contribuíra para o conhecimento das etnias indígenas da região. Não obstante, também houve a leitura de autores como Passeti (2008) e Boas (2014), que colaboraram com o enriquecimento das perspectivas artísticas dessas



etnias, culminando numa análise mais holística, e abrangendo o todo através do esmiuçar dos fatores mais específicos dessas culturas.

Considerações Finais

Portanto, através desta pesquisa foi possível perceber a urgência para que seja feita uma análise mais condizente com a realidade, buscando preterir estereótipos, preconceitos e tantos outros equívocos, fez-se necessário uma investigação profunda que se norteia a partir dos pressupostos culturais, principalmente as artes do povo Bacairi, para a compreensão da relevância de se estudar essa etnia e, partindo desse pressuposto, compreender o processo dialético (des)civilizatório permeado aqui, o que foi possibilitado através de leituras críticas, fomentadas por um amplo referencial teórico, que coadunam para uma melhor percepção acerca dos agentes pesquisados e aqui analisados.

Pode-se perceber quanto é rica a cultura dos povos indígenas, abarcando um infindável espectro de representações e simbolismos que coadunam com a história dos mesmos. Cabe ressaltar também o modo como grande parte das etnias se assemelha em seus aspectos e manifestações artísticas mais basilares. Subitamente, compreender como a arte desses povos dialoga com os seus mitos, com as suas manifestações religiosas e demais vicissitudes.

Cabe considerar também que além dos estudos realizados, essa pesquisa possibilitou algumas participações em eventos acadêmicos, como por exemplo, a produção de um artigo para o SEPE – evento organizado pela Universidade Estadual de Goiás, tendo este sido apresentado em forma de comunicação oral. Não obstante, também a participação no GEHIN – evento organizado pela Universidade de Brasília (UnB), com a apresentação de um trabalho derivado deste, intitulado “As expressões culturais e artísticas dos povos indígenas do Xingu”, em 2019, apresentado como comunicação oral.

O tema abordado aqui instigou a discussão sobre a profunda simbiose entre a etnologia e história, o modo profícuo como as investigações antropológicas afetam diretamente a historiografia, bem como servir de ferramenta para que, sob a



égide revisionista da história, os conceitos equivocados sejam ressignificados e, sobretudo, desmistificados, evidenciando a importância de se contar a história dos povos indígenas através de suas próprias perspectivas e não apenas sob a égide do colonizador. Além de trazer para o centro do debate o aspecto des(civilizador) do contato do homem branco, não indígena, com os povos ameríndios, bem como dirimir os ideais de passividade dos povos ameríndios, a partir da perspectiva filosófica do “bom selvagem” defendida por Rousseau, haja vista que os mesmos sempre se organizaram e traçaram estratégias oportunas que balizariam seu contato com os povos europeus. Através dessa perspectiva filosófica rosseuaniano, tinha-se a ideia de que o ser humano fosse puro e inocente em seu estado natural, sendo a sociedade responsável por incutir nele valores e hábitos que o conduziria ao conflito.

Nessas perspectivas, ao problematizarmos de forma crítica essa nuance filosófica, podemos traçar pontos que emancipem a figura dos povos indígenas do contato com os europeus. Evidentemente, todo contato causa mudanças, não é possível que isso não ocorra, contudo, antes dessas mudanças acontecerem devido ao próprio contato, devemos ter em mente que cada povo, cada cultura e civilização é culturalmente dinâmico e possuem características e que se configuram ao seu modo; e os elementos que configuram o modo de estar no mundo e perceber esse mundo para cada cultura é magnânimo, possui sentidos e, por isso, invariavelmente, deve ser respeitado.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a PrP e à minha professora orientadora Poliene Soares dos Santos Bicalho, pela oportunidade de desenvolvimento desta pesquisa, que possibilitou ampliar meus conhecimentos sobre o processo etnológico e filosófico acerca dos povos habitantes da região do Xingu, bem como desmistificar conceitos e descobrir novas nuances, através do estudo de Karl von Den Steinen, um desbravador alemão que contribuiu em muitos aspectos para a análise cultural, social e artística dos povos pertencentes à região do Alto Xingu.

Por fim, fico no afã de que os estudos possibilitados através dessa pesquisa, seja chama que incendeie outros corações, assim como incendiara o meu, para que novas pesquisas sejam desenvolvidas, e que o conhecimento, não a ideologia política, seja bradado a todos os cantos do mundo, a sociedade clama impetuosamente para que a ciência e a pesquisa seja luz, não





obscurantismo, e que assim seja. Deste modo, espero contribuir, através dos resultados obtidos, ainda que minimamente, para o conhecimento das pessoas.

Referências

ABREU, Capistrano de. **Os Bacaeris. Estudos e Ensaios.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3 ed. Série 2ª. 1976.

BOAS, Franz. **Arte Primitiva.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

COELHO, Vera Penteado (Org.). **Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu.** São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993.

FRANCHETTO, Bruna. **Os povos do Alto Xingu: história e cultura.** Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado.** Tradução Antônio Marques Bessa. Coletivo Sabotagem, 1978.

MACHADO, Lourdes Santos. **Jean-Jacques Rousseau Do Contrato Social Ensaio sobre a origem das línguas.** São Paulo: Nova Cultura, 1991.

PASSETTI, Dorothea Voegeli. **Lévi-Strauss, antropologia e arte: minúsculo – incomensurável.** São Paulo: EDUSP, EDUC, 2008.



OS SUPER-HERÓIS BRASILEIROS NA DINÂMICA DA LUTA CULTURAL: A HISTÓRIA DO SUPER-HERÓI BRASILEIRO RAIOS NEGRO

Renata Alves dos Santos¹ (IC)

Universidade Estadual de Goiás - Campus Uruaçu. Rua 607 Q 42 - s/n, Uruaçu - GO, 76400-000

Resumo: O super-herói Raio Negro criação de Gedeone Malagola foi inspirado no Lanterna Verde no contexto da Era de Prata das HQs norte-americanas. O super-herói representado pelo piloto da Força Aérea Brasileira Roberto Salles atendendo uma missão secreta espacial, se depara com um alienígena em apuros. Ao ajudá-lo o rapaz recebe em agradecimento um misterioso Anel que emite luz negra. Essa incrível joia proporciona habilidades extraordinárias a Roberto Salles, que se compromete a usá-las apenas para combater criminosos. Apesar das aproximações, tanto narrativa quanto estilísticas, com a HQ americana Lanterna Verde, os quadrinhos do Raio Negro ganham destaque mediante a corrida espacial durante os anos de 1960, apostando na identificação dos leitores acerca de um super-herói nacional que tinha como palco diversos cenários cotidianos expressando, assim, a dinâmica nacional. Entretanto, isso ainda dividiu opiniões acerca da originalidade das narrativas diante da influência de tendências quadrinista da época.

Palavras-chave: Raio Negro. Gedeone Malagola. Super-Herói Nacional. História em Quadrinhos.

Introdução

O presente plano de trabalho foi proposto após receber o convite do professor Dr. Edmilson Marques para contribuir com o seu projeto de pesquisa Os Super-Heróis Brasileiros na Dinâmica da Luta Cultural. Após a leitura de seu projeto, propus estudar um dos primeiros super-heróis brasileiros que ficou bastante conhecido na década de 60, que foi o super-herói Raio Negro. Segundo Guedes (2005, p. 21), entre os super-heróis brasileiros, “um dos pioneiros, e talvez, o mais carismático de todos foi o Raio Negro, de autoria de Gedeone Malagola”. Para tanto, com este plano de trabalho realizei um estudo aprofundado sobre o personagem e o mundo que ele integra, mais especificamente conheci sobre sua perspectiva, ou seja, a cultura que o personagem manifesta e a sua visão de mundo. Essa temática foi importante por vários motivos, primeiramente por se tratar de um super-herói brasileiro que ainda é pouco conhecido. Nesse sentido, este plano de trabalho contribuiu para divulgá-lo levando pessoas do Câmpus de Uruaçu e de outras

¹ Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás campus Uruaçu. E-mail: santos.renataalves@outlook.com.br



idades a conhecê-lo. A questão principal girou entorno de o Raio Negro ter uma especificidade que poucos conhecem, que apesar de ser um super-herói brasileiro sua história é marcada por uma disputa com um super-herói homônimo criado por uma das maiores produtoras de histórias em quadrinhos, a norte americana DC Comics. Há um grande debate sobre qual surgiu primeiro, o Raio Negro brasileiro ou o Raio Negro norte-americano. Com este plano de trabalho resultou em elucidar esta questão.

A história do Rádio Negro representa uma parte da história da produção quadrinística no Brasil. Criado na década de 1960, representa uma expressão artística que manifesta aspectos da cultura brasileira. Guedes (2005, p. 21), no entanto, chama a atenção de que: Devemos tomar cuidado ao especificarmos o que é mesmo “cultura brasileira” para não cairmos na armadilha do estereótipo, ou então, sermos injustos com alguém. Afinal, o Brasil é um país de dimensões continentais que concentra em seu território pessoas das mais diversas origens. Com exceção daquelas “antenas” na mesma frequência das novelas televisivas, é bem provável que os interesses e sonhos de consumo dos cidadãos brasileiros variem de região para região, contrariando os ditames do “horário nobre”. O elemento fantasia, inerente às histórias de super-heróis, pode muito bem ser aplicado em qualquer contexto, seja ele o sertão nordestino, a floresta amazônica ou a metrópole de São Paulo. Observando esta complexidade existente no que pode ser entendido por “cultura brasileira”, buscarei analisar as histórias do Raio Negro no sentido de verificar as expressões culturais presentes nas histórias deste personagem. É visível que os super-heróis norte-americanos tornaram-se dominantes na esfera das histórias em quadrinhos, inclusive o super-herói norte americano Pantera Negra é o super-herói negro mais conhecido no Brasil, sobressaindo, inclusive ao Raio Negro brasileiro. Eu mesma, só conheci este super-herói com este projeto do professor Edmilson Marques, que me despertou muita a atenção e curiosidade para iniciar a pesquisa sobre este tema. A autora Sônia Bibe-Luyten (1987, p. 62) ressalta a importância de buscarmos compreender a evolução histórica das histórias em quadrinhos nacionais, os seus criadores e também os personagens, por dois motivos principais: “um deles, para avaliar a produção atual e





suas tendências. A outra, talvez a mais importante: para tomarmos consciência da própria cultura brasileira que nela se reflete”. Apesar dos questionamentos sobre o conceito de cultura brasileira é inegável que esta permanece viva nas produções que são realizadas e concretizadas nas histórias em quadrinhos, as quais muitas delas, continuam sendo divulgadas atualmente. Contudo, é necessário resgatar esta cultura que se encontra marginalizada e divulgá-la, além de submetê-la a uma análise para evidenciar a cultura que se apresenta no mundo ficcional. Estudar o Raio Negro é o início deste trabalho.

Material e Métodos

Ao longo dessa pesquisa utilizarei principalmente da leitura dos gibis do personagem Raio Negro. Encontrei várias revistas disponíveis na internet e as tenho baixadas no meu computador. Além disso, como meio de conhecer um pouco mais do mundo do personagem, realizei leitura de livros, sites e artigos sobre a HQ.

Resultados e Discussão

Inicialmente foram coletados dados que proporcionaram uma visão ampla da construção do personagem Raio Negro, além do contexto interpretativo e histórico ao qual a história em quadrinhos estava inserida. Nesse sentido, a pesquisa resultou no entendimento de como a HQ foi e é pensada a partir dos fãs que dedicam numerosas homenagens ao personagem através de sites e blogs de internet e nos meios acadêmicos mediante artigos e teses que debatem questões relacionadas à manifestação cultural que a história em quadrinhos exerce.

Os resultados obtidos da pesquisa de Iniciação Científica – *Os super-heróis brasileiros na dinâmica da luta cultural. A história do super-herói brasileiro Raio Negro* –, objetivaram em apontar a construção do olhar histórico através da perspectiva do super-herói brasileiro Raio Negro de Gedeone Malagola. Os resultados que serão apontados a seguir evidenciam os principais aspectos da HQ, sobretudo as características culturais.

Nos primeiros momentos de vigência da pesquisa, foram feitos levantamentos bibliográficos que construíram um entendimento amplo a respeito do universo dos





quadrinhos. Esses estudos expandiram o conhecimento a respeito dos quadrinhos de modo geral, além de estabelecer um elo com o ambiente em que a história, Raio Negro, foi concebida, compreendendo a sua relação com o fenômeno cultural dos quadrinhos no Brasil. Mediante a isso, coletou-se dados detalhados de alguns aspectos da criação do personagem Raio Negros.

O super-herói Raio Negro surgiu a pedido de Jayme Cortez a Gedeone Malagola. Para servir de inspiração, Jayme apresentou algumas revistas da DC Comics, entre elas a do super-herói Lanterna Verde foi a que chamou mais a atenção do Gedeone.

As etapas finais da pesquisa foram dedicadas à leitura dos quadrinhos do Raio Negro. Apesar da dificuldade de encontrar edições físicas foi possível coletar alguns materiais em formato *Comic archive* em sites de internet. Como já foi observada, a escassez de material, a princípio, dificultou a elaboração de uma análise ampla da HQ. Todavia, o contato com algumas edições permitiu interpretar como os aspectos culturais presentes nesta HQ foram elaborados dentro da narrativa dos quadrinhos do super-herói.

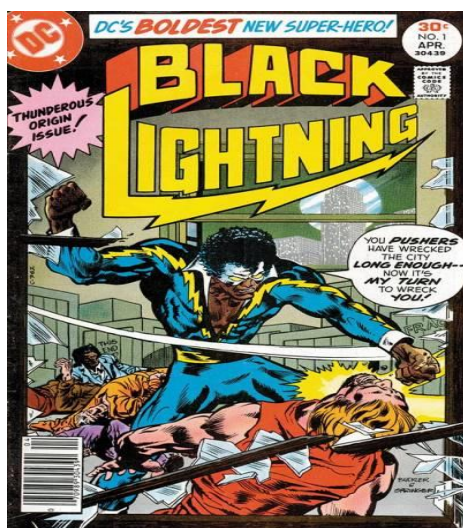
Além da leitura das HQs, também foram feitas leituras teóricas como do livro de Will Eisner - *Quadrinhos e arte sequencial* (1999), de artigos como do Prof. Nadilson M. da Silva - *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*, Glayci Kelli Reis da Silva Xavier - *Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade*, entre outros trabalhos cujo objetivo estabelecido era entender como a dinâmica dos quadrinhos funciona em meio à sociedade.

O personagem Raio Negro é, na verdade, Roberto Salles, um piloto da Força Aérea Brasileira (FAB) que por um acaso do destino recebe um anel de luz negra com grandes poderes de um alienígena chamado Lid. Desde esse encontro o piloto começa a combater o crime sob os trajes de Raio Negro, intercalando os combates com as missões que deve executar como piloto da FAB. A imagem que é construída do super-herói é de uma pessoa que preza pela justiça, além disso, o modo como Roberto Salles se relaciona com as forças armadas e com as demais autoridades leva a crer que ele é um autêntico patriota, que faria de tudo pelo seu país.

Existe um homônimo de autoria da editora DC Comics traduzido como Raio



Negro (Black Lightning 1977)², contudo as histórias são totalmente diferentes. A versão estadunidense o herói possuiu um cinto que fornece poderes elétricos que são usados para combater criminosos. Além disso, Jeff Pierce, personagem principal, é negro o que –hipoteticamente– pode ter relação com a origem ao nome do super-herói na versão americana. Diferentemente do Raio Negro brasileiro, onde o nome do super-herói não tem associação com a cor da pele do personagem, mas sim com os poderes do anel de Lid que emite luz negra. Vale ressaltar que a versão brasileira veio antes da americana e como podemos observar nas imagens abaixo os trajes do personagem apresentam diferenças categóricas, assim como as narrativas.



Fonte: Capa de **Black Lightning** nº 1, Editora Abril. 1977



Fonte: Capa **Raio Negro** nº 13, Editora GEP. 1968

Interessante observar que essa construção do caráter do personagem Roberto Salles está ligada ao contexto militar que o Brasil enfrentava em meados da década de 60. Não ficou evidente se essa construção foi espontânea, devido ao contexto histórico, ou se foi proposital visando não ter problemas com as autoridades em relação à censura de conteúdo. Na imagem a seguir podemos observar um pouco da relação do personagem com as autoridades.

² A palavra lightning em inglês também pode ser associada tanto a raio, no sentido de descarga elétrica, como a relâmpago. A critério de diferenciação será adotado o nome em inglês do super-herói.



Fonte: **Raio Negro** nº 13, Editora Grafipar.

Algumas críticas tecidas acerca da imagem do personagem durante algum tempo estiveram centradas na proximidade da HQ com outra de origem americana, O Lanterna Verde. O autor Malagola mantém a concepção que situou o enredo das histórias diante do contexto da chegada do homem à lua³. Embora existam semelhanças estilísticas é importante observar que a aceitação da HQ pelo público foi positiva, ter um super-herói nacional, mesmo nos moldes das histórias estrangeiras, ainda era algo que chamava atenção. Podemos observar na figura abaixo que ambos os personagens possuem semelhanças, mas também diferenças. A semelhança está na utilização dos poderes emanados do anel, no patriotismo de ambos os personagens, no poder de voar, nas botas etc. As diferenças consistem no contexto histórico que aproximou as narrativas dos elementos nacionais, a composição do cenário das aventuras tem papel fundamental, pois favorece a identificação dos leitores com as narrativas.

³ Segundo matéria na Revista Quadrinhos Independente p. 14



Fonte: Capa **Green Lantern**, nº 4 de janeiro/fevereiro de 1961.



Fonte: Capa de **Raio Negro** nº 1, Editora Grafipar. 1966

Nesse sentido, a imagem do super-herói representava um contexto nacional militar e, em certo aspecto, cultural. Chartier (1990) afirma que as representações são produtos de elementos culturais de uma sociedade, os sentidos e significados são guiados de acordo com interesses individuais ou de grupo.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, P. 17 1990).

Portanto, mesmo que a história em quadrinhos de Raio Negro tenha sido inspirada em outra, os elementos representativos que foram assumidos na figura do piloto da FAB correspondem ao cenário nacional ao qual está inserido. Isso pode ser observado nos elementos que fazem parte do cenário da narrativa, alguns bem emblemáticos, como quando o piloto sobrevoa a cidade do Rio de Janeiro ou quando chega à base de Brasília, como podemos observar nas tiras abaixo.



Fonte: **Raio Negro** nº 1, p. 9 -10, Editora Grafipar. 1966

Esses elementos buscam integrar o leitor à narrativa, o uso de lugares conhecidos tem como objetivo criar um vínculo com o cotidiano das pessoas, ou seja, uma identificação. Além disso, essa estratégia também visa atrair mais público, pois coloca em evidência lugares cotidianos que, conseqüentemente, desperta no leitor o sentimento de fazer parte da narrativa.

Vemos que essas produções seguem tendências culturais e de mercado, em específico “as HQs mudam de acordo com as mudanças sociais, pois elas estão envolvidas na dinâmica da sociedade capitalista, assim como os indivíduos concretos, reais de carne e osso que as produzem” (VIANA. P.575. 2011). Não se pode perder de vista que as HQs correspondem a um produto do mercado de entretenimento de massas, e este busca se expandir e lucrar, acompanhando as tendências e inovações buscando faturamentos positivos.

Observa-se que o Raio Negro brasileiro não possuía enredo muito elaborado, todas as situações eram resolvidas pelo herói sem muitos problemas. As cenas de ação compensavam a ausência de mistérios mais elaborados. A justificativa para essa característica da HQ é que o autor tinha outras demandas, portanto, ele não se

dedicava exclusivamente à produção do super-herói.

Considerações Finais

Apesar de o super-herói Raio Negro ter sido criado sob um padrão americano que estava em alta e de suas narrativas serem bem objetivas, em vista do ritmo de produção que Gedeone possuía em outras revistas, é preciso situar a HQ dentro do contexto nacional antes de qualquer coisa. Entender que a produção da história em quadrinhos também tinha relação com os anseios do mercado nacional de HQs é sem dúvida um fato importante. Esse período de renovação do cenário foi caracterizado pela era de prata no universo dos quadrinhos, um momento que os super-heróis retornavam as bancas de revistas, após longo declínio deste segmento de histórias em quadrinhos.

No contexto nacional, como já vimos, a corrida espacial caracterizada pelos avanços tecnológicos deu margem para diversas ficções do gênero. A curiosidade acerca dessas possibilidades alimentava a imaginação das pessoas em vários aspectos, entre eles da possível existência de vida extraterrestre. Além disso, o cenário militarizado no Brasil também colaborou para que um herói militar fosse mais bem aceito do que um rebelde em um contexto de guerra – estereótipos que viram seu declínio após o fim da Segunda Guerra Mundial e diante das censuras a respeito dos supostos conteúdos de violência que tais quadrinhos podiam ter. Os tempos eram outros, as produções artísticas do gênero precisavam se adequar.

Este foi o caso que levou à criação do super-herói Raio Negro, onde os modelos empregados em outras HQs, no caso O Lanterna Verde, ganhavam aceitação do público e inauguravam outros períodos favoráveis para o mercado das histórias em quadrinhos. De certa forma, essa ação antecipou tais características para o mercado nacional, trazendo renovação para manter o segmento ativo.

Portanto, a HQ marcou um período de renovação no cenário nacional, além de representar os elementos sociais e culturais da década de 60 no Brasil. A influência que o autor sofreu do padrão norte-americano para a criação de seu personagem, todavia, foi uma exigência que não partiu do próprio Gedeone. Quando as revistas da DC Comics foram apresentadas ao autor, o objetivo era expirar a



criação de um super-herói naqueles moldes, pois era o que estavam em alta. Ressalta-se que o homônimo Black Lightning veio depois que o Raio Negro brasileiro

Logo, essas características representam os anseios do mercado nacional para se adaptar às produções estrangeiras, e evidentemente lucrarem. Contudo, a adequação dessas influências também corresponde a uma expectativa do próprio mercado nacional, que já demonstrava apreço por histórias estrangeiras há tempos. O super-herói Raio Negro era reflexo disso, porém com uma narrativa mais nacional.

Agradecimentos

Quero prestar meus agradecimentos à Universidade Estadual de Goiás - Câmpus de Uruaçu pela oferta de bolsas nessa modalidade e ao professor orientador Edmilson Ferreira Marques pelo convite para participar do projeto de pesquisa em questão. Agradeço também aos colegas de curso que indicaram leituras acerca do tema e que contribuíram para meu crescimento intelectual durante os doze meses de pesquisa. Sou grata a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Referências

BARBOSA, Matheus. **A história de Hal Jordan, o maior Lanterna Verde de todos os tempos**. Disponível em <<https://www.aficionados.com.br/hal-jordan-lanterna-verde>>. Acesso em setembro de 2018

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIBE-LUYTEN, Sônia M. **O Que é História em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRAGANÇA, Aníbal. **Sobre o editor. Notas para sua história**. Em questão. Porto Alegre: v. 11, n. 2, p. 219-237, Jul./dez. 2005

CHARTIER, Roger. **História Intelectual e História das Mentalidades: uma dupla reavaliação**. In: A História Cultural - Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL/Editora Bertrand Brasil S.A, 1990

D'OLIVEIRA, Geisa Fernandes. **Identidades Brasileiras Nas Histórias Em Quadrinhos**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 9, n. 16, 2014.

DA SILVA XAVIER, Glayci Kelli Reis. **Histórias Em Quadrinhos: Panorama**

REALIZAÇÃO



Histórico, Características E Verbo-Visualidade. Revist eletrônica Darandina. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários – UFJF| Vol 10 – N.2. 2018.

DA SILVA, Nadilson M. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos.** INTERCOM–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande/MS. Setembro 2001.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo. Martins Fontes, 1999.

GUEDES, Roberto. **A Saga dos Super-Heróis Brasileiros.** Vinhedo-SP: Editoractiva Produções, 2005.

GUIMARÃES, Edgar. **Raio Negro.** In: Revista Quadrinhos Independentes. N° 140. Julho/agosto. 2016.

LEMO, Aline de Castro. **Raio Negro: um super-herói brasileiro entre disputas de mercado e de identidade (1965-1966).** Temporalidades, v. 2, n. 2, p. 59-66, 2010.

MALAGOLA, Gedeone. **Raio Negro.** Grafipar. Edição nº1.1981.

MCCLOUD, Scott. **Desvendado os quadrinhos.** São Paulo: Makron Brooks, 1995. 222 p.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual.** Balanço provisório, propostas cautelares. Revista brasileira de História, v. 23, n. 45, p. 11-36.

PIGOZZI, D. **Quadrinhos em ambientes totalitários: contextos históricos.** In: 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

RIBEIRO, Antônio Luiz. **Raio Negro.** Disponível em <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/raio-negro-\(roberto-sales\)/4475](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/raio-negro-(roberto-sales)/4475)>. Acesso em setembro de 2018.

SILVA, U.R. **Cultura visual e história da arte: a tradição do olhar sob a perspectiva pós-moderna.** In: Seminário Internacional De Memória E Patrimônio, 4, 2010, Pelotas. Anais...Pelotas: Editora da UFPel, 2010. P.542-551.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio. **A pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo: análise da produção de 1972 a 2005.** UNirevista, vol. 1, n. 3, p. 1-12 julho, 2006.

VIANA. Nildo. As histórias em quadrinhos e a cultura do capitalismo durante o regime de acumulação integral. In: **Anais I encontro Nacional de estudos sobre**





quadrinhos e cultura pop. Centro de Convenções da UFPE. Recife, 29 a 31 de julho. 2011.





O TEMPO E O CLIMA NAS MÍDIAS IMPRESSAS DO ESTADO DE GOIÁS: UMA ANÁLISE ENTRE A VEICULAÇÃO E AS OCORRÊNCIAS CLIMÁTICAS DE 2016 A 2018.

JOSE ALBERTO EVANGELISTA DE LIMA^{1(PQ)}, NELTON NATTAN AMARAL NUNES^{2(IC)}, ANDRE CALIXTA DA SILVA^{3(IC)}, Karolayne Ferreira de Sousa^{4 (IC)}

¹Docente do curso de Geografia na Universidade Estadual de Goiás Campus Cora Coralina.

²Discente em Geografia, Universidade Estadual de Goiás Campus Cora Coralina.

³Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG.

⁴Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Resumo: Ao longo da história da humanidade, os seres humanos desde os tempos remotos buscam as explicações para os mais variados fenômenos de ordem meteorológicas e climáticas, na tentativa de entender, enfrentar e dominar. As diferenças conceituais entre o tempo e clima, levam a confusões das mais variadas formas. As mídias impressas podem ser fonte de leitura para que isso não ocorra, e que nem sempre acontece. Assim este trabalho propõe conhecer, entender e avaliar como as mídias impressas do Estado de Goiás tratam as matérias jornalísticas sobre o tempo e o clima, comparando-as as ocorrências do tipos de tempos e seus efeitos na Cidade de Goiás(Go).

Palavras-chave: Tempo. Clima. Mídias impressas. Estado de Goiás e Cidade de Goiás.

Introdução

Ao longo da história da humanidade, os seres humanos desde os tempos remotos buscam as explicações para os mais variados fenômenos de ordem meteorológicos e climáticos, na tentativa de entender, enfrentar e dominar. Sabe-se que isso não é tarefa das mais fáceis, pois nem todo ser humano possui as informações e os conhecimentos necessários sobre os diversos aspectos do tempo e do clima.

Para que o ser humano possa tentar dominar ou mesmo enfrentar um determinado fenômeno climático, ou mesmo usá-los como um recurso, é necessário





certo conhecimento. Para que isso ocorra ele deve informado para refletir e entender, e obter nas noções básicas sobre esses aspectos.

É comum as pessoas não saberem as diferenças conceituais entre o que venha a ser tempo e clima. Isso leva a estabelecerem uma confusão sobre esses termos que se completam que são usados sem distinção.

Assim, para que se estabeleçam de forma precisa essas diferenciações, e entender para saber enfrentar e, ter as condições necessárias para dominar; torna-se necessário que recebam informações mais precisas e corretas. As mídias impressas tornam-se assim, uma fonte de leitura que podem contribuir para que ocorra. Todavia, nem sempre é isso que ocorre. Ora veiculam que o clima hoje está chuvoso, ora, falase que no tempo do inverno faz frio. Sabe-se que o tempo diz respeito às condições meteorológicas de momento sobre um determinado espaço terrestre e pode, varias de um lugar para outro, às vezes no mesmo município; já o clima é algo mais duradouro permanece por um período mais longo num determinado lugar.

Quando falamos das condições meteorológicas de um lugar em momentos determinados, estamos falando de tempo. Num único dia, ele pode variar bastante: amanhece com sol e calor, depois fica nublado e, à noite, chove ou faz frio. Já o clima corresponde ao comportamento das condições atmosféricas de determinado lugar por muitos anos sucessivos. O tempo à gente sente diariamente, o clima a gente espera.

Sabe-se que os processos atmosféricos influenciam os demais processos do ambiente, principalmente na biosfera, hidrosfera e litosfera. Mas, ao mesmo tempo, não se podem ignorar os demais processos e/ou elementos do ambiente para entender o tempo e o clima.

Esses processos influenciam a vida aqui na superfície terrestre, e as mídias impressas funcionam como um elemento capaz de através da informação transmitida, contribuir com a disseminação da informação que os seres humanos fazem uso para organizarem os seus dia-a-dias. E neste aspecto devem transmitir de forma precisa para ter o papel contribuir e não prejudicar que faz uso deste tipo de informação.



Assim, o que se pretendeu com a pesquisa foi conhecer e entender, avaliar e comparar como se dá esse processo de comunicação dos aspectos relacionados ao tempo e ao clima no Estado de Goiás com foco principal nas ocorrências dos tipos de tempos na Cidade de Goiás (GO).

Material e Métodos

Esta pesquisa foi realizada a partir das seguintes etapas:

1. Revisão teórica dos temas pertinentes à pesquisa. Dentre os temas de interesse podemos destacar: o papel das mídias impressas na disseminação das informações a respeito do tempo e do clima, os conceitos mais utilizados sobre o tempo e o clima; os fatores e os elementos do clima;
2. Busca em sites oficiais dos aspectos relacionados sobre o tempo e clima, para complementar a revisão teórica; entre eles, o INMET, INPE, SECTEC, IBGE.
3. Leituras e pesquisas diárias nas mídias impressas na busca das matérias jornalistas sobre os fenômenos meteorológicos que ocorrem no Estado de Goiás e em especial na região onde se insere a Cidade de Goiás;
4. Análise dos dados meteorológicos levantados pela Estação Meteorológica do Laboratório de Climatologia da UEG/Campus Goiás para apuração dos tipos de tempos e dos fenômenos deles advindos na Cidade de Goiás;
5. Organização, tabulação, tratamento estatístico e análise dos dados onde foram elaborados gráficos e tabelas que usados como suporte analítico e comparados com as matérias jornalísticas veiculadas nas mídias impressas do Estado de Goiás.

Resultados e Discussão

Objetivando então a atender as matérias jornalísticas veiculadas nas mídias impressas no Estado de Goiás, em especial as matérias do jornal impresso de maior circulação na Cidade de Goiás, ou seja, o jornal “O Popular” pertencente à Organização Jaime Câmara da cidade de Goiânia (Go). Em primeiro momento, foi de eleger as matérias jornalísticas impressas no Jornal O Popular veiculadas a partir de 01 de janeiro de 2016 até o mês de julho de 2018. Em seguida foi identificar e avaliar o grau de confiabilidade das informações da mídia referente aos aspectos e assuntos pertinentes ao tempo e ao clima.

Dando sequência, as matérias sobre o tempo e o clima veiculadas na mídia impressa, foram comparadas com as ocorrências dos fenômenos meteorológicos ocorridos, os quais encontram-se em bancos de dados do Laboratório de Climatologia da UEG-Campus Cora Coralina da Cidade de Goiás (Go). Neste aspecto, buscou-se entender o papel desempenhado por a mídia impressa com a sociedade goiana e em especial a vilaboense, na tentativa do entendimento da sua interação com os tipos de tempo e o clima, bem como, os efeitos desses fenômenos climáticos para o Estado de Goiás e na Cidade de Goiás (Go).

Várias matérias e outras informações foram selecionadas e catalogadas, conforme pode ser observado no quadro I a seguir. Importante salientar que a pesquisa ainda está em curso e várias outras informações estarão sendo analisadas e avaliadas, visto que, os aspectos do tempo serem bastantes dinâmicos e mudanças nesse aspecto ocorrem num piscar olhos.

Quadro I – MÍDIAS IMPRESSAS ANALISADAS – AGOSTO/16 A JULHO/18

MÍDIAS IMPRESSAS ANALISADAS	JORNAL "O POPULAR"			
REPORTAGENS AVALIADAS	2016	2017	2018	TOTAL
	11	19	3	33
ESTAÇÕES DO ANO				
Primavera	11	8	0	18
Verão	0	5	2	7
Outono	0	3	0	3
Inverno	0	3	1	4
TOTAIS	11	19	3	33

Fonte: Jornal "O Popular" Organização Jaime Câmara – Ago/2016 a Jul/2018.

Numa simples observação do quadro I, das 34 (trinta e quatro) matérias jornalísticas analisadas até o momento, chama à atenção em especial as 11 matérias dos fenômenos ocorridos durante a estação da primavera do ano de 2016. Explica-se o fato, tendo em vista que a pesquisa se iniciou a partir do dia 01.08.2016. Todavia, o fato se repete no ano de 2017, como pode ser observado no quadro I. Sabe-se que a estação da primavera pode ser considerada uma estação de transição entre o inverno e o verão, em cujo período alguns fenômenos das duas outras estações ali ocorrem.

Outro período do ano que as matérias jornalísticas foram veiculadas, conforme se



observa no mesmo quadro I é na estação do verão. É nesta estação que no território goiano ocorrem os principais fenômenos meteorológicos relacionados à ocorrência das chuvas, ventos e tempestades, e são marcantes os seus efeitos adversos desses elementos sobre as sociedades.

Quanto aos efeitos das ações desses elementos climáticos durante o período de 01.08.2016 até agosto de 2018, foram mais marcantes na capital do estado de Goiás, entre eles os alagamentos de vias e em residências, as enxurradas, quedas de árvores sobre veículos, danos em vias públicas. Percebe-se assim, que os elementos climáticos mais atuantes e que provocaram os efeitos sobre os ambientes e a sociedade goianiense, vilaboense e goiana; foram as chuvas, ventos e as temperaturas como ocorrências principalmente durante a estação do verão, como pode-se observar em várias matérias jornalísticas e nas ocorrências de fato que produziram os tipos de tempos no período até aqui estudado.

Umas das matérias que durante o período que compõe esta pesquisa, que mais marcou a relação entre a matéria veiculada, foi a que ocorreu no dia 20.05.18, conforme pode-se observar na figura I.

Figura I – Matéria jornalística de O Popular do dia 21.05.18



Nebulosidade intensa encobriu o céu de Goiânia no domingo. Tempo volta a ficar claro nos próximos dias

Massa de ar polar traz frio recorde na madrugada

Temperatura sobe um pouco no decorrer da semana, mas há novas pancadas de chuvas previstas para quarta e quinta

Os goianenses que gostam de dormir no friozinho podem comemorar: a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) ontem era de 9°C na madrugada de hoje, na capital. É a temperatura mais baixa do ano. Durante o decorrer do dia, os marcadores devem chegar ao máximo de 28°C. No início da tarde de ontem, Goiânia já havia registrado a menor temperatura máxima do ano: 18,5°C, enquanto a mínima constatada ao longo do dia foi de 15,7°C, também durante a

madrugada.

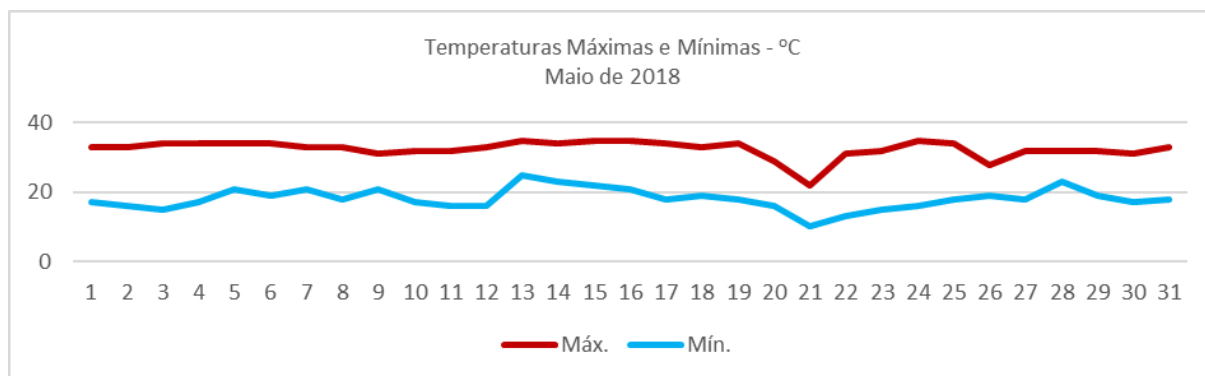
Os municípios mais ao Sul do Estado vão encarar um frio ainda maior. Em Jataí, por exemplo, os termômetros devem marcar entre 8°C e 26°C nesta segunda. As temperaturas devem se elevar ligeiramente no decorrer da semana em todo o Estado, mas ainda mantendo o tempo bom para se esconder debaixo das cobertas. Na terça-feira, o céu, após alguns dias encoberto pelas nuvens, deve se abrir novamente em Goiânia e as temperaturas

devem variar entre 12°C e 30°C. Na quarta (23) e na quinta (24), o Inmet prevê pancadas de chuva esporádicas, trazendo de volta a nebulosidade. Mesmo assim, as temperaturas sobem um pouco: respectivamente 15°C e 30°C, e 16°C e 31°C. O friozinho deve perdurar ao longo das próximas semanas, com variações, pelo menos até o fim de julho. Segundo a chefe do Inmet em Goiás, Elizabeth Alves Ferrelra, a causa das baixas temperaturas é uma massa de ar frio de origem polar.

Fonte: Jornal O Popular – 21.05.18

Ao ler a matéria e observar os dados meteorológicos relativos as temperaturas registradas nos aparelhos da Estação Meteorológica do Laboratório de Climatologia (LABOCLIMA) da UEG-Campus Cora Coralina da Cidade de Goiás (Go), conforme gráfico I e nas Cartas Sinóticas levantada junto ao INPE/CPTEC/GPT, conforme imagens I e imagens II, onde apresenta e discute-se os sistemas atmosféricos que foram determinantes do tipo de tempo apresentados naquela oportunidade inclusive na Cidade de Goiás (Go).

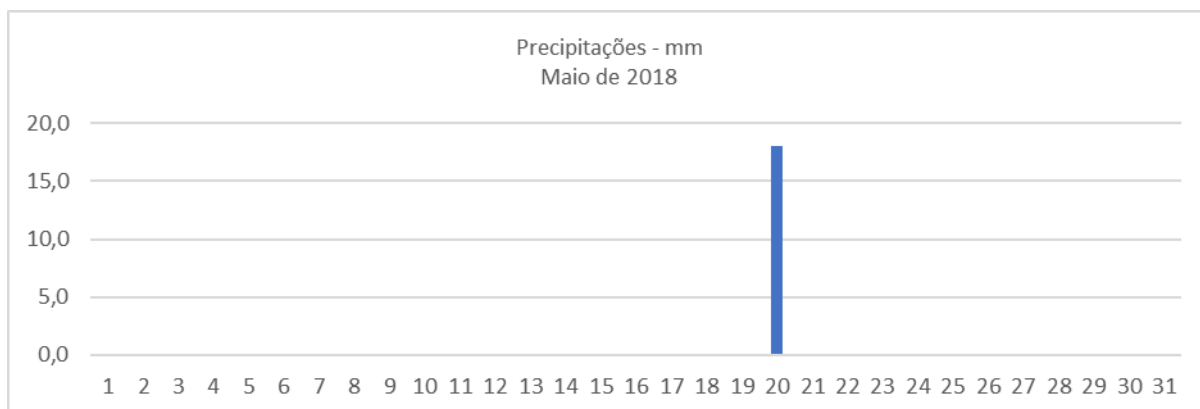
Gráfico I – Temperaturas Máximas e Mínimas - °C – Cidade de Goiás (Go).



Fonte: Laboratório de Climatologia – UEG/Campus Cora Coralina – 2018.

Ao analisar o gráfico I, nota-se que durante os dias 20 e 21 de maio de 2018, a queda nas temperaturas tanto máximas como mínimas, o que efeitos principalmente no cotidiano da sociedade goiana durante a passagem da frente fria sobre o território goiano.

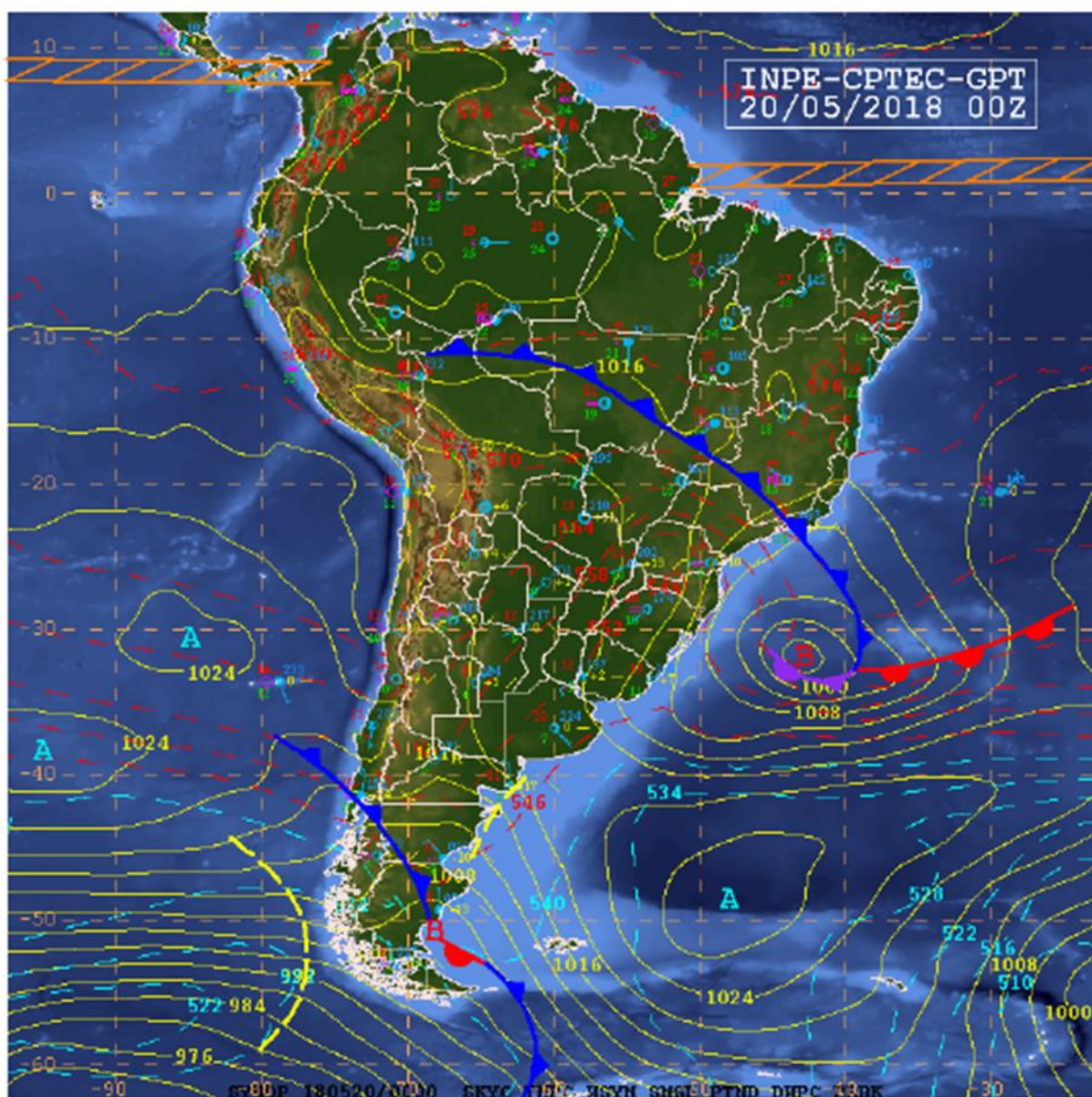
Gráfico II – Precipitações - mm – Cidade de Goiás (Go).



Fonte: Laboratório de Climatologia – UEG/Campus Cora Coralina – 2018.

No gráfico II conforme pode-se observar, durante os dias 20 para o dia 21 de maio de 2018 a passagem da frente fria sobre o território goiano trouxe chuvas para a Cidade de Goiás (Go), precipitando na oportunidade 18 mm o que de certa forma não é um fenômeno tão normal considerando a época do ano.

Imagem I – Carta Sinótica – 20.05.2018



Fonte: INPE/CPTEC/GPT – 2018.

O que se observa na imagem I acima, é exatamente o início da passagem da frente fria sobre o território goiano quando trouxe a chuva para a Cidade de Goiás(Go) entre os dias 20 e 21.05.2018.

Na imagem II abaixo, apresenta-se a passagem da frente fria sobre o território goiano, e o que trouxe assim a queda brusca das temperaturas o que perdurou o frio de certa forma anormal para o Estado de Goiás bem como para a Cidade de Goiás(Go), fruto da matéria jornalística comentada nas linhas anteriores.

Imagem II – Carta Sinótica – 21.05.2018

REALIZAÇÃO

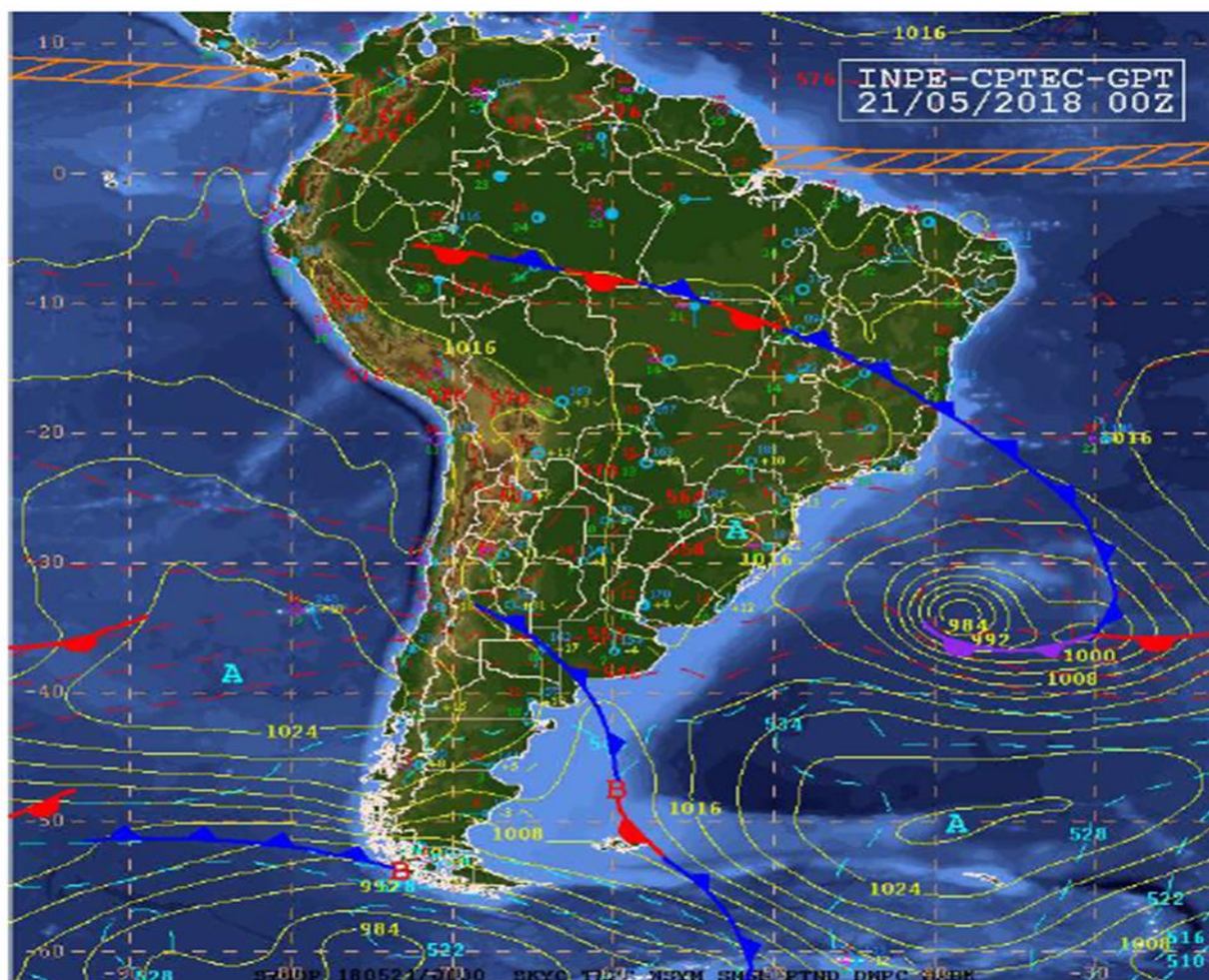
PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Fonte: INPE/CPTEC/GPT – 2018.

Outras 33 matérias jornalísticas conforme pode ser observado no quadro I foram analisadas e comparadas também com os fenômenos meteorológicos ocorridas tanto do Estado de Goiás e na Cidade de Goiás(Go), utilizando para tanto os dados levantados pelos aparelhos da estação meteorológica do Laboratório de Climatologia da UEG-Campus Cora Coralina, para tentar entender o papel desempenhado por essas mídias impressas com a sociedade goiana e em especial a vilaboense, e ao mesmo tempo buscar a identificação desses fenômenos climáticos e seus efeitos ocorridos no estado, na capital Goiânia e na Cidade de Goiás(Go).

Considerações Finais

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Os resultados apresentados nesta pesquisa como pode ser observado, tratam-se do início das discussões sobre a onde se pretende chegar no final da pesquisa. Os dados relativos ao período de janeiro de 2016 a julho de 2018 foram sistematizados, tabulados, inseridos em bancos de dados junto ao Laboratório de Climatologia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina da Cidade de Goiás (Go), e em seguida foram analisados para composição do presente relatório e sequência da pesquisa, na tentativa de conhecer, entender e ao mesmo tempo avaliar como as mídias impressas do Estado de Goiás tratam as matérias jornalísticas sobre o tempo e o clima, a respectiva comparação com a efetivas ocorrências do tipos de tempos e fenômenos climáticos ocorridos, bem com o seus efeitos na Cidade de Goiás(Go).

Referências

AYOADE, J. O. *Introdução à Climatologia para os trópicos*. 2 ed. Ed. Bertrand Brasil S. A. Rio de Janeiro. Tradução: SANTOS, Maria Juraci Zani dos 332p. 1988.

BARROS, J. R.; ZAVATINNI, J. A. *Bases Conceituais em Climatologia Geográfica*. Mercator, vol. 08 n° 16, 2009. p. 255-261.

BRITTO, M. C.; FERREIRA, C. C. Martins. *Clima e ensino: abordagens presentes e perspectivas futuras*. Revista Geonorte, n. 5, p. 218-231, 2012.

CAVALCANTI, Iracema F. A (et al) organizadores. *Tempo e clima no Brasil*. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

CONTI, José Bueno. *Clima e meio ambiente*. São Paulo: Atual, 1998.

FERREIRA, Artur Gonçalves. *Meteorologia prática*. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

FERRETTI, Eliane. *Geografia em ação, práticas em climatologia*. Curitiba: Ayamará, 2009.

HILDEU, Ferreira da Assunção. *Climatologia*, Apostila, Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Jataí, Departamento de Geografia. 1998.

LIMA, José Alberto Evangelista de. *Município de Goiás: uma análise de fragmentação territorial* Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003. Dissertação de Mestrado.

MENDONÇA, F; DANNI-OLIVEIRA, I. M. *Climatologia: noções básicas e climas do Brasil*.



São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

MORAES, P. R. e outros. **Clima e tempo**. São Paulo: Harbra, 1998.

NATALINO, Renata Romera. **Clima e Saúde – contribuição ao estudo das condições atmosféricas e relação com as doenças respiratórias: subsídio às políticas públicas locais**. Rio Claro SP. UEP. Tese de Doutorado. 2011.

NETO, João Lima Sant'anna. **A análise geográfica do clima: produção de conhecimentos e considerações sobre o ensino**. Revista Geografia, vol. 1, n. 2, p. 321-328. 2002.

STEINKE, Ercília Torres. **Climatologia fácil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

TORRES, FellipeTamiozzo Pereira. **Introdução a climatologia**. São Paulo: CengageLearningg, 2011.

ZAVATTINI, João Afonso. **Climatologia geográfica: teoria e prática de pesquisa**. Campinas: Alinea, 2013.

_____, João Afonso. **Estudos do clima no Brasil**. Campinas: Alinea, 2004.

O uso de obras literárias como instrumento de percepção de conceitos geográficos: uma leitura da obra de Érico Veríssimo

Claudionor Henrique Dias (PQ)¹; Leonardo José dos Reis Coimbra de Melo (IC); Matheus Caldeira Alves Mendes (IC); Maykon Favorito Araújo (IC);

Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio- GO

Resumo:

Este artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa do uso de obras literárias como instrumento de percepção de conceitos geográficos focada em informações extraídas das obras de Érico Veríssimo. Esta pesquisa iniciou-se no ano de 2017. Com ela pretende-se contribuir para a reflexão das possibilidades de uso obras literárias para apreensão de conceitos geográficos. Neste trabalho demonstram-se alguns resultados obtidos com a pesquisa, entre os anos de 2017 e 2019. Com os resultados encontrados foi percebida a possibilidade de uso de obras literárias no auxílio da formação destes conceitos.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Leituras.

Introdução

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa denominada: O uso de obras literárias como instrumento de percepção de conceitos geográficos: uma leitura da obra de Érico Veríssimo.

Percebe-se que o uso da literatura poderá contribuir com a formação de conceitos geográficos e produzir conhecimento a partir de uma releitura e aprofundamento do estudo destas obras. A pesquisa busca propor caminhos alternativos na construção destes conceitos que não advém propriamente da ciência geográfica, mas a partir do contato desta com a literatura, especificamente das obras de Erico Veríssimo e outros escritores da vasta produção literária regional.

O principal foco dessa pesquisa é o estudo de obras literárias como possibilidades da percepção de conceitos geográficos na produção de conhecimento. A construção do imaginário, do subjetivo, do perceptível, do intrínseco presente nas

¹ Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Pires do Rio. Orientador. Coordenador do Projeto de Pesquisa: A Obra Literária como Instrumento de Apreensão de Conceitos Geográficos: uma leitura da obra de Érico Veríssimo e Coordenador do Projeto Extensão: Formação de Leitores: uso de literatura nas disciplinas de Geografia. E-mail: claudionorhenrique@yahoo.com.br



tramas e nos dramas criados pelos autores podem ser extraídos e abstraídos da riqueza regional e local destas obras. Os romances são permeados de conceitos geográficos como no caso de Incidente em Antares (2006) de Veríssimo, onde trabalha-se a percepção da sociedade em Antares, permitindo uma comparação com a sociedade brasileira e a política vigente, entre outros apontamentos. Por se tratar do estudo das obras literárias como fundamentos teóricos e metodológicos nas aulas de Geografia, visam-se a formação de leitores que possam compartilhar suas emoções vividas nas experiências do mundo imaginário e na construção de pensamentos próprios da geografia.

De posse da leitura de obras literárias procurou-se dialogar com a teoria do imaginário do antropólogo Gilbert Durand (1998) que afirma que “o imaginário é a capacidade individual e coletiva de dar sentido ao mundo. É o conjunto relacional de imagens que dá significado a tudo o que existe”.

Material e Métodos

O método de coleta de informações qualitativas com análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica, objeto deste artigo, segue o seguinte roteiro:

1. Foram realizadas leituras sistemáticas e analíticas das obras de Érico Veríssimo e selecionadas algumas obras para uma análise mais detalhada: Incidente em Antares (2006), Caminhos Cruzados (2010), Clarissa (2005) e Coleção o Tempo e Vento: O Continente (1949); O Retrato (1951) e O Arquipélago (1961).
2. Os dados coletados foram fichados considerando as questões geográficas apresentadas e com possibilidades de associação com os conceitos geográficos. Os trechos selecionados representam de algum modo as indicações da trama que poderão ser exploradas geograficamente.
3. Os dados coletados e a apropriação da teoria do imaginário possibilitam a visão do uso de obras literárias e permitirá conceitos relevantes usos nas obras, que possibilitam uma melhor apreensão de conceitos geográficos.
4. Na próxima fase serão discutidas as metodologias de ensino considerando as principais teorias de aprendizagem e uso das obras literárias como



possibilidades de compreensão de conceitos geográficos.

5. Na última fase serão publicados os resultados dessa pesquisa.

Resultados e Discussão

Descrevem-se, a seguir, os primeiros resultados obtidos da coleta de dados da pesquisa, durante os últimos anos de pesquisa.

A partir dos dados sistematicamente coletados, conforme o método descrito acima se pode verificar a importância de trabalhar as obras literárias como instrumentos facilitadores da apreensão dos conceitos geográfico.

Percebe-se que o uso de obras literárias como auxílio da formação de conceitos possibilitará uma análise e desenvolvimento de propostas metodológicas de trabalho de educação geográfica utilizando a base da literatura. Pois a literatura,

[...] se configura como uma legítima interpretação de imagens construídas sobre os lugares e os homens. Ao estabelecer um encontro entre diversos saberes e superando o isolamento das disciplinas, a arte literária compreende em si, um arcabouço de conhecimentos para a compreensão subjetiva do espaço, lançando um olhar atento acerca das dinâmicas do território e sobre as transformações das sociedades e dos lugares. O discurso presente no painel literário preenche, portanto, todos os requisitos para enriquecer a linguagem e fortalecer os argumentos do conhecimento socioespacial (BARBOSA, 2016 p. 144).

Para Gilbert Durant (1998) a criança é o adolescente tem a capacidade e a possibilidade de ter um imaginário mais rico que os adultos, isso traduz em um comportamento variado e a possibilita usar o imaginário. Dessa forma o uso do imaginário antecede a criação da imaginação, possibilitando a criação de comportamentos diferentes.

[...] Eu conheço o agente do correio de Jacarecanga, que é o seu Moreira. Agentes naturais...Que é isso? A gente nem entende nada, como é que vai aprender? *...que os agentes naturais têm nivelado ...* se eu soubesse o que é nivelado era muito bom, mas não sei... e *reduzido ao estado de planaltos...* estado de planaltos? Estado...estado do Rio Grande do Sul...estado do Sergipe...estado lastimável, como diz o tio Couto... [...] (VERÍSSIMO, p. 51, 2005).





No diálogo criado na trama do romance Clarissa uso da imaginação da personagem e as dificuldades da operacionalização do imaginário e nessa perspectiva, percebe-se ainda as possibilidades de apropriação de conceitos geográficos e mediação dos conceitos apropriando da teoria do imaginário a literatura e da medição pedagógica.

Durant (1998, p. 3) trabalha “o imaginário como peça fundamental de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a produzir, nas suas deferentes formas de produção pelo homem”.

De acordo com a análise desse autor, quando se refere na pedagogia do imaginário e as possibilidades da apropriação do imaginário para produção de conceitos, possivelmente os geográficos.

Na revisão bibliográfica, buscou-se contemplar fontes que contribuíssem na discussão sobre a literatura e a teoria do imaginário.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p.106)

A leitura é uma forma de contribuir com o pensamento analítico, incentivar uma postura crítica, bem como promover a interdisciplinaridade de forma dinâmica e prazerosa. Nesse sentido poderá ocorrer dificuldades em fazer educação desvinculada da ação da leitura, várias transformações sociais estão vinculadas ao processo de leitura e emancipação intelectual.

Considerações Finais

Há grandes possibilidades de uso da literatura com auxílio da formação e interpretação de conceitos geográficos. Por isso conhecer e analisar conceitos





através, e principalmente, das obras literárias torna-se fundamental para o estabelecimento de estratégias e metodologias para o ensino. Destacar a todos que uso da literatura possibilita a formação de conceitos geográficos, tais como: lugar; espaço geográfico; urbanização, paisagem geográficas e outros. O uso da literatura deverá ser sensibilizado para uso na academia e posteriormente estendida para uso na Educação Básica como prováveis alternativas para facilitar a formação de conceitos geográficos.

O uso da literatura no processo de ensino traz um novo parâmetro para ciência geográfica,

Podemos pensar sobre o letramento literário no sentido que a literatura na letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar (GOULART, 2007 p.64).

À questão da adequação do uso de obras para uso na formação de conceitos, surgem em momento que se faz necessário o incentivo à leitura e letramento, tais, formação permitirá análise das singularidades e signos presentes nas obras literárias.

A pesquisa pretende focar os estudos de obras literárias como possibilidades da apreensão de conceitos geográficos na produção do conhecimento. Este estudo deverá fornecer sugestões importantes sobre o uso da literatura e fomentar debates e discussões da apropriação da literatura na formação e na compreensão de conceitos geográficos.

Os resultados, aqui apresentados, reforçam a importância do tema na formação de conceitos geográficos na articulação da produção do conhecimento tendo como base o uso da literatura para apreensão de conceitos geográficos. Ainda, permite, a contribuição e reflexão sobre os conceitos do imaginário presente nas obras literárias, abordando os aspectos teóricos e a ludicidade.



Agradecimentos

Ao apoio do colegiado do Curso de Geografia na aprovação dessa pesquisa e aos discentes que participam desse trabalho, pelas contribuições e apontamentos na ciência geográfica e literatura.

Referências

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria literária**. São Paulo: Cultrix, 13ª ed., 2006.

ANJOS, Melissa. Geografia e literatura: um exercício de reflexão. AGB. Disponível em:
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0ktthmxmB8MJ:www.agb.org.br/evento/download.php%3FidTrabalho%3D3308+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 20 de out. 2016.

ARAÚJO, Felipe Alberto; TEIXIERA, Maria Cecília Sanchez. **Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário**. Disponível em:
<rogerioa.dominiotemporario.com/resources/Pós/pedimag.pdf> Acesso em 20 de out. 2016.

Barbosa, Gabriel Túlio de Oliveira. Veredas Metodológicas: a “palavra” Geográfica em Guimarães Rosa. In: Suzuki, Júlio César; Silva, Valéria Cristina Pereira da (orgs). **Imaginário, espaço e cultura**: geografias poéticas e poéticas geografias [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, p. 142 – 165.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Janeiro: DIFEL, 1998.

GOULART, Cecília. Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.
_____. **O que é literatura?** São Paulo: Brasiliense, 1982, 2ª edição.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial presença.

_____. **Ensaio sobre literatura**. Org.: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

PITTA, D.P.R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.



VERISSÍMO, Erico. **Clarissa**. 5º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Incidente em Antares**. 45ª ed. São Paulo: Globo, 1995.

_____. **Caminhos cruzados**. Porto Alegre: Globo, 2010.





O USO DOS APLICATIVOS BRAILLEÉCRAN E WHATSAPP COMO MEDIADORES EXTRACLASSE NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS CEGOS NO CONTEXTO ACADÊMICO.

*Yanka Oliveira Silva (IC), Marlene Barbosa de Freitas Reis (PQ).

Universidade Estadual De Goiás – Câmpus Inhumas/GO
oliveirasilvayanka@gmail.com

Este trabalho vinculou-se ao projeto de pesquisa “As políticas de diversidade e inclusão no ensino superior: educação especial e letramento digital numa perspectiva inclusiva”, da Universidade Estadual de Goiás – UEG e objetivou propor à estudantes cegos, a utilização do aplicativo *BrailleÉcran* nas atividades propostas no contexto acadêmico. Ao considerarmos esta inclusão de suma importância, pretende-se analisar as vantagens de se oferecer a esses usuários uma nova tecnologia assistiva, o *BrailleÉcran*, que possibilita a digitação de textos em smartphones, utilizando o Sistema Braille. Para tanto, utilizou-se de estudos experimentais já realizados, nos quais um grupo de voluntários cegos está utilizando o aplicativo nas atividades propostas em sala de aula. Para a realização dos experimentos, foram selecionados voluntários de diferentes cursos e instituições. Ao final dos experimentos, a fim de verificar a relevância da proposta apresentada, estes responderam questionários sobre a opinião em relação ao aplicativo, a inclusão digital e a experiência desta utilização no ambiente acadêmico. Os resultados apontam que o aplicativo ainda precisa ser aperfeiçoado a fim de comunicar com as demais funções do smartphone para o envio de mensagem. O aplicativo apenas envia mensagem de SMS para um número de telefone específico.

Palavras-chave: *BrailleÉcran*. Discentes cegos. Sistema Braille. Tecnologia Assistiva

Introdução

Este trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa “As políticas de diversidade e inclusão no ensino superior: educação especial e letramento digital numa perspectiva inclusiva”, da Universidade Estadual de Goiás – UEG e teve por objetivo propor a utilização simultânea dos aplicativos *BrailleÉcran* e *WhatsApp* para contribuir na aprendizagem de estudantes cegos.

O aplicativo *BrailleÉcran* trata-se de uma Tecnologia Assistiva projetada para atender exclusivamente às necessidades de interação de pessoas cegas no que tange a entrada de texto em smartphones utilizando o Sistema Braille (SIQUEIRA, 2017).

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



A Tecnologia Assistiva é um termo utilizado para identificar todo o “arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão” (ASSISTIVA, 2017) p. 3)

O *BrailleÉcran* corresponde a um método desenvolvido pela Universidade Federal de Goiás, o qual visa a digitação de texto em smartphones com tela sensível ao toque utilizando o Sistema Braille. Segundo Siqueira (2017), o *BrailleÉcran* combina o aplicativo Android a uma película tátil, modelada para impressão 3D, que sobrepõe à tela sensível ao toque. O aplicativo conta também com o Painel de Configuração, que permite adaptação às preferências do usuário e a Central de Ajuda, que disponibiliza um tutorial falado.

O *WhatsApp* trata-se de um “aplicativo que permite troca de mensagens de texto, imagens, sons e vídeos” (PAIVA; FERREIRA; CORLETT, 2016, p. 2).

Há de se considerar as inúmeras possibilidades que a comunicação instantânea promovida pela aplicação do WhatsApp pode oferecer aos seus usuários. Nesse sentido, a depender do conteúdo a ser explorado, da necessidade exigida por cada situação específica, dentre outros, são disponibilizados recursos, tais como: envio e recebimento de mensagens escritas ou audíveis; realização de videoconferências; envio e recebimento de vídeos ou outros tipos de imagens (FELICIANO et al., 2009).

Considera-se que esse público específico, em razão da ausência total o parcial da visão, utiliza-se primordialmente das experiências táteis na realização de diversas tarefas, o fato de o design dos smartphones atualmente, possuírem uma tela totalmente plana, em substituição ao teclado *QWERTY* disponibilizado em versões anteriores, pode inviabilizar, pela ausência de relevo, a orientação do indivíduo cego, ao tentar circular pelos itens dispostos na tela (SIQUEIRA, 2017).

Uma alternativa, a qual pode exercer função paliativa para tentar minimizar dificuldades nesse sentido, mostra-se por meio do emprego de soluções de acessibilidade, como o *Voiceover*, para iOS e o *Talkback*, para *Android*, as quais oferecem retorno falado à todas as funções disponibilizadas pelos smartphones, além



de também responderem à comando de voz indicados pelo usuário (SIQUEIRA, 2017).

Nesse sentido, a junção do aplicativo *BrailleÉcran* aos demais recursos de acessibilidade disponibilizados pelo smartphone, pode representar um significativo avanço na acessibilidade de indivíduos cegos, visto que, o fato de o *BrailleÉcran* propiciar a digitação do usuário por meio do sistema Braille, além de uma clara veiculação em torno da tela através de uma película tátil, poderá significar expressiva autonomia (SIQUEIRA, 2017).

Retornando ao contexto educacional, mais propriamente, ao contexto acadêmico, a possibilidade aqui apresentada, promove certa “paridade” entre os atores envolvidos, ainda que por meios divergentes dos convencionais, os indivíduos cegos poderão atingir resultados semelhantes aos dos sujeitos videntes (SIQUEIRA, 2017). Isso justifica a relevância desse trabalho no âmbito do Ensino Superior.

Material e Métodos

A pesquisa é de cunho qualitativo e exploratório, a fim de verificar a relevância da utilização do aplicativo *BrailleÉcran* associado ao aplicativo *WhatsApp* no ambiente acadêmico. Para tanto, foram realizados experimentos com discentes cegos letrados em Braille, cursando o ensino superior, em universidades públicas e privadas da cidade de Anápolis.

Os experimentos foram baseados na realização de atividades desenvolvidas em sala de aula. Durante a realização dos experimentos, foram observados: o desempenho do aluno cego, atentando-se a detalhes, tais como: velocidade ao acessar a atividade; velocidade da digitação; clareza em relação à atividade proposta.

Na finalização do experimento, cada estudante respondeu a uma pesquisa de satisfação quanto à usabilidade do aplicativo *BrailleÉcran* associado ao aplicativo *WhatsApp* sobre sua experiência e aproveitamento nas atividades propostas. O questionário foi composto em média, por 20 questões objetivas, utilizando a escala *Likert*, com graduação de 1 a 5, sendo 1 ruim e 5 excelente. Ao concluir o questionário,

REALIZAÇÃO



o aluno teve como opção, acrescentar alguma informação adicional referente à proposta apresentada, caso julgasse necessário.

Resultados e Discussão

Nas reuniões semanais do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão (GEPEDI), tivemos até o momento, dentre outras pautas importantes, um grupo de estudos do qual participamos de variadas discussões, embasadas por referenciais teóricos como: David Rodrigues (2017), Cristina Maria Carvalho Delou (2009), Rosana Glat (2009) e Rosita Edler Carvalho (2005) e sobre o *BrailleÉcran*, realizamos a leitura de SIQUEIRA, (2017).

Dentre as atividades realizadas por meio do (GEPEDI), participamos do VII Simpósio de Educação, realizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG) e pelo Sistema Integrado de Núcleos de Acessibilidade (SINAce/UFG), no Centro de Cultura e Evento da Universidade Federal de Goiás (UFG), nos dias 15, 16 e 17 de outubro de 2018. Juntamente com as demais integrantes do GEPEDI, participei do evento com uma apresentação oral relativa ao resumo expandido intitulado “a utilização do aplicativo *BrailleÉcran* como mediador extraclasse na aprendizagem de alunos cegos no contexto acadêmico”.

Para Rodrigues (2017), a Educação Inclusiva deve ser entendida como uma reforma educativa em que os alunos independentemente das suas características individuais ou estatuto socioeconômico, possam aprender em conjunto, como os demais alunos.

Dando sequência às atividades até então realizadas, como acadêmica e integrante do GEPEDI, participei do III Seminário de Educação Especial e Inclusiva (SEEI), evento idealizado pela Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus Inhumas e realizado entre os dias 23 e 24 de novembro de 2018. Neste evento, tivemos uma roda de conversa com o tema “A importância do trabalho colaborativo nas práticas escolares inclusivas”, da qual participei enquanto ouvinte, integrando um grupo composto em média, por

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



duzentos indivíduos, dentre estes, acadêmicos da UEG, docentes da referida Universidade e docentes da rede municipal de Inhumas. Durante a roda de conversa, o tema em questão foi abordado por docentes pertencentes à diversas áreas do conhecimento, sendo estes, membros do corpo-docente da UEG, representantes da Subsecretaria de Educação do município de Inhumas, além de pessoas com deficiências (professora cega e estudante autista), o qual foi acompanhado por sua mãe, que relatou a importância do apoio familiar no processo de inclusão da pessoa com deficiência.

Atuei ainda enquanto monitora, no minicurso intitulado “Noções básicas de Tecnologia Assistiva”, ministrado pela Professora Mestranda Lilian Cristina dos Santos. O referido minicurso teve carga-horária total de quatro horas, nas quais foram aplicados conteúdos de ordem teórica e prática, abordando desde o conceito de Tecnologia Assistiva, até suas possibilidades de aplicação no contexto educacional inclusivo.

As reflexões propostas no evento, levaram-me a compreender que a educação inclusiva requer por parte de todos os envolvidos, o acolhimento à diversidade, livre de qualquer pré-julgamento que impossibilite uma aprendizagem coletiva e humanizada.

Da Proposta

Diante de observações em torno da utilização dos diversos recursos tecnológicos na vida cotidiana, torna-se inegável que estes vem ocupando lugar de destaque, seja em atividades educacionais, pessoais ou profissionais. Nesse sentido, faz-se necessário e até urgente, que tais recursos sejam criteriosamente adequados às necessidades específicas de cada deficiência, a fim de que, ainda que por meios diferentes dos convencionais, todos disponham igualmente das devidas condições para o convívio em sociedade de forma genuinamente inclusiva. “Precisamos analisar nossas próprias atitudes frente à diferença, pois as transformações devem se processar a partir de nós mesmos” (CARVALHO, 2005, p. 13.)

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Por isso as habilidades hoje exigidas tanto no mercado de trabalho quanto no mundo escolar e acadêmico passam pelas Novas Tecnologias Digitais da Informação e comunicação (NTDIC). Essas novas tecnologias têm ampliado as possibilidades de “comunicação e interação entre diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, na busca por soluções integradoras e o desenvolvimento de competências adequadas à realidade que se apresenta atualmente” (PAIVA; FERREIRA; CORLETT, 2016, p. 2).

O fato de a possibilidade apresentada permitir a digitação por meio do sistema Braille, poderá elevar consideravelmente, tanto a praticidade, quanto a funcionalidade desta utilização, visto que, por tratar-se da forma oficial de leitura e escrita destinada exclusivamente às pessoas cegas, consequentemente, esta será dominada com maior autonomia.

Nesse sentido, a junção do aplicativo *BrailleÉcran* aos demais recursos de acessibilidade disponibilizados pelo smartphone, pode representar um significativo avanço na acessibilidade de indivíduos cegos, visto que, o fato de o *BrailleÉcran* propiciar a digitação do usuário por meio do sistema Braille, além de uma clara veiculação em torno da tela através de uma película tátil, poderá promover a seus usuários, expressiva autonomia (SIQUEIRA, 2017).

A partir das pesquisas desenvolvidas, notamos que, para que a proposta apresentada de fato produza resultados significativos, faz-se necessário que os sujeitos videntes engajados nesse processo, tanto professores quanto alunos, encarem os indivíduos cegos a partir de uma visão mais ampla, de forma a compreender que, "a visão que o cego tem do mundo é de uma riqueza única, incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo." (NUNES; LOMÔNACO, 2010 apud MONTE ALEGRE, 2003, p. 2

Diante das reflexões propostas, conceber a participação ativa de alunos cegos nas atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico por meio do aplicativo *BrailleÉcran*, torna-se perfeitamente possível, visto que, os recursos disponibilizados para tal ação, poderão permitir que docentes, alunos cegos e alunos videntes,

interajam entre si da forma mais dinâmica e organizada possível, sem qualquer prejuízo a nenhuma das partes envolvidas.

Do Resultado Do Questionário

De acordo com pesquisa iniciada no ano de 2017 pelo núcleo de Tecnologia da Universidade Federal de Goiás, foram realizadas entrevistas, com o objetivo de coletar informações referentes ao perfil dos voluntários, para avaliar a satisfação e experiência de cada usuário. Os pesquisadores anotaram em planilhas as respostas efetuadas, as quais tiveram formato da escala *Likert*, com gradação de um a cinco pontos: 1 “discordo totalmente”, 2 “discordo parcialmente”, 3 “não concordo e nem discordo”, 4 “concordo parcialmente” e 5 “concordo totalmente”. Para evitar que outros pesquisadores influenciassem nas respostas, os pesquisadores buscaram incentivar os voluntários de todo modo, responderem com sinceridade às questões propostas.

O questionário de satisfação do usuário é um método de avaliação de usabilidade, que é analisado pela participação dos usuários, em suas experiências, opiniões e preferência em relação à interface. Os questionários foram desenvolvidos e as perguntas se classificaram em: aplicativo, película tátil e *BrailleÉcran*, foram 28 perguntas, 6 abertas e 22 fechadas.

Na experiência de uso o Afeto positivo e Afeto negativo foram representados por alguns questionários com 20 questões, entre elas 10 são Afetos positivos e 10 são Afetos negativos. O objetivo foi avaliar os efeitos emocionais causados aos usuários durante a comunicação do software. O Afeto positivo foi definido por interessado, animado, inspirado, seguro, determinado, atento, entusiasmado, dinâmico, orgulhoso, estado de alerta. O Afeto negativo foi definido como irritado, angustiado, envergonhado, transtornado, nervoso, culpado, assustado, hostil, tenso, amedrontado.

O texto é composto por palavras e frases adaptadas para o português. Foram 10 voluntários conhecedores do Braille. Foram exigidos a cada participante que assinassem o termo de “consentimento livre e esclarecido”, responder a entrevista,



realizar o experimento e responder a entrevista sobre a satisfação e experiência do usuário.

O voluntário pôde revisar o Braille a partir da leitura de um papel com símbolos utilizados nos experimentos. Esta revisão teve o objetivo de eliminar o atraso na digitação. O tempo limite para o treinamento foi de 45 minutos, sendo que o treino foi dividido em: treino livre e treino obrigatório. Eles tiveram que digitar 5 palavras escolhidas aleatoriamente pelo pesquisador de um conjunto de 15 palavras.

O teste de velocidade foi dividido em duas fases: palavras e frases. Na qual foi considerada a quantidade de pontos digitados em Braille, em que os voluntários tiveram que digitar 5 palavras aleatórias que foram repetidas 6 vezes, para verificar a velocidade da entrada do texto. Nesta fase considerou a quantidade de caracteres que os voluntários digitaram 3 frases.

Os resultados retrataram o sentimento do usuário durante a realização dos experimentos, comprovando que a experiência de uso do *BrailleÉcran* é agradável e atende o proposto por esta pesquisa.

Finalizada a análise dos dados, foi possível localizar pontos positivos e negativos nos métodos. No que tange a velocidade, quando comparado a outras ferramentas, o *BrailleÉcran* precisa ser aperfeiçoado, no entanto, é importante frisar que ainda assim, os voluntários consideraram o tempo gasto para realização das tarefas satisfatório: (90%). O teste de repetição de palavras apresentou diferenças significativas, o que indica o treinamento como eficaz para evolução gradual da velocidade na digitação. Sobre a taxa de erros cometidos, o *BrailleÉcran* apresentou resultados extremamente positivos e superiores aos obtidos por outras ferramentas. A entrevista sobre a satisfação do usuário resultou em alta aceitabilidade do *BrailleÉcran* como nova ferramenta de acessibilidade. Em relação à experiência do usuário, os resultados foram promissores e comprovam uma boa experiência de uso.

Observou-se que os toques acidentais nos botões da cela Braille resultavam em desativação constante dos pontos selecionados, o que refletiu diretamente na velocidade da digitação. Dessa forma, será implementado um tempo mínimo para inversão de estado de cada ponto, ou seja, um ponto ativado, não pode ser





imediatamente desativado e vice e versa. Ainda para evitar toques acidentais, optou-se por alterar o tipo de toque do botão “Ponto de apoio”, de simples para longo, pois é uma área muito acessada, e ocorreram diversos toques acidentais durante a digitação.

Considerações Finais

Os resultados do estudo experimental trouxeram os pontos fortes e as fragilidades do aplicativo *BrailleÉcran*, mas também nos possibilitou transformar as opiniões dos voluntários em tarefas a serem executadas para evolução dos métodos.

Ao concluirmos a pesquisa, torna-se válido conceber que o *BrailleÉcran* pode vir a contribuir de forma significativa para a continuidade das práticas educacionais inclusivas, visto que propicia aos discentes cegos, as devidas condições para a utilização do smartphone nas atividades propostas no âmbito acadêmico, de modo que estes tenham ativa participação nas atividades diárias e sintam-se verdadeiramente incluídos.

A partir dos estudos e experimentos realizados, esperamos contribuir significativamente para que o estudante cego seja de fato incluído no meio acadêmico, dispondo das devidas condições para o desenvolvimento das atividades sugeridas de forma genuinamente inclusiva.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e seguir em frente.

A Prof^a Dr^a Marlene Barbosa de Freitas Reis, que me ensinou muito, contribuindo para o meu crescimento pessoal e intelectual. Agradeço pela confiança em ter me aceito em seu projeto de pesquisa.

A Prof^a Mestranda Lilian Cristina dos Santos, pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Ao GEPEDI, por permitir com que eu pudesse ter um olhar para a inclusão e para me colocar no lugar do outro, o que com certeza, me trouxe uma evolução pessoal e profissional.

A Universidade Estadual de Goiás, pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa e por ter me proporcionado um incentivo à docência.

Referências

ASSISTIVA. Tecnologia Assistiva. Disponível em:

<<http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html#topo>>. Acesso em: 26 set. 2017.

CARVALHO, Rosita Edler, Educação Inclusiva: do que estamos falando?. Revista Educação Especial 2005. Disponível

em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313127396003>>. Acesso em 14 set de 2018.

DELOU, C. M. C. et al. Educação inclusiva. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. p.228.

FELICIANO, S. et al. O Uso do Whatzapp como Ferramenta. Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos (2016) Disponível em:

http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467587766_ARQUIVO_ArtigoAGB.pdfAcesso em 22 de dezembro de 2018.

NUNES, S.; LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego : preconceitos e potencialidades.

Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v. 14, n. 1, p. 55–64, 2010.

PAIVA, L. F. DE; FERREIRA, A. C.; CORLETT, E. F. A utilização do WhatsApp como ferramenta de comunicação didático-pedagógica no ensino superior. Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação p. 751, 2016.

Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/wcbie/article/view/6998/4872>
Acesso em 22 de dezembro de 2018.

RODRIGUES, D. Inclusão: Revista da Educação Especial/ Secretaria da Educação Especial. v.1,n.1(out.2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis





SIQUEIRA, J. BRAILLEÉCRAN: uma abordagem para entrada de texto em Braille para smartphones. [s.l.] Universidade Federal de Goiás, 2017.

ROSA, Suely Pereira da Silva. Educação inclusiva. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2003.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



PARÂMETROS CLIMÁTICOS E A INCIDÊNCIA DE DENGUE EM MUNICÍPIOS GOIANOS: ITAUÇU, INHUMAS E GOIANIRA, NO ANO DE 2018.

Nelton Nattan Amaral Nunes^{1(IC)*}; Adriana Aparecida Silva^{2(PQ)}

neltonnattan@hotmail.com

¹ Discente em Geografia, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS- CAMPUS CORA CORALINA.

² Docente no Programa de Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: Os atuais estudos de geografia da saúde vêm abordando, principalmente, a influência do meio geográfico, as alterações ambientais e a organização social, sobre a saúde e qualidade de vida das pessoas. Nesta perspectiva o presente trabalho traz essa abordagem na qual permite a análise da relação entre os aspectos climáticos e sua influência sobre a saúde pública. A dengue é uma doença relacionada à produção do espaço urbano, tendo associação com determinadas características do meio físico, principalmente o clima. Neste estudo, tomamos como exemplo o número de casos de dengue nos municípios de Itauçu, Inhumas e Goianira e, buscamos correlação destes com os dados de temperatura e precipitação relativos ao ano de 2018. Foi possível observar que o município de Itauçu, que apresenta as menores temperaturas e maior precipitação no ano estudo, teve o menor número de casos de dengue (76). Já Goianira e Inhumas, com valores de temperaturas e precipitação muito próximos, apresentaram os maiores números de caso de dengue 896 e 661 respectivamente. Importante dizer que estes dois municípios estão próximos a capital Goiânia.

Palavras-chave: Dengue. Geografia da Saúde. Clima. Precipitação. Temperatura.

Introdução

A Geografia da Saúde é uma área da geografia que estuda a relação entre saúde, meio ambiente e patologias, as quais tem seu desenvolvimento vinculado a fatores naturais e antrópicos conexos. Sua proposta é associar a ocorrência de determinadas doenças a elementos presentes no ambiente em determinada região, podendo abranger desde a escala global, regional ou local (SILVA et. al., 2007).



A Organização Mundial da Saúde considera os problemas de saúde relacionados às mudanças climáticas como uma das maiores preocupações do século XXI (OMS, 2003). Estas mudanças climáticas podem ocorrer em diversas escalas, em se tratando da escala local, especificamente em áreas urbanas, são capazes de provocar impactos sobre diversos parâmetros climáticos, como, por exemplo, volume de precipitação, temperatura, dentre outros, contribuindo de forma negativa ou positiva (geralmente negativa) para a qualidade ambiental da população.

Dentre as alterações negativas, temos que as relacionadas aos parâmetros climáticos podem afetar a capacidade de reprodução de agentes patogênicos, como por exemplo, dos mosquitos transmissores da dengue o *Aedes aegypti*. A dengue se apresenta como a doença vetor transmissível mais importante das Américas e, em particular, do Brasil. Segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN, 2018), foram mais de 4,2 milhões de notificações de dengue (clássica e hemorrágica) no Brasil entre os anos de 2001 a 2010. E considerando só o estado de Goiás no ano de 2010 foram notificados 114.996 casos de dengue, com 89 óbitos, sendo 29 óbitos por dengue hemorrágica (SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS, 2011). Segundo Confalonieri (2003), parâmetros climáticos como a temperatura, a precipitação pluviométrica, a umidade relativa e o ciclo hidrológico, afetam a sobrevivência e reprodução de agentes patogênicos, principalmente dos vetores de agentes infecciosos, como os mosquitos transmissores da malária e da dengue.

Segundo Costa (2001), o mosquito transmissor da dengue, o *Aedes aegypti* distribui-se geograficamente em uma área caracterizada por altas temperaturas e intensa pluviosidade em determinados períodos, fatores favoráveis à proliferação do mosquito. Cada mosquito vive em média 30 dias e, quando férteis, as fêmeas chegam a depositar entre 150 a 200 ovos (SILVA, 2007). Sabemos que a dengue é uma doença infecciosa causada por um vírus que afeta ser humano e constitui um sério problema de saúde no mundo. Por outro lado, não está tão claro que a responsabilidade pelo aumento nas condições de reprodução e sobrevivência deste vetor esteja diretamente ligada às modificações urbanas, provocadas pelo homem,



as quais além de afetar as condições microclimáticas, altera o ambiente, pela ausência de uma consciência ambiental (educação ambiental), relacionada aos próprios hábitos de descarte inadequado de recipientes, despreocupação com acúmulo de lixo, dentre outros. Para Serafin (2002, p.16),

Saúde Pública e ambiente estão intrinsicamente influenciadas pelos padrões de ocupação do espaço: não basta descrever as características das populações, mas é necessário localizar o mais precisamente possível onde estão acontecendo os agravos, que serviços à população está procurando, o local de potencial risco ambiental e as áreas onde se concentram situações sociais vulneráveis.

Diante do que foi apresentado, temos que as modificações recentes na paisagem natural, com os desmatamentos, a urbanização, afetam o clima em escala local, e soma-se a isso a falta de planejamento urbano e os hábitos de vida da população, que juntos podem estar causando alterações no habitat e na capacidade de reprodução do mosquito vetor da dengue, logo causando um aumento no número de ocorrência da doença. Sendo assim, seguindo a perspectiva da geografia médica ou da saúde, que se trata de um ramo de estudo que aborda temas relacionados à associação entre questões ambientais e a saúde do ser humano (RIBEIRO, 2010), entendemos como necessário estudar a influência climática na incidência da proliferação da dengue nas cidades. Um levantamento da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás mapeou os municípios classificando-os como relativos a risco alto, médio e baixo de ocorrência da dengue (SES/GO, 2018). Neste estudo propomos analisar três municípios com graus de ocorrência diferenciados, a saber: Itauçu – baixo; Inhumas – médio; Goianira – alto, correlacionando os números da doença com os valores relativos aos parâmetros climáticos temperatura e precipitação obtidos para o ano de 2018.

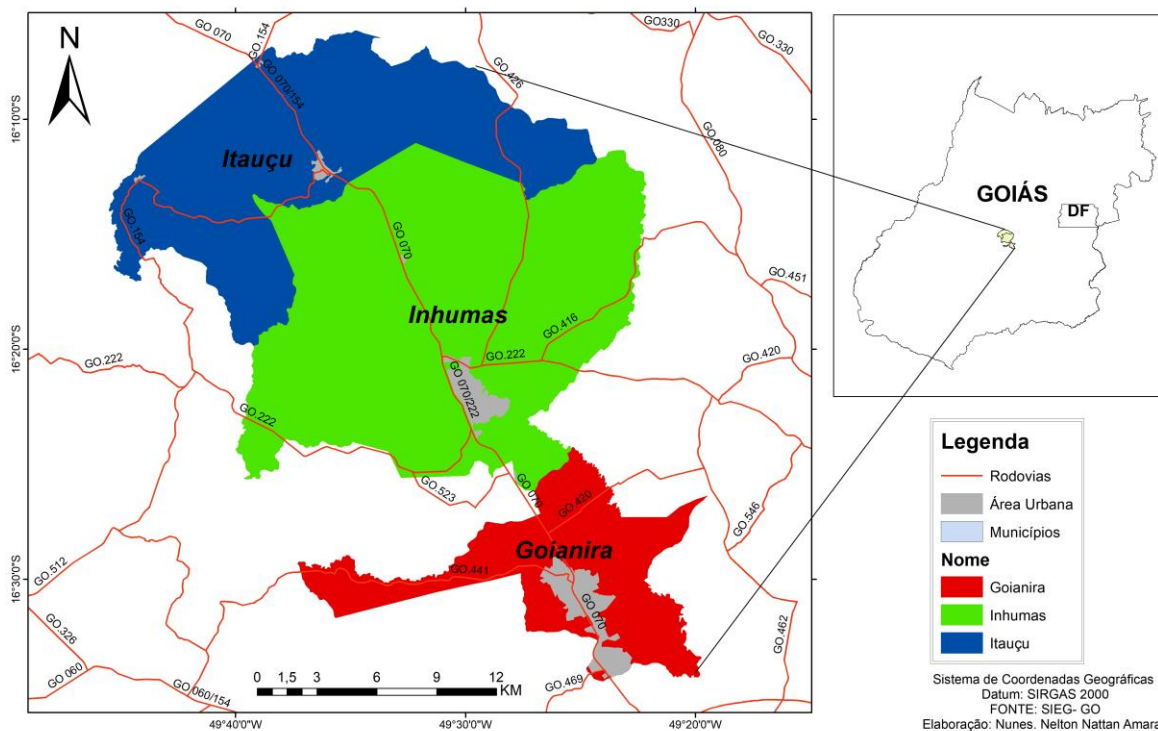
Materiais e Métodos

- Área de estudo

REALIZAÇÃO

O município de Itauçu, pertencente a microrregião de Anápolis, possui população estimada de 9.019 pessoas e uma área de 383,842 km², está distante 66 km da capital Goiânia e faz fronteira com Inhumas, Itaberaí, Araçu e Taquaral de Goiás. Inhumas, também pertencente a microrregião de Anápolis, possui população estimada em 56.598 habitantes, dista 35 km da capital, fazendo fronteira com Itauçu, Goianira, Araçu, Caturaí, Damolândia e Brazabrantes. Já Goianira, pertencente a região metropolitana de Goiânia, possui população de 39.484 habitantes e se localiza a uma menor distância da capital 22 km fazendo limite com Caturaí, Brazabrantes, Trindade e Santo Antônio de Goiás.

LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS: ITAUCU, INHUMAS E GOIANIRA (GO).



Fonte: NUNES, 2019.

- Procedimientos metodológicos

Foi realizado resgate bibliográfico de documentos que discutem a temática geografia da saúde, com ênfase na vertente clima e saúde. Coleta de dados relativos aos parâmetros climáticos precipitação e temperatura no site do Instituto Nacional de Meteorologia e de dados relativos ao número de notificações de dengue junto ao site da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás. Todos dos dados são relativos ao ano de 2018.



Resultados e Discussão

No último século foram observadas mudanças climáticas, relacionadas principalmente ao aumento na temperatura do planeta, que podem estar associadas a incidência de diversas patologias, tais como: cólera, malária, dengue, entre outras (MENDONÇA, 2002). Sabemos que a dengue é uma doença infecciosa, causada por um vírus que afeta o ser humano e que constitui um sério problema de saúde no mundo. Seu vetor, o *Aedes aegypti* mantém características urbanas e alimenta-se de seivas das plantas, porém, as fêmeas desta espécie são hematófagas, ou seja, alimenta-se de sangue também. Ao ingerir sangue infectado, se contamina e transmite a doença ao picar um indivíduo, pelo ciclo homem-Aedes-homem.

A dengue é considerada uma doença de áreas tropicais, em razão da necessidade de temperaturas maiores que 20° C e umidade alta para ocorrer a eclosão dos ovos do mosquito transmissor (COSTA, 2001). Isso justifica os altos números de casos em Goiás, quando em 2018 houveram 106.004 notificações, sendo 30.383 relativas a capital Goiânia (SES, 2018).

Os três municípios estudados se localizam em uma região de clima tropical, com médias de precipitação elevadas e temperaturas médias acima de 20,0°C sendo, portanto, áreas consideradas favoráveis para a proliferação do vetor, conforme citada por Costa (2001). Destes municípios Itauçu apresentou os menores índices de temperatura média 22.9°C e o maior volume de precipitação 1605 mm. Já Inhumas e Goianira apresentaram os mesmos índices de temperatura média, sendo 23.1°C, variando em média de precipitação com 1.516 e 1.469 mm, respectivamente (figura 2).

REALIZAÇÃO



CASOS DE DENGUE NOS MUNICÍPIOS: ITAUÇU, INHUMAS E GOIANIRA (GO).



Foi possível notar que nos padrões de distribuição de temperatura e precipitação dos municípios são variáveis. Em Inhumas a precipitação do mês de



julho foi de 4 mm, mês mais seco, já a maior precipitação ocorreu em janeiro, média de 266 mm. As temperaturas médias variaram em 3.9 °C durante o ano. No mês de julho em Itauçu a precipitação também ficou em 4 mm, já em janeiro chegou a média de 290 mm, já a temperatura média teve uma amplitude de 3.6 °C durante o ano. Em Goianira no mês de julho precipitou 5 mm e em janeiro uma média de 253 mm. Ao longo do ano as temperaturas médias variam 4.4 °C.

O clima tem efeito direto sobre a população tanto de vetores como de vírus da dengue. A temperatura exerce influência sobre as taxas de desenvolvimento, mortalidade e comportamento da população vetorial e, ainda, na replicação viral do mosquito. A literatura indica que o *Aedes aegypti* está se adaptando a condições climáticas adversas, porém, considerando as características dos municípios estudados, podemos dizer que as maiores temperaturas favorecem o desenvolvimento do vetor e a distribuição da doença.

Nesse contexto, especialmente nas cidades de países com climas tropicais pode-se observar que as condições ambientais (clima e disposição inadequada de resíduos sólidos) associadas às condições socioeconômicas (densidade demográfica, faixa de renda das pessoas e educação ambiental) e à ineficácia das políticas públicas de saúde favorecem o desenvolvimento e a proliferação do *Aedes aegypti* (Freitas 2011; Aleixo e Sant'Anna Neto, 2011).

Considerações Finais

A abordagem da geografia da saúde permitiu fazer uma correlação entre as características dos parâmetros climáticos locais e o número de casos notificados de dengue em três municípios, levando a associar menores temperaturas ao menor número de casos da doença.

Devemos salientar, no entanto, que a expansão urbana representa um forte fator que influencia a disseminação da dengue, com isso destaca-se que além dos fatores biológicos ligados ao ciclo de transmissão da dengue, a difusão dessa doença está intimamente relacionada à fatores socioambientais, os quais associados à urbanização acelerada e a falta de planejamento, potencializa o surgimento de



áreas de risco à proliferação da dengue. Mendonça (2002) expõe que são nos espaços urbanos que os patógenos do *Aedes aegypti* se manifestam em maior quantidade, pois os problemas de saúde pública são muito influenciados pelos riscos ambientais de natureza climática, que somado às condições socioeconômicas corroboram à ocorrência de doenças pelos vetores hídricos.

Com os resultados obtidos, consideramos que o principal mosquito transmissor da dengue vem, ao longo do tempo, se adaptando ao meio urbano, pois, é neste ambiente que encontra as condições ambientais e sociais ideais para a sua procriação. Considerando que Itauçu tem a menor área urbana em relação a Inhumas e Goianira, e que, além disso, estes dois últimos municípios se situam mais próximo a capital Goiânia, o que permite a mobilidade pendular, onde pessoas que residem em Goianira ou Inhumas trabalham em Goiânia, onde ocorre uma maior concentração da contaminação da doença, podendo considerar que estas pessoas podem ter sido contaminadas em seus trabalhos e não na localidade em que residem.

Desta forma, podemos afirmar que as condições climáticas não são determinantes na proliferação da dengue. Ela pode ser considerada um fator agravante na situação, pois podem existir as condições climáticas ideais para a proliferação do mosquito, mas se não houver criadouros do mosquito não sobreviverá e nem conseguirá se reproduzir.

Agradecimentos

A Universidade Estadual de Goiás, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PrP, pela atribuição de fomento a essa pesquisa e assim priorizando a realização desta.

A professora Dra. Adriana Aparecida Silva, por toda dedicação a orientação desta pesquisa, proporcionado com êxito a realização.

Referências

REALIZAÇÃO



CONFALONIERI, Ulisses, B. Variabilidade Climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil. Terra Livre, São Paulo, Ano 19 - vol. I, p. 193-204, 2003.

COSTA, M. A. R. A ocorrência do Aedes Aegypti na região Noroeste do Paraná: um estudo sobre a epidemia da dengue em Paranavaí - 1999, na perspectiva da geografia médica. Presidente Prudente (Dissertação de Mestrado em Geografia). FCT/UNESP, 2001.

Freitas, R. M., Rodrigues, C. S., Almeida, M. C. M., 2011. Estratégia Inter setorial para o Controle da Dengue em Belo Horizonte (Minas Gerais), Brasil. Revista Saúde e Sociedade 20, 773-785.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.ibge.gov.br

MENDONÇA, F. Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: UFPE, 2002.

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS. Boletim epidemiológico 2018. Disponível em: [hppt.www.saude.go.gov.br/index54](http://www.saude.go.gov.br/index54). Acesso em: 13/01/2019.

Organização Mundial da Saúde. Climate Change and Human Health: Risks and Responses. WHO Library Cataloguing, editors: A. J. McMichael [et al.], Geneva, 2003.

RIBEIRO, E. A. W. Perspectiva dos pesquisadores da geografia médica e da saúde: entrevista com o prof. Samuel do Carmo Lima. Hygeia, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. Volume 6 (10) :90-92, Jun/2010

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS. Boletins epidemiológicos. Disponível em: [hppt.www.saude.go.gov.br/index54](http://www.saude.go.gov.br/index54). Acesso em: 23/03/2018

SILVA, J. S. MARIANO, Z. De F. SCOPEL, I. A influência do clima urbano na proliferação do mosquito Aedes Aegypti em Jataí (GO) na perspectiva da geografia



VI Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG
Ciência e Inovação como perspectivas para o
Desenvolvimento Social e Sustentável
de 16 a 18/10/2019
Anápolis



médica. Hygeia Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, Uberlândia, v. 5, n 2, p. 33-46, Dez. 2007.

SINAN – Sistema de Informações de Agravos e Notificações. Calendário Epidemiológico 2018. Disponível em: <http://portalsinan.saude.gov.br/calendario-epidemiologico> Acesso: 23/03/2018 e 16/01/2019.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E AMBIENTE: *a revolução de 1930 e a instalação da Modernidade no Estado de Goiás*

Eva Adriana Lacerda. evaadrianalacerda@gmail.com

¹Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos. R. Quatorze, 327 - Jd. América, Morrinhos - GO, 75650-000.

Resumo: Este plano de trabalho é uma proposta de atuação vinculada ao projeto de pesquisa Memória, Patrimônio e Ambiente: Representações da Modernidade e seus efeitos em Goiás, e visa contribuir com levantamento bibliográfico e análise documental acerca da forma como o tema da modernidade está presente na historiografia goiana do século XX, bem como entender o papel de Goiânia na narrativa de superação do passado de atraso. Partindo do pressuposto de que progresso e modernidade são conceitos, mas, principalmente, ferramentas discursivas de legitimidade da ação humana, na ampliação dos limites urbanos e do uso dos recursos naturais nas atividades econômicas, a pesquisa visa, também, analisar os impactos e consequências para o cerrado dessas atividades.

Palavras-chave: Modernidade, progresso, historiografia goiana.

Introdução

Este plano de trabalho é uma proposta de atuação vinculada ao projeto de pesquisa Memória, Patrimônio e Ambiente: Representações da Modernidade e seus efeitos em Goiás, e visa contribuir com levantamento bibliográfico e análise documental acerca da forma como o tema da Modernidade está presente na historiografia goiana do século XX, bem como entender o papel de Goiânia na narrativa de superação do passado de atraso.

Partindo do pressuposto de que Progresso e Modernidade são conceitos, mas, principalmente, ferramentas discursivas de legitimação da ação humana, na ampliação dos limites urbanos e do uso dos recursos naturais nas atividades econômicas, a pesquisa visa, também, analisar os impactos e consequências para o cerrado dessas atividades.

Desde a construção de Goiânia esses conceitos foram empregados para analisar as transformações ocorridas – ou que se aspirava – no estado de Goiás. Autores como Nasr Chaul (2002) e Davi Maciel (1997), cada qual a partir de uma perspectiva teórica e com objetivos diferentes, debateram essa questão. De certa forma, independente do seu posicionamento, acabaram por legitimar a visão de chegada da Modernidade com a construção de Goiânia, a emergência do que ficou conhecido na historiografia local como o Novo Tempo.





Nesse sentido, a pesquisa se justifica por entender que a ideia de Modernidade, ou, quando menos, os ideais de progresso e modernização relacionados a um estado então ainda profundamente rural, deve ser problematizada. Assim, compreender a extensão da aceitação dessas teses na historiografia goiana, bem como as justificativas empregadas, contribui para a compreensão da forma como se estruturou, ao longo do século XX, um pensamento histórico local e quais suas premissas e pressupostos.

Material e Métodos

A pesquisa terá duas etapas. Na primeira, de caráter bibliográfico, buscaremos apontar os principais autores e obras da historiografia goiana que trabalharam com o tema da modernidade, apontando a integração de Goiás aos principais mercados consumidores e, principalmente a construção de Goiânia, como marcos do novo tempo de progresso e desenvolvimento urbano.

Amparados nas concepções de Raymond Willians (1989), intentaremos demonstrar que o discurso da modernidade se estabeleceu diante da tentativa de superação do passado rural e atrasado, bem como de relações sociais e políticas marcadas pelo clientelismo, coronelismo e mandonismo local.

Dentre os vários autores possíveis, farão parte de nossa análise conhecidos historiadores como Barsanulfo Borges (1990), Itami Campos (1987), Nasr Chaul (2002), Eurípedes Funes (1986), Luiz Palacín (1976, 1994, 2001), entre outros, os quais comporão a pesquisa no duplo papel de fontes a serem analisadas e de arcabouço teórico.

A segunda parte será de pesquisa arquivística e documental, buscando os dados e informações que permitam fazer a análise dos impactos que a ampliação da área urbana de Goiânia e dos espaços destinados à produção agroindustrial teve sobre o Cerrado Goiano.

Resultados e Discussão

Tal como aponta a metodologia, a previsão da pesquisa era ter duas etapas, sendo a primeira, de levantamento bibliográfico e a segunda de levantamento documental, em arquivos e outros locais de armazenamento de fontes e documentos.

No entanto, devido a diversas situações pessoais com a bolsista de IC, não foi possível passar da primeira para a segunda etapa, ou seja, o trabalho pouco avançou para além do que já havia sido descrito no relatório parcial, ficando apenas no levantamento





bibliográfico e fichamento de algumas obras, notadamente de Itami Campos (1987) e Barsanulfo Borges (1990), tendo, esses resultados iniciais, sido apresentados no mês de novembro de 2018, no **I International Interdisciplinary Seminar on Environment and Society II SIAS – Seminário Interdisciplinar em Ambiente e Sociedade** realizado na Universidade Estadual de Goiás no campus Morrinhos, com o título “A revolução de 1930 e a instalação da modernidade no estado de Goiás”.

Além dessas atividades descritas, ainda foi possível fazer a leitura e fichamento de Nasr Chaul (2002).

A partir das leituras dos textos, percebe-se que Goiás era, ao longo da República Velha, um estado periférico, tanto do ponto de vista econômico quanto político, na compreensão de Itami Campos (1987). O período em tela é considerado, na visão consagrada da historiografia Goiana, como a parte final do longo período de decadência pelo qual Goiás passou, a partir do final do ciclo da mineração.

Esse período em que o estado foi periférico, corresponde, também, ao atraso que obstaculizou o desenvolvimento de Goiás, e de interesse das oligarquias rurais, dos coronéis que controlavam a política local, como os Bulhões, os Caiado, os Xavier de Almeida, os Lopes de Moraes.

Apesar de concordar com a dominação daquele período pelos coronéis oriundos da velha capital goiana, Nasr Chaul relativiza esse atraso, apesar de concordar com a tese de que, com a chegada de 1930 e o golpe de Getúlio Vargas, o governo interventor que se instalou no estado, liderado por Pedro Ludovico Teixeira, foi protagonista de um novo tempo, sendo o arauto da modernidade.

Considerações Finais

A proposta da pesquisa ensejada pelo plano de trabalho não foi plenamente alcançada, haja vista que não se ampliou o rol de leituras, a princípio definidas, nem a pesquisa arquivística, de modo a levantar fontes e documentos que permitissem elaborar uma reflexão sobre a questão da modernidade na historiografia goiana.

Principalmente os dois últimos objetivos, em que a ideia de modernidade, bem como suas ações, deveria ser confrontada como as consequências, tanto para o Cerrado quanto para a própria narrativa da historiografia que impregnou os imaginários que compõe as identidades





dos goianos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Júlio Cesar Meira e à Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP/UEG) por me dar a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica (PBIC-UEG).

Referências

BORGES, Barsanulfo G. **O despertar dos dormentes**. Estudos sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1902-1922. Goiânia: Editora da UFG, 1990. (Coleção Documentos Goianos).

BRITTO PEREIRA, Mônica Cox de. Modernidade e Impasses: questão ambiental e representações da natureza. **Confluências. Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**; Vol 8, No 1 (Ano 2006).

CAMPOS, Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade, 2a ed. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

DAL MORO, Nataniél. A cidade modernizada: questões acerca do viver urbano, dos conflitos e das memórias. **Revista Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, 2010. Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/9561/7110. Acesso em 27 mar. 2016.

DÉAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli T. R. **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

FUNES, Eurípedes Antônio. **Goiás 1800-1850**: um período de transição da mineração à agropecuária. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1986.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os cantos e os antros**: Campinas 1850-1900. São Paulo: Editora da USP; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

MACIEL, Davi. Goiás e a Questão da Modernidade: Entre e a ideologia do progresso e o Estado autoritário. **História Revista**. 2 (2): 53-76. jul/dez., 1997. Disponível em: revistas.ufg.br/historia/article/view/10688/7103 >. Acesso em: 12 abr. 2013.

MEIRA, Júlio Cesar. **Ideias de Progresso e Modernização**: projetos de (re)urbanização do município de Morrinhos/GO (1950-1970). 2017. 242 f. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2017.





PALACIN, Luiz. **Goiás – 1722-1822**. Estrutura e Conjuntura Numa Capitania de Minas. 2a ed. Goiânia: Oriente, 1976.

_____; GARCIA, Ledônias Franco; AMADO, Janaína. **História de Goiás em Documentos**: I. Colônia. 1a reimpressão. Goiânia: Ed. da UFG, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A urbanização brasileira**, 5a ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, Flávio Reis; ALVES, Jackeline da Silva. Modernização do cerrado: urbanização e agroindústria no Município de Morrinhos/GO. In: SANTOS, Flávio Reis (Org.). **Contextualizando o cerrado goiano**: entre questões socioeconômicas e socioespaciais e questões socioeducacionais e socioambientais. Curitiba/PR: CRV, 2017.

SILVA, Cláudia M. B. Romano. **A cidade de Morrinhos**: uma abordagem geográfica. Goiânia: Grafset – Gráfica e Editora, 2006.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **O Paraíso precisa ser modernizado**: os viajantes do século XIX e a identidade nacional. Uberlândia: EDUFU, 2014.

VILLAS-BÔAS, Cláudio; VILLAS-BÔAS, Orlando. **A Marcha para o Oeste**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

Willians, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.





PÓS-GRADUAÇÃO E SUA REGULAMENTAÇÃO: a visão dos egressos e os cursos de especialização da UEG

***Nádia da Silva Barros Oliveira** (IC) E-mail: nadiaboliveira@gmail.com, **Yara Fonseca de Oliveira e Silva**² (PQ)
UEG – Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek, nº 146
- Bairro Jundiá. Caixa Postal 459. Anápolis – GO. Homepage: www.ppgielt.unucseh.ueg.br.

Resumo: Esse estudo é o resultado das atividades como bolsista de Iniciação Científica (PBIC-UEG) da pesquisa que discutiu a pós-graduação *Lato Sensu*, os cursos de especialização da UEG. Sendo seus objetivos discutir os aparatos legais que tratam da regulamentação brasileira da pós-graduação, em específico, a do *Lato Sensu* da UEG e conhecer a visão dos egressos sobre a contribuição dos cursos de especialização para a Educação Básica local. A pesquisa qualitativa, utilizou da pesquisa documental, sendo suas fontes as legislações referentes ao *Lato Sensu*, seguido da pesquisa de campo com aplicação de questionário *online*. Na visão dos egressos dos cursos de especialização houve contribuição significativa do *Lato Sensu* da UEG, tanto pela proximidade do conteúdo dos cursos em sua profissão, quanto pela contribuição para a atuação pedagógica na Educação Básica.

Palavras-chave: Pós-graduação *Lato Sensu*. Universidade Estadual de Goiás. Formação Continuada de Professores.

Introdução

O presente estudo apresenta o resultado das atividades desenvolvidas como bolsista de Iniciação Científica (PBIC/UEG) vinculado ao projeto de pesquisa cadastrado na PrP da UEG intitulado “Pós-graduação *Lato Sensu* da UEG: cursos de formação de professores para a Educação Básica nas mesorregiões do estado goiano”, sob a orientação da Professora Dra. Yara Fonseca de Oliveira e Silva.

A pesquisa trata da pós-graduação da UEG, objeto desse estudo, e sua relação com a formação de professores no Estado de Goiás, para tanto, a proposta se deu com base nos estudos e discussões das leis que regulamentam a pós-graduação, o que possibilitou a discussão do contexto de mudanças socioeconômicas que define um novo papel para a universidade, em específico para a pós-graduação, que atende às demandas da sociedade e acompanha as mudanças sociais, econômicas e políticas. O interesse pela pós-graduação *Lato Sensu*, isto é, pelos cursos de especialização dessa instituição se faz por entender que esses são uma área estratégica para o desenvolvimento de professores da Educação Básica, pois permite oferecer uma perspectiva de continuidade de estudos para os profissionais da educação, articulando-se com o ensino de graduação. Enquanto bolsista acompanhou-se e auxiliou o alcance desse estudo sendo, seus objetivos, foram estudar e discutir os



aparatos legais que tratam da regulamentação brasileira da pós-graduação, em específico a do *Lato Sensu* da UEG e conhecer a visão dos egressos sobre a contribuição (ou não) dos cursos de especialização para a Educação Básica local.

O *Lato Sensu* no Brasil sempre deteve de um sentido amplo, desde sua implantação no país, pois o Parecer n. 977 (CES/CFE, 1965), conhecido como Parecer Newton Sucupira, estabeleceu os parâmetros dos cursos de especialização e aperfeiçoamento e os objetivos da pós-graduação no país. De acordo com o Parecer Sucupira (1965), a pós-graduação, tanto no sentido *lato* como no sentido *stricto*, surgiu pela necessidade de: 1) formar docentes capazes de atender à expansão do ensino superior; 2) preparar pesquisadores para fomentar o progresso científico e tecnológico do país; e 3) assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores. A pós-graduação se compõe de um conjunto de documentos e legislações e, para esse estudo o recorte se deu por artigos em periódicos e legislações como, a LDBEN de 1996, a Resolução CNE/CES nº 1/2007 (BRASIL, 2007), a Resolução – CsA – nº 17 (UEG, 2010).

A formação continuada de professores é uma preocupação, tanto de Formadores quanto do poder público, que dedica cada vez mais atenção a essa necessidade oferecendo a formação continuada sob várias condições, como forma de apoiar a formação docente na intenção de promover educação de qualidade. Por isso, estudaremos o referencial teórico que discute sobre esse tema, sendo autores como, Gatti (2009), Ghedin (2015), Nóvoa (1992), Freire (1979) e Pimenta (2002), por compreender que a formação continuada, além de um direito, contribui para a melhoria da prática pedagógica do professor.

A UEG, devido a sua pouca estrutura física, material e de infraestrutura tecnológica em sua origem (1999) oportunizou o acesso ao ensino superior se estruturando como instituição difusora de conhecimento (SILVA, 2014). O que significa quem em sua criação e em seu planejamento inicial não vislumbrou um papel para a produção de conhecimento e pesquisas, mas em sua evolução tem compreendida a importância da produção além da difusão do conhecimento e atualmente tem investido na sua pós-graduação (SILVA, 2014).



Material e Métodos

Essa pesquisa adotou o método qualitativo, por concordar que essa é capaz de interpretar o significado do objeto de estudo no contexto social, o que possibilita a compreensão do fenômeno em profundidade. As fontes de dados foram diversas sendo, a UEG a principal fonte, no intuito de conhecer a estrutura, a trajetória e as legislações referentes aos cursos de *Lato Sensu*. As descrições das atividades foram as de revisão de literatura e pesquisa documental, realizou-se a busca de documentos como, artigos de periódicos, legislações, os dados nas plataformas especializadas como, IBGE, Mauro Borges e por meio de um instrumento online para coletar dados, sendo o mesmo um questionário online, construído através da plataforma *Googledocs*. O questionário teve três questões, sendo a primeira para caracterização dos Sujeitos, a segunda sobre as contribuições para os egressos em sua profissão e a terceira sobre as contribuições para educação básica. Para a construção do questionário nos reunimos a fim de elaborarmos as perguntas e em seguida testamos o mesmo, respondendo-o, a fim de provar sua eficácia.

A amostra inicialmente pretendeu coletar dados em 10 campus dos 42 da UEG, selecionou-se toda Mesorregião Central e solicitou-se a cada campus as listas de contatos dos egressos dos seguintes campus de, Porangatu, Cora Coralina, Jussara, Anápolis de ciências socioeconômicas, Inhumas, ESEFFEGO, Itaberaí, Morrinhos, Quirinópolis e o de Pires do Rio. Entretanto, apenas em dois campus, o da ESEFFEGO e o de Inhumas, pôde se aplicar o questionário devido a falta de retorno dos outros campus que não disponibilizaram a lista de contato, do (e-mail) dos egressos sendo, os respondentes nove egressos dos cursos desses dois campus, que a seguir serão apresentados a análise realizada na pesquisa de campo.

Resultados e Discussão

Os resultados a seguir apresentam-se em duas partes, a primeira é a de revisão de literatura que trata da legislação do *Lato Sensu* e a segunda da pesquisa de campo sobre a contribuição da UEG para o egresso em sua vida profissional e para a Educação Básica.

Legislações e a pós-graduação Lato Sensu

A revisão de literatura foi realizada no sentido de alcançar o entendimento mais amplo sobre a pós-graduação *lato sensu*, sobre o que é, e compreender o que é, e quem regulamenta a pós-graduação *lato sensu*. A partir dos estudos feitos segue uma breve síntese de alguns importantes documentos legais que orientam a regulamentação do funcionamento do *Lato Sensu* no Brasil,

Quadro 1: Legislação e o Lato Sensu

- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394/96, em seu Art. 44, inciso III, determina que a educação superior abranja também a pós-graduação, “compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino”. Quanto aos cursos à distância, estes só poderão ser oferecidos por instituições credenciadas pela modalidade de educação a distância (EAD).
- Resolução CNE/CES no. 1/2007, determina que os cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> podem ser oferecidos por instituições de ensino superior (IES) credenciadas junto ao Ministério da Educação (MEC).
- Segundo o Art. 5o da Resolução n. 1/2007, a duração mínima dos cursos de especialização deve ser de 360 (trezentas e sessenta) horas. A duração poderá ser ampliada de acordo com os objetivos estabelecidos no projeto pedagógico do curso.
- Resolução CES/CNE nº. 2/2014, em seu Art. 1º institui o cadastro nacional de cursos de pós-graduação <i>Lato Sensu</i> (especialização) oferecidos nas modalidades presencial e a distância por instituições credenciadas no Sistema Federal de Ensino tendo esse cadastro dentre outras informações como, carga horária; modalidade da oferta presencial ou a distância; número de vagas e dados sobre o corpo docente.
- Parecer CNE/CES nº. 245/2016 (aguardando Homologação) resolve instituir as Diretrizes Nacionais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização.

Adaptado pela aluna (2018).

Os documentos legais do Quadro 1, entre outros não contemplados, objetivam organizar o sistema de cursos de especialização e como podemos observar as leis determinam principalmente os seguintes critérios: estabelecem a qualificação mínima do docente, os cursos devem ter duração mínima de 360 (trezentas e sessenta) horas, pedagogia apropriada, sendo que todos os cursos devem cumprir as disposições presente nas resoluções apresentadas para serem válidos. Após todos os artigos lidos no decorrer da pesquisa, que trata sobre o funcionamento da pós-graduação, em específico da especialização *lato sensu*, é perceptível que nos últimos 20 anos a legislação da Pós-Graduação *lato sensu* no Brasil passou por diversas mudanças, porém, foram mudanças superficiais, pois apresentam poucas mudanças em suas regras, como: reconhecimento, carga horária, frequência e corpo docente, ao que parece a mudança mais significativa se dá em relação à oferta dos



curso fora da sede, nas diferentes resoluções e pareceres.

Em relação aos cursos de pós-graduação *Lato Sensu* da UEG estão vinculados à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP), sob a assessoria da Coordenação de Pós-Graduação *Lato Sensu* (UEG, 2010). A proposta pedagógica da UEG para os cursos de *Lato Sensu* são orientadas pelos documentos legais com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais, emanadas do Conselho Nacional de Educação (CNE) sendo as seguintes, a Resolução CES/CES nº 03/1999, em que o CNE, fixa condições de validade dos certificados de cursos presenciais de especialização *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*; a Resolução CES/CES nº 01/2001, expedida pela Câmara de Ensino Superior (CES) do CNE, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* e revoga a Resolução de março de 1999. E em seguida a Resolução CES/CNE nº 01/2007 que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, e revoga os arts. 6º, 7º, 8º, 9º, 10, 11 e 12 da Resolução CNE/CES nº 1, de 3 de abril de 2001, e demais disposições em contrário. Diante disso, infere-se que essa legislação vem sendo refeita nos últimos 20 anos na tentativa de alinhar os cursos de *Lato Sensu* às condições socioeconômicas do estado brasileiro e, vale destacar que a partir dessa Resolução de 2007 desvinculou essa modalidade *Lato Sensu* do *Stricto Sensu*, portanto, passou a ter sua própria orientação e seus cursos foram classificados como de “nível de especialização” (CES/CNE nº 01/2007).

Em relação aos documentos que orientam o *Lato Sensu* da UEG, inicialmente o Conselho Acadêmico da UEG elaborou e aprovou a Resolução CsA nº 02/2001 e, também com o passar dos anos foi revogada e, em seguida o CsA aprovou a Resolução CsA nº 17/2010, que regulamenta as normas para apresentação de projetos de criação de cursos de pós-graduação *Lato Sensu* presenciais e à distância. A atual Resolução do CsA nº 17/2010, estabelece os critérios e o regulamento para o desenvolvimento e a execução desses cursos, ou seja, de como elaborar o projeto de curso; sobre o consentimento da Direção do campus que solicita o curso e a titulação necessária, bem como as funções do docente que coordena o curso; trata dos direitos e deveres dos discentes e do aproveitamento de crédito de disciplinas presenciais, entre outros critérios. Resta destacar que a UEG

(PDI, 2010) destaca a pós-graduação, em específico os cursos de *Lato Sensu* como uma proposta de “formação continuada”, sendo, uma estratégia da UEG formar profissionais que possam contribuir para com o desenvolvimento do estado goiano (UEG, 2010). Conclui-se que em relação aos dispositivos legais da pós-graduação *lato sensu* verifica-se que essas tem impulsionado a qualificação docente da Carreira de Magistério. Mas, algo que carece de melhorar é o seu instrumental para que possa ser avaliado o seu funcionamento e o seu desempenho.

A contribuição do Lato Sensu da UEG a partir da visão dos egressos

Essa seção apresenta os resultados da pesquisa de campo com base em questões do questionário respondido pelos egressos. Sobre a *primeira questão* referente à caracterização dos egressos os respondentes dos campus de Inhumas e o da Eseffego (UEG), em sua maioria, 88% terminaram seus cursos no ano de 2018. Em relação ao sexo, praticamente estão na mesma proporção, 44,4% homens e 55,6% mulheres. Conforme mostram os Gráficos 1, 2 e 3 que são resultantes da pesquisa de campo,

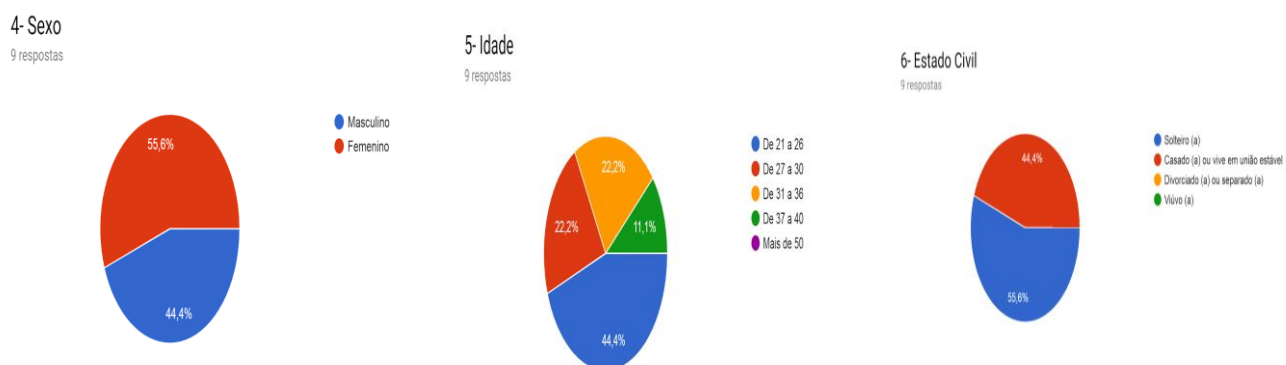
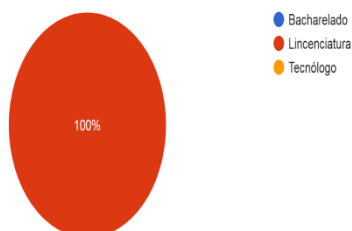


Gráfico 1: Sexo dos correspondentes. Gráfico 2: Idade dos respondentes. Gráfico 3: Estado dos respondentes

A maioria 44,4 % possuem entre 21 e 26 anos de idade sendo, alunos jovens na sua maioria, mas quase a metade se declarou casado ou em união estável. Os egressos afirmaram que logo após o término da graduação já ingressaram na formação continuada de professores, o que significa que provavelmente saem da graduação e estendem para a especialização.

1- Qual o tipo de sua graduação?

9 respostas



1.2 Possui uma segunda graduação?

9 respostas

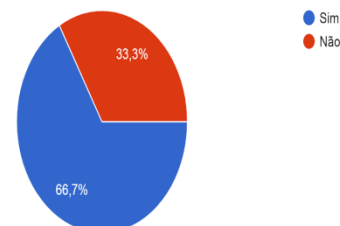
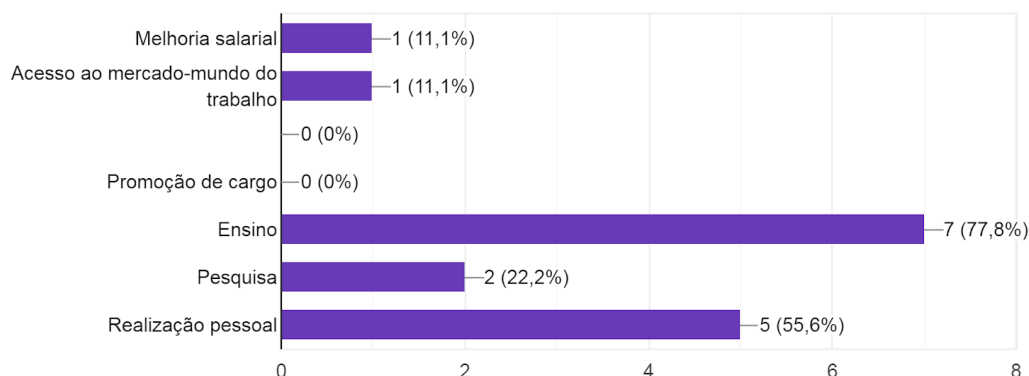


Gráfico 4: Tipo de graduação dos respondentes. Gráfico 5: Segunda graduação do respondente.

Todos os respondentes são formados no curso de licenciatura e mais de 60% desses entrevistados possuem uma segunda graduação, entre essas destacam-se os cursos de Pedagogia, Direito, Análises de Sistemas e Administração em *Marketing*. Em relação à motivação pelo acesso ao Lato Sensu, responderam que os cursos de especialização estão relacionados à formação de todos e o que mais os motivou a cursar foi a qualificação profissional e a ampliação de seus conhecimentos.

Sobre a *segunda questão* “contribuições do curso de especialização para sua profissão”, em que poderia assinalar mais de uma opção, conforme o Gráfico 1, na visão dos egressos 77% procuraram a especialização para aperfeiçoar o ensino, portanto, é possível entender que a pós-graduação tem sido uma necessidade de conhecimentos extras que contribua para melhorar sua condição de ensino, de ministrar aulas. Em seguida a opção mais colocada foi a realização pessoal, o que engloba desde um bom emprego e salário até a uma vida plena na sua construção como ser humano.

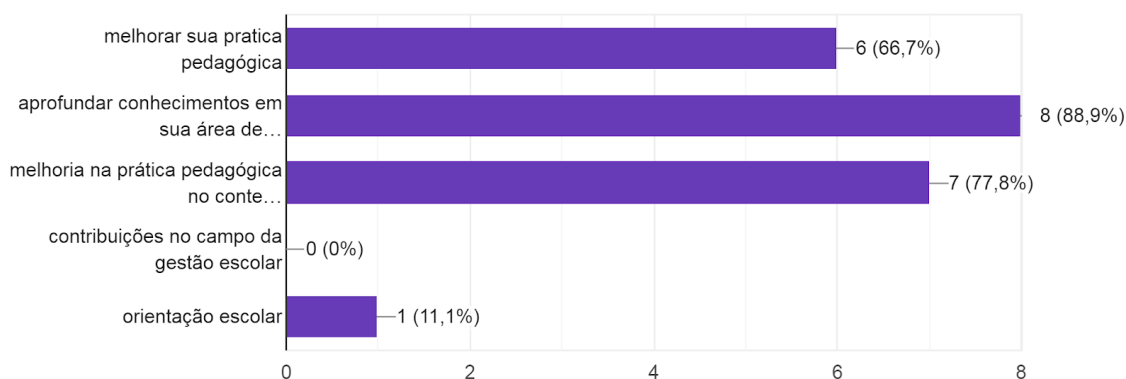
Gráfico 6: Contribuição para profissão



Fonte: Pesquisa de campo.

Segundo os respondentes a especialização contribuiu para aprofundar os conhecimentos em sua área e para obter melhorias em suas práticas pedagógicas no contexto escolar. Em relação à terceira questão “contribuições para Educação Básica”, o Gráfico 2 a seguir mostra o curso de especialização trouxe novas visões para a educação e para a sala de aula, auxiliando na melhoria das práticas pedagógicas e, ainda capacitando os professores para lidar melhor com os seus alunos e os novos contextos vividos a cada dia pela Educação Básica.

Gráfico 7: Contribuição para educação básica (seria o 7? Rever isso)



Fonte: pesquisa de campo.

Os egressos destacaram no campo disponível para observações de suas dificuldades e facilidades que, durante o curso enfrentam vários desafios, são eles: os horários das aulas, as aulas ministradas nos finais de semana, didática de alguns professores, módulos com pouca relação da teoria-prática para o ambiente escolar e o excesso do tempo do curso que se estendeu mais do que os dois anos previstos.



Por outro lado, alguns entrevistados também ressaltaram pontos positivos, as facilidades ocorridas nas especializações, como: localização, qualidade de alguns professores, presencial, gratuito e a possibilidade de troca de experiências.

Considerações Finais

Com o estudo e as discussões sobre os aparatos legais que tratam da regulamentação brasileira da pós-graduação *lato sensu* e com a coleta dos dados da pesquisa de campo foi possível afirmar que a partir da visão dos egressos da pós-graduação *lato sensu*, os cursos de especialização tem contribuído para a formação desses profissionais da educação básica local, e que essa formação vem contribuindo para vida profissional que esta totalmente relacionada ao ensino e também contribuindo para a realização pessoal de acordo com a pesquisa. As contribuições para atuação na educação básica são entre eles, melhorar a prática pedagógica, melhoria na prática pedagógica no contexto escolar e aprofundar o conhecimento em sua área de atuação, comprovando que os cursos de formação continuada de professores têm contribuindo para a educação básica local. A visão dos egressos dos cursos de especialização mostra que houve contribuição significativa do *Lato Sensu* da UEG, tanto pela proximidade do conteúdo dos cursos com a atuação pedagógica na Educação Básica, como pela grande maioria afirmar que todos os temas e conteúdos abordados estavam ligados à atuação na Educação básica. Mas, se fez necessário ressaltar que as relações que ocorrem entre essas instituições precisam ser mais afinadas para dar conta de romper com as fragilidades que assolam e invadem essas instituições e, conseqüentemente essas formações.

Agradecimentos

Agradeço à Pro-Reitoria de Pesquisa pelo Apoio e Incentivo para a participação na pesquisa a partir da Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás PBIC– UEG.

Referências

BRASIL. LDBEN. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

Disponível em: < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 18 abr. 2011.

_____. Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação /Câmara de Educação Superior. Resolução nº 01, de 8 de junho de 2007. **Estabelece normas**





para o funcionamento de cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, em nível de especialização. Brasília/DF: MEC/CNE/CE, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 6. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 218 p.

FREITAS, Maria Aparecida de Oliveira; CUNHA, Isabel Cristina KowalOlm. **PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: RETROSPECTIVA HISTÓRICA E POLÍTICA ATUAL.** 2009.

PIRES, Nara; PUGGIAN, Cleonice; **Pós-Graduação lato sensu: legislação atual, novas diretrizes e a experiência da UNIGRANRIO.** ANO I – Volume 1 - Número 2 2014 Artigo especial.

SANTOS, Ana Lúcia Felix; AZEVEDO, Janete Maria Lins. **A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico.** Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 42 set./dez. 2009.

SILVA, Yara Fonseca de O. **Universidade e o desenvolvimento local:** o caso da Universidade Estadual de Goiás. 2014. Tese (Doutorado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

UEG - Universidade Estadual de Goiás. Resolução – CsA – nº 17/2010. **Aprovar as Diretrizes e Políticas para a Pesquisa e a Pós-Graduação.** Anápolis/GO: 2010.

RELATOS MÉDICOS-MILITARES DA COMISSÃO RONDON: AÇÕES PROFILÁTICAS DE COMBATE A MALÁRIA NO NOROESTE DO BRASIL

Michelly Janaiza do Nascimento Gomes^{1*} (IC) (michellyjanaiza@gmail.com), Robson Mendonça Pereira¹ (PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas.

Resumo: Nessa investigação analisaram-se os relatórios dos oficiais médicos da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas ou Comissão Rondon (CR), produzidos entre 1907 e 1915, tendo como enfoque principal as dificuldades encontradas pelo Serviço Sanitário criado pelo médico Joaquim Augusto Tanajura em 1910 na implementação de medidas de profilaxia de combate a manifestação de doenças tropicais, em especial a malária, responsável pelo maior número de baixas entre os trabalhadores da linha telegráfica. Diante disso, o presente trabalho busca analisar as péssimas condições de vida em que se encontravam os trabalhadores da linha telegráfica, explicitados através do quadro nosológico descrito nos relatórios médicos-militares da CR, bem como o desgaste dos mesmos mediante as situações dos territórios desbravados pela Comissão Rondon.

Palavras-chave: Epidemias, Comissão Rondon, Serviço Sanitário.

Introdução

O presente trabalho tem por intuito apresentar os resultados de plano de trabalho em nível Iniciação Científica (PBIC/UEG) desenvolvida durante o período de agosto/2018 a julho/2019, vinculado ao projeto de pesquisa “Relatos nosológicos da Comissão Rondon (1907-1915)”, coordenado pelo prof. Dr. Robson Mendonça Pereira. A pesquisa teve como objetivo analisar os relatórios médicos-militares da Comissão Rondon, destacando as dificuldades encontradas pelo Serviço Sanitário, criado em 1910, para debelar os surtos de doenças tropicais endêmicas, particularmente a malária.

O século XIX representou no cenário brasileiro o momento de modernização e a busca pelo progresso da nação, diante disso, a ferrovia e o telégrafo representaram os instrumentos de consolidação da nova mentalidade oitocentista, sendo percebidos como “veículos do progresso” e “instrumentos da ordem pública”. (MACIEL, 1998, p.100). Logo, a política expansionista do período tinha como

objetivo ocupar áreas “desconhecidas” do território nacional, porém, isso não significava que se encontravam desertas ou que constituíssem um imenso vazio.

Diante dos interesses apresentados pelo governo brasileiro e do início do progresso e da modernização durante o período de transição do regime monárquico para República, tem-se o desenvolvimento de projetos de infraestrutura para integrar a região noroeste através da construção de ferrovias (Noroeste do Brasil e Madeira-Mamoré) e da expansão da rede de fios do telégrafo¹, sendo esse último vital para desenvolver as comunicações entre a capital federal e as vastas regiões centrais do país. Mediante o exposto, em 1889 o governo imperial criou a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas sob a chefia do General Ewerton de Castro, tendo como finalidade realizar a ligação da Corte com Cuiabá. (MACIEL, 1998, p.101-2). Com o advento da República, o empreendimento passa para o comando do major Antônio Ernesto Gomes de Araújo para realizar a construção do trecho da cidade Cuiabá até o rio Araguaia, sendo que suas atividades se estenderam até 1898. (VIVEIROS, 1958, p.61-3; SÁ, SÁ, LIMA, 2008, p.782-3).

Para além, o presidente Afonso Penna instituiu no ano de 1907, a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CR) com o intuito de prosseguir com a linha telegráfica de Cuiabá até a região amazônica, chegando até o território do Acre e dali para Manaus. A comissão seria chefiada pelo experimentado coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, militar nascido em 5 de maio de 1865, no distrito de Mimoso, em Mato Grosso. Sua carreira começou por volta de 1890, como Alferes-Ajudante do major Gomes de Araújo na linha telegráfica de Cuiabá ao Araguaia. (VIVEIROS, 1958, p. 69). Entre 1900 e 1906, Rondon comandou a construção de um ramal telegráfico até Corumbá na divisa com o Paraguai e depois, as conexões com o sul de Mato Grosso.

A Comissão Rondon (1907-1915) foi assombrada desde seu início por doenças diversas. Houve casos relatados de disenteria, beribéri (carência de vitamina B1), tuberculose, febre amarela, o impaludismo (malária), polinevrite palustre, moléstias nos olhos, icterícia, lepra seca e úlceras nas pernas. (FERREIRA

¹ A utilidade do telégrafo no Brasil só seria comprovada no “teatro da guerra” do Paraguai na década de 1860. Apesar dos atropelos de toda ordem, a falta de equipamentos que tornava necessário utilizar, às vezes matérias conquistadas do exército inimigo ou improvisar isolantes com fundos de garrafa, as linhas telegráficas montadas para a campanha mostrar-se-iam eficientes para orientar o rápido avanço das tropas e para redefinição militar (Maciel, 1998, p.48).



E SILVA, 1920, p.21 *apud* CASER; SÁ, 2011, p.476). Diante dos surtos epidêmicos que surgem na Comissão Rondon, tornou-se necessário a criação de medidas capazes de amenizar as manifestações. Em 1910 é reorganizado o Serviço Sanitário sob a chefia de Joaquim Augusto Tanajura que estabelecer medidas profiláticas para evitar propagação de mosquitos transmissores da malária e de outras endemias:

Cada médico deveria ter auxiliares sob seu comando um farmacêutico, dois soldados enfermeiros e mais cinco auxiliares para serviços de drenagem do solo, destruição de larvas dos mosquitos, aterro de pântanos, desinfecção e outros. Ambas as enfermarias deveriam estar munidas de um microscópio para exame de sangue de todos que apresentassem sintomas de malária. (VITAL, 2009, p.6)

Ademais, as manifestações das doenças tornaram a assombrar a linha de fios até os anos finais dos trabalhos da CR, sendo fatores corresponsáveis pela proliferação das epidemias a falta de alimentação, a falta de higiene e os locais insalubres onde se montavam os acampamentos.

O corpo de oficiais incluiu, em diferentes momentos, como principais médicos-militares, o primeiro-tenente José Antônio Cajazeira (1914-1915), o capitão Murilo de Campos (1910-1911), capitão-médico João Florentino Meira de Faria (1916) e Joaquim Augusto Tanajura (originário do quadro sanitário da Força Policial do Distrito Federal e que serviu por longo período de 1909 a 1915).

Material e Métodos

Em primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da Comissão Rondon (1907-1915), a fim de encontrar relatos a respeito da CR que destacassem a trajetória, as dificuldades e os interesses da República “modernizadora” nos sertões do noroeste brasileiro. Diante disso, é possível perceber que a CR acabou por desempenhar um papel maior do que a de efetuar a ligação do noroeste brasileiro ao telégrafo nacional, realizando uma tentativa de incorporar os territórios e os povos que nele habitavam ao restante do país e desenvolver estudos de caráter científico sobre as possibilidades sociais e econômicas da região. Posteriormente, realizaram-se leituras a respeito da imagem de Cândido Mariano da Silva Rondon, a fim de compreender as correntes



historiográficas que escrevem acerca da Comissão e da postura adotada pelos militares nesses empreendimentos.

Ademais, as análises a respeito do antagonismo de Rondon, possibilitam uma maior compreensão sobre a atuação da linha telegráfica nos Sertões do Brasil (VIVEIROS, 1958; DIACON, 2006; MILLARD, 2007; MACIEL, 1998). Logo em seguida, procederam-se as análises das obras escolhidas para embasamento teórico-metodológico, com a finalidade de produção de relatórios e artigos entre outros. Para além, analisou-se os Relatórios Médicos-Militares elaborados pelos oficiais da Comissão Rondon, na busca de compreender os limites encontrados pela Comissão no Noroeste brasileiro. Destaco nesse tópico o relatório do Serviço Sanitário redigido pelo primeiro-tenente médico Armando Calazans (relativo a Seção de Cáceres a Mato Grosso); o relatório do capitão-médico José Antônio Cajazeira (1914), relativo aos trabalhos da Seção Norte na fase mais difícil da construção da linha; o relatório do capitão-médico João Florentino Meira de Faria (1916); e o relatório de Joaquim Augusto Tanajura, médico da expedição de 1909.

Resultados e Discussão

A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas – CLTEMTA, sob a chefia de Candido Mariano da Silva Rondon nos anos de 1907 a 1915, teve por objetivo ligar através da linha do telégrafo a região noroeste do Brasil ao Rio de Janeiro, sede do governo federal. Porém, o empreendimento acaba por ganhar novas proporções no nascer da modernidade republicana, tornando-se uma forma de incorporar os povos e os territórios afastados ao território nacional, realizando expedições científicas com o intuito de realizar o mapeamento e o reconhecimento geográfico e geológico, desenvolver estudos sobre a flora e da fauna, além de pesquisas etnográficas. De acordo com a historiografia a região Noroeste do Brasil, principalmente na área que abrange a floresta amazônica, se caracterizou como trecho mais difícil da expedição, levando um período de onze meses para ser desbravada, visto que, o território era pouco conhecido e apresentava uma vegetação extensa, úmida, rios caudalosos infestados de piranhas, relevo bastante acidentado ao contrário do planalto que se encontrava no



Cerrado.

Ao longo da expedição os 350 homens que participaram desta empreitada acabaram por encontrar diversas dificuldades, falta de alimentação, calor escaldante, acampamentos insalubres, floresta densa e desconhecida, falta de higienização e doenças tropicais tendo como destaque a malária, essa doença acabou por forçar a comissão a deixar de lado alguns de seus propósitos, sendo o maior obstáculo encontrado por Rondon, o que acarretou na criação de um Serviço Sanitário em 1909.

Em março de 1909, o primeiro tenente médico da força policial do Distrito Federal, Joaquim Augusto Tanajura, foi convidado para chefiar o serviço de saúde da Comissão, que seria por ele reorganizado em maio de 1910. O convite partira do Ministério da Viação, Indústria e Obras Públicas, diferindo daqueles dirigidos aos demais médicos militares que participaram da Comissão. (VITAL, 2013, p.80)

Em meio ao quadro de epidemias que se desenrolam na CR torna-se necessário a criação de agentes capazes de prevenir a proliferação das doenças entre os trabalhadores da comissão. Diante disso os médicos da CR teriam como objetivo “dar assistência clínica aos trabalhadores e também realizar estudos sobre as doenças e seus ciclos no noroeste do país” (VITAL, 2013, p.78).

Os males mais frequentemente citados nos relatórios médicos eram o beribéri, a febre amarela e a malária considerada a pior, enquadradas no âmbito da medicina tropical². As manifestações das mesmas apresentavam-se de forma diferente em outras regiões, logo, os médicos deveriam considerar as características dos locais de manifestação: “Os médicos deveriam atentar para os ciclos de cheia de rios e aos fluxos migratórios, características locais ignoradas pelos médicos do litoral”. (VITAL, 2013, p. 79). Nesse sentido os conhecimentos das populações locais tornaram-se importantes para a investigação das doenças e para as possíveis descobertas sobre suas manifestações, através do uso da *anamnésia*, “levou à identificação de doenças e ao conhecimento prévio dos ciclos da malária, tendo impacto importante em decisões e em estudos que deram origem à reorganização do serviço de saúde da comissão em 1910” (VITAL, 2013, p.80), até o momento “o

² A principal referência nos estudos sobre profilaxia da malária naquele período era o relatório publicado em 1910 pelo médico sanitário Osvaldo Cruz como resultado de sua investigação na região de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que era praticamente a mesma coberta pela Comissão Rondon (CRUZ, 1910).





serviço de saúde não possuía uma organização formal” (VITAL, 2009, p.2) ficando a critério dos médicos a forma de atuação do mesmo.

Houve nesse período médicos que assumiram importantes papéis na linha telegráfica chefiada por Rondon (1907-1915), além de Joaquim Augusto Tanajura, Armando de Calazans, Manoel Andrade e Joaquim Rabelo³. Diante disso, o Serviço de Saúde é reorganizado em 1910 sobre o comando de Joaquim Augusto Tanajura, sendo este o médico que permaneceu por mais tempo atuando na comissão, e responsável pela produção do relatório médico-sanitário mais detalhado da Comissão. Em seu relatório de Tanajura traça a trajetória do sanitarista desde sua chegada em maio de 1909, destacando que ao chegar encontrou cerca de 47 doentes, sendo 43 praças e 4 civis, e logo de imediato foi preciso realizar os exames necessários para a prevenção das doenças. O médico relata que após a realização dos exames foi preciso se debruçar sobre a manipulação de fórmulas para os doentes, os quais estavam em condição preocupantes necessitante de uma medicação imediata.

Conforme apresentado nos relatórios sobre os casos de paludismo, foi observado que os doentes que se encontravam em situações graves já haviam sofrido da enfermidade em outro momento, como no caso descrito por Tanajura de Graciliano José dos Santos que sofria de beribéri. Para além, é relatado manifestações de ancilostomíase especialmente em crianças, doença causada por falta de higiene. Ademais são registrados diversos outros tipos de moléstias: polinevrite, febres, pés-edemaciados, anemia, bronquite, reumatismo, blenorragia. As epidemias se manifestavam devido às condições regionais e exaustivas a que os trabalhadores da linha telegráfica estavam submetidos. A forma de contaminação em algumas regiões do empreendimento da CR, a exemplo da estação telegráfica de Aldeia Queimada, se dá a partir do contato com indivíduos contaminados de outras regiões.

De acordo com o relatório de 1909, redigido por Tanajura, que tratou da expedição ao rio Juruena, a descreve como um flagelo, consistindo em uma campanha cansativa e perigosa por seu alto índice de insalubridade que quase consumiu seus membros. Ao chegar ao Juruena, o médico destaca que foi preciso

³ Rabelo atuou na comissão de 1908 a 1909.



medicar e examinar cerca de 36 praças e 5 civis, registrando que dois doentes vieram a óbito. É evidenciado no relatório o descaso com os trabalhadores ao apresentar casos de praças que sofriam com feridas nos pés por marchar enormes distâncias descalças, a exemplo do soldado Américo Leite (Guarda dos Telégrafos), que mesmo impedido de caminhar foi obrigado a marchar 3.500 metros para mudança de acampamento. O médico Armando Calazans apresenta em seus relatos o quadro psicológico dos soldados enviados para trabalhar na comissão, destacando que cerca de 60% dos trabalhadores eram despreparados, enfraquecidos, fracos fisicamente e mórbidos, os quais eram submetidos a terrenos desconhecidos muitas vezes com água até o peito. Diante das condições que os mesmos se inseriam surgiram desde cedo manifestação de doenças endêmicas comuns em áreas tropicais como se pode perceber detalhadamente no quadro nosológico contido no relatório do médico Armando Calazans para o período de 1907 a 1908 (Quadro 1).

Quadro 1 – Mapa Nosológico dos doentes na Primeira Seção da CLTEMTA (13/5/1907 a 27/2/1908) – Dr. Armando Calazans.

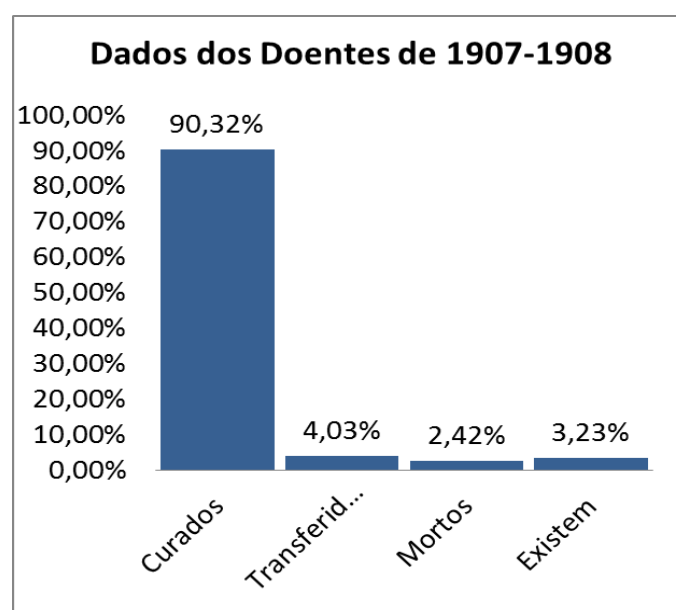
Mapa nosológico dos doentes na 1ª seção da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, desde 13 de Maio de 1907 a 27 de Fevereiro de 1908									
Doenças	Nº de Casos que Entraram	%	Nº de casos Curados	%	Nº de Casos Transferidos	%	Nº Mortos	%	Existentes
Abcesso Frio	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Abcesso Quente	6	1,61	6	1,79	0	0,00	0	0,00	0
Adenite Inguinal	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Angina	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Arthite Suppurada Traumatica	1	0,27	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1
Asthenia Pulmonar	2	0,54	0	0,00	2	13,33	0	0,00	0
Bronquite	16	4,30	16	4,76	0	0,00	0	0,00	0
Bronco-pneumonia	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Cancros Venereos	5	1,34	5	1,49	0	0,00	0	0,00	0
Cephalalgia	9	2,42	9	2,68	0	0,00	0	0,00	0
Colica Hepatica	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Colica Saturninica	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Condylomas	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Contusões	30	8,06	29	8,63	0	0,00	0	0,00	1
Diarrhéa	6	1,61	6	1,79	0	0,00	0	0,00	0
Embaraço Gastrico	22	5,91	22	6,55	0	0,00	0	0,00	0
Endocardite	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Empydimite	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Escarlatina	1	0,27	0	0,00	0	0,00	1	11,11	0
Escorbuto	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Feridas	39	10,48	39	11,61	0	0,00	0	0,00	0
Ferimentos	29	7,80	27	8,04	0	0,00	1	11,11	1
Furunculose	4	1,08	4	1,19	0	0,00	0	0,00	0
Fractura	3	0,81	1	0,30	0	0,00	1	11,11	1
Gastralgia	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Gastrite	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Gonorrhéa	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Hernia Inguinal	2	0,54	0	0,00	1	6,67	0	0,00	1
Hemorroidas	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Luxação	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Lymphatite	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Mordidura de Cobra	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Nevralgia	3	0,81	3	0,89	0	0,00	0	0,00	0
Odontalgia	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Orite	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Osteo-arthite-tuberculosa	1	0,27	0	0,00	0	0,00	1	11,11	0
Paludismo	81	21,77	70	20,83	7	46,67	0	0,00	4
Paraphymosis	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Panaricio	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Phymosis	4	1,08	4	1,19	0	0,00	0	0,00	0
Pleurodynia	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Polynevrite	3	0,81	0	0,00	2	13,33	0	0,00	1
Periostite Alveolo-dentario	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Rheumatismo	7	1,88	6	1,79	0	0,00	0	0,00	1
Sarnas	12	3,23	12	3,57	0	0,00	0	0,00	0
Syphilis	6	1,61	5	1,49	1	6,67	0	0,00	0
Tachicardia	2	0,54	2	0,60	0	0,00	0	0,00	0
Tuberculose Pulmonar	2	0,54	0	0,00	2	13,33	0	0,00	0
Ulceras	8	2,15	7	2,08	0	0,00	0	0,00	1
Varíola	25	6,72	25	7,44	0	0,00	5	55,56	0
Vermes Intestinaes	1	0,27	1	0,30	0	0,00	0	0,00	0
Total:	372	100,00	336	90,00	12	3,23	12	3,23	12

Fonte: CALAZANS, s.d., p.7.

Conforme o Quadro 1, 55,56% dos óbitos se deram por varíola, 11,11% por escarlatina, 11,11% por osteo-artrite-tuberculosa e 22,22% se deram devido a ferimentos e fraturas. O paludismo (malária) foi o que apresentou o maior número de registros de entradas na enfermaria totalizando 81 indivíduos ou 21,77% dos doentes, havendo 25 casos de varíola (6,72%) e um número elevado de atendimentos devido a ferimentos, feridas e contusões (26,34%). No período referido, 372 praças e civis foram atendidos na enfermaria da 1ª Seção.

Apesar da elevada taxa de morbidade que implicava no andamento normal dos trabalhos da CR, a maioria dos doentes se restabeleceu (90,32% conforme Quadro 2) no período designado, sendo reintegrados ao serviço na linha telegráfica.

Quadro 2 - Levantamento de dados acerca dos doentes que se encontravam na 1ª seção entre os anos de 1907-1908.



Fonte: CALAZANS, s.d., p.7.

Diante disso, é notável que as condições higiênicas na CR encontrassem péssimas, visto que, os trabalhadores adoeciam com frequência e em alguns dos casos chegavam a óbito, isso se deu desde dos primeiros contatos dos trabalhadores com a vida dura na linha de fios. Ademais, eram fatores que propiciavam as manifestações das doenças: a falta de alimentação, a exaustão



devido ao trabalho desgastante exercido pelos trabalhadores da comissão, as condições climáticas favoráveis à doença e a falta de equipamentos de proteção para uso dos trabalhadores. Os trabalhadores encontravam-se em uma situação desgastante, desumana e cruel, submetidos a castigos físicos e jornadas de trabalho exaustiva. A falta de comida, as condições climáticas desfavoráveis, a indisciplina, ataques de animais selvagens e dos nativos, a dificuldade na locomoção e acidentes constantes, tornava a situação desses trabalhadores cada vez mais difícil.

Considerações Finais

Diante das pretensões do século XIX a Comissão Rondon consistiu em um agente de atuação capaz de executar e atender as intenções modernizadoras do período, sendo a mesma influenciada pelo cenário que se desenrola no país em 1864-1870, pois possuía múltiplas intenções que vão além da comunicação inovadora da linha de fios, sendo também uma empreitada que tinha por objetivo fazer o reconhecimento das áreas fronteiriças do país e incorpora-las ao território Nacional, ou seja, a comissão atuou como empreendimento expansionista sendo parte do projeto nacional que visava a incorporação dos povos desconhecidos do noroeste brasileiro.

Durante os anos de 1907-1915, houveram nos acampamentos manifestações de doenças como febre amarela, polinevrite, bronquite, escarlatina, tuberculose, a malária e a varíola que desde dos primeiros anos de atuação da Comissão foram responsáveis pelas mortes nos acampamentos. A cada trecho construído correspondia a um homem morto, logo, a comissão consistiu em um empreendimento erguido a custa de vidas.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Robson Mendonça Pereira pela oportunidade de realizar a pesquisa, pela orientação, dedicação e paciência durante o período de elaboração da mesma; a Universidade Estadual de Goiás (UEG) pela concessão de bolsa de Iniciação Científica (BIC/UEG) pela possibilidade de torná-la possível, deixo meus sinceros agradecimentos.



Referências

- CALAZANS, Armando. **Serviço Sanitário**: Seção de Cáceres a Mato Grosso, pelo doutor Armando Calazans, primeiro-tenente médico. Rio de Janeiro: CLTEMTA. (Publicação n.20). (Museu do Índio), s.d. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/MI_Bibliografico/4724. Acesso em: 11/4/2019.
- CASER, Arthur Torres; SÁ, Dominichi Miranda de. O medo do sertão: a malária e a Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, pp.471-497, abr.-jun. 2011.
- CRUZ, Oswaldo Gonçalves. **Considerações geraes sobre as condições sanitárias do rio Madeira**. Rio de Janeiro: Madeira-Mamoré Railway Company/Papelaria Americana, 1910. Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?medialD=369>. Acesso em: 6/4/2019.
- DIACON, Todd A. **Rondon**: O marechal da floresta. Tradução Laura Teixeira Motta. Coordenação Elio Gaspari e Lilia M. Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SÁ, Dominichi M.; SÁ, Magali R.; LIMA, Nísia T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-810, jul.-set. 2008.
- MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”. 1. Ed. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998.
- TANAJURA, Joaquim Augusto. **Serviço Sanitário: Expedição de 1909**. Rio de Janeiro: Pap. Luiz Macedo, [19 –]. (Comissão Rondon 19). Relatório médico – 1909.
- VITAL, André Vasques. **Serviço Sanitário e Profilaxia Contra a Malária na Comissão Rondon: Medicina Tropical e Militar na Era Tanajura**. ANPUH- XX Simpósio Nacional de História, Fortaleza. 2009.
- VITAL, André Vasques; HOCHMAN, Gilberto. **Da malária e da ‘corrupção’: medicina e saberes locais no noroeste do Brasil (Comissão Rondon, 1907-1915)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 77-94, jan.-abr. 2013.

REPRESENTAÇÕES DE “CIDADANIA” DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Daniel Victor P. G. da Guirra^{(IC)*} danielguirraone@gmail.com, Marlon Mendes^(IC), Jadir Gonçalves Rodrigues^(PQ).

Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa.

Resumo: Essa investigação com aporte teórico na teoria das representações sociais e redes semânticas, tem como objetivo averiguar as percepções acerca da Diversidade, Cidadania e Direitos de estudantes de Pedagogia. Participaram 44 estudantes de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - Campus Formosa do 3º e 4º anos. O instrumento para levantamento das representações, também conhecido como “evocações livres”, apresentou três palavras: “Diversidade”, “Cidadania” e “Direitos”. Para aferição dos dados foram utilizados como parâmetro as redes semânticas naturais apoiada em Valdez (1998) e Figueroa et al. (1981). Verificou-se que os estudantes, reconhecem o significado (teórico) dos termos: Diversidade, Cidadania e Direitos, mas na prática em suas relações interpessoais demonstram desconhecimento em relação aos seus direitos e garantias sociais, particularmente no que se refere aos princípios elementares da cidadania, como: direito à educação, saúde, segurança e moradia por exemplo. Como se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, ressaltamos que neste artigo tratamos exclusivamente do termo Cidadania e seus significados para os discentes do curso de Pedagogia. Nessa perspectiva, os referenciais teóricos das representações sociais indicam a configuração de novos sentidos e significados característicos dos espaços acadêmicos, onde a possibilidade de mudanças e transformações na percepção de mundo dos estudantes, ocorre de maneira mais decisiva, embora, no estudo em questão evidenciou-se uma situação em que os discentes pesquisados apresentam uma conduta assentada no senso comum. Essa hipótese foi corroborada na análise dos dados coletados pelos questionários, sinalizando para a necessidade de que o curso de Pedagogia desenvolva estratégias mais consistentes para trabalhar o conceito de Cidadania.

Palavras-chave: Redes Semânticas. Núcleo Central. Sistema Periférico. Formação de Professores.

Introdução

Essa investigação surgiu a partir da necessidade de verificar como estudantes de instituição de ensino superior do curso de licenciatura em Pedagogia compreendem o conceito de “Cidadania”. A disciplina com o nome de “Diversidade, Cidadania e Direitos” é um dos componentes curriculares do curso na Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa.

A sociedade atual está inserida no contexto da necessidade permanente de estruturação de comportamentos mais justos e que respeitem a alteridade, a diversidade. Sendo assim, a formação de professores deve contemplar tais pressupostos, por tomar a frente da formação de cidadãos. Dessa maneira, apreendemos os distanciamentos entre a práxis social, e as normas e políticas de



aplicação dos conceitos que elaboram as representações necessárias para a efetivação de comportamentos que estejam associados ao respeito, e a prática da cidadania.

As discussões que envolvem o tema da “Formação de Professores” contemplam, em certa medida, sua dimensão problemática mensurada por métodos eficientes. Este trabalho pretende delinear os passos e resultados da aplicação do método de “Redes Semânticas Naturais” no estudo das representações sociais de Diversidade, Cidadania e Direitos dos estudantes da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa.

A pesquisa se concentra na avaliação da formação de professores nesta instituição, com ênfase na eficácia e função da disciplina de “Diversidade, Cidadania e Direitos” no curso de Pedagogia. Dessa forma, faz-se necessário levantar algumas considerações sobre a teoria das representações sociais e os estudos das metodologias de Redes Semânticas. Esse aporte Teórico-Metodológico foi elaborado e utilizado por muitos teóricos, de várias áreas, como Moscovici (2015), Chartier (2002), Silva, Hall e Woodward (2009), Abric (2001), Noriega, Pimentel e Albuquerque (2005).

A noção de representação social teve seu início no Antigo Regime, com a família Bourbon a partir do séc. XVI. Nesse período, os intelectuais se apoiavam nessa concepção para compreenderem melhor os fundamentos da organização de sua sociedade. A palavra foi elaborada de forma sistematizada no dicionário de Furetière (Séc. XVII), trazendo duas concepções próximas, contudo, mantendo as singularidades de cada termo. Roger Chartier (2002, p. 20), destaca que, “por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente [...]; por outro, a representação como exibição de uma presença.”. Ou seja, primeiro sendo a imagem daquilo que já não é mais visível. A representação tem a capacidade de “reconstituir em memória e de figurar”¹ símbolos e signos do que está ausente, isto é, um mito, um rito, ou uma realidade passada.

De outra maneira, a representação assume o papel de reconstituir, criar e recriar algo presente. Quero dizer, a diferença entre o símbolo e a coisa significada,

¹ Ver, (CHARTIER, 2002, p. 20). “Algumas dessas imagens são bem materiais e semelhantes, como os bonecos de cera, de madeira ou de couro, apelidados justamente de “representações”, que eram colocados por cima do féretro real durante os funerais dos soberanos franceses e ingleses e que mostravam o que já não era visível, isto é, a dignidade imortal perpetuada na pessoa do rei.”





o símbolo toma forma para denominar algo, como por exemplo, adjetivar uma pessoa, atribuir características à um objeto, animal, pessoa e etc. Nesse caso, a representação será apenas a expressão do que já existe. Para Chartier, “todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe [...]” (CHARTIER, 2002, p. 21).

Partindo destes pressupostos, podemos apreender o processo histórico no qual a teoria das representações está inserida, possibilitando contextualizá-la na atualidade. Quero dizer, as representações se movimentam a todo momento em circunstâncias e contextos distintos e, principalmente, quando se considera as condições em que essas representações são configuradas e apresentadas pelas múltiplas mídias. Na contemporaneidade elas circulam através das emissoras de TV, jornais, rádio, mídias sociais, blogs, sites, entre outros meios de comunicação, fazendo com que fiquemos sujeitos a elas. Moscovici, corrobora para a ideia dizendo que,

Impressionantemente, cada um de nós está obviamente, tanto individualmente como coletivamente, cercados por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não, e que nos atinge, sem que o saibamos, do mesmo modo que milhares de mensagens enviadas por ondas eletromagnéticas circulam no ar sem que a vejamos e se tornam palavras em um receptor de telefone, ou se tornam imagens na tela da televisão. (MOSCOVICI, 2015, p. 36)

A partir disso, torna-se necessário fomentar a discussão inerente a forma prescritiva da construção de símbolos e signos que representam algo. Podemos suscitar um breve diálogo sobre a *performatividade narrativa*², que é a forma como os conceitos são construídos e cristalizados para compor o imaginário social, ou o conjunto de representações de um indivíduo. Os termos são construídos de forma

² Ver Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. ‘Identidade e diferença como performatividade’. In **“Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais”**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. “A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados a identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e sobretudo, da *possibilidade* de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade.”



consciente, ou não, tornando-se uma representação inquestionável³ a partir de sua incessante repetição por meio das mídias, como foi dito anteriormente. Confluindo com a ideia, Moscovici diz que,

Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias. A mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição. (MOSCOVICI, 2015, p. 55. *Grifos nossos.*)

Sendo assim as representações têm a finalidade de representar algo, e como corolário fixa-se no grupo ou indivíduo como uma realidade incontestável. A partir disso, obtemos um fragmento do conteúdo basilar do método deste trabalho. Para além dessas discussões, torna-se necessário tomar conhecimento da teoria do Núcleo Central, que entrecorta, serve de base para a ideia de Rede Semântica.

Em vista disso, o Núcleo Central corresponde à organização sistemática das representações, ele é o ponto basilar de cada representação, ou seja, ele não pode mudar, pois funciona como um núcleo fundador e significador, para Abric, “la jerarquía entre los elementos produce y favorece la centralidade de uno entre cîlos. Y la simple transformación de este elemento central ocasiona um cambio radical de la impresión” (ABRIC, 2001, p. 19). Sendo assim, o Núcleo Central é determinado por fatores inerentes ao objeto representado e principalmente pelo conjunto de códigos e regras de um grupo. Dessa forma, Jean-Claude Abric, corrobora para ideia dizendo que, “toda representación está organizada alrededor de um núcleo central, constituido por uno o varios elementos que dan su significación a la representación.” (ABRIC, 2001, p. 18).

O Sistema Periférico é o conjunto de elementos que dão suporte ao núcleo central, isto é, ele se constitui como uma espécie de subconsciente das representações, é nele que estão as informações e interpretações processados, pelo grupo e/ou indivíduo, do objeto representado. Corroborando para a ideia, Abric diz que,

³ Ver (MOSCOVICI, 2015, p. 10), “[...] mesmo que estejamos perfeitamente conscientes que elas não são “nada mais que ideias”, elas são, contudo, como se fossem realidades inquestionáveis que nós temos de confrontá-las.”



Los elementos periféricos se organizan alrededor del núcleo central. Están en relación directa con él, es decir que su presencia, su ponderación, su valor e su función están determinados por el núcleo. [...] Abarcan informaciones retenidas, seleccionadas e interpretadas, juicios formulados al respecto del objeto y su entorno, estereotipos y creencias. (ABRIC, 2001, p. 23).

Por fim, como foi dito, a rede semântica é entrecruzada pelas concepções do núcleo central e até mesmo, do sistema periférico. As duas significações se confundem quando colocadas lado a lado. Todavia, cada uma tem suas particularidades. Desse modo, a rede semântica nos serve de apoio para capturar as representações específicas dos sistemas periférico e central. Para Noriega, Pimentel e Albuquerque, compreende-se que,

“La redes de significados [...] son las concepciones que las personas hacen de cualquier objeto de su entorno, de acuerdo a Figueiroa (1976), mediante el conocimiento de ellas se vuelve factible conocer la gama de significados, expresados a través del lenguaje cotidiano, que tiene todo objeto social, conocido.” (NORIEGA, PIMENTEL, ALBUQUERQUE, 2005, p. 440).

Essa investigação com aporte teórico na teoria das representações sociais pretendeu averiguar o que pensam estudantes dos cursos de pedagogia sobre o conceito de “Cidadania”.

Material e Métodos

Todos os participantes da investigação são estudantes do curso de pedagogia, nesse relato serão destacados os dados referentes ao curso de pedagogia, e às representações de “Cidadania”.

Participaram estudantes do segundo ao quarto ano. Foram 42 estudantes do curso de pedagogia divididos em 9 estudantes do 2º ano, 16 estudantes do 3º ano e 17 estudantes do 4º ano. Sendo 3 discentes do sexo masculino e 39 discentes do sexo feminino. O instrumento para levantamento das representações, também conhecido como “evocações livres”, apresentou três palavras: “Diversidade”, “Cidadania” e “Direitos”, para cada uma delas foi instruído que os(as) estudantes colocassem no mínimo 5 e no máximo 10 termos, que viessem a mente ao olhar as



palavras definidoras. Feito isso, foram instruídos(as), a relacionarem de 1 a 10 de acordo com o nível de importância de cada palavra. Para aferição dos dados foram utilizados como base fundamental os autores Valdez (1998) e Figueroa, Gonzales e Solis (1981) obtém-se o tamanho da rede, valor J, o qual corresponde ao número total de palavras definidoras apresentadas pelos estudantes. O núcleo da rede (NR) é o grupo de 10 palavras definidoras que obtiveram os maiores pesos semânticos (PS). NR é o indicador do significado psicológico da palavra estímulo. Este indica quais são as palavras definidoras que estão de acordo com o núcleo central da rede. O valor semântico (VS) é o somatório dos produtos da frequência pelo respectivo peso semântico da palavra. A distância semântica qualitativa (DSQ) indica a distância semântica entre as 15 diferentes palavras definidoras do núcleo da rede (NR) e é calculada por meio de uma regra de três, tomando como ponto de partida a palavra definidora com o maior valor semântico, a qual representa 100%.

Resultados e Discussão

A fim de verificar as representações sociais dos(as) estudantes de Pedagogia será apresentada a tabela 1, referente a rede semântica do conceito de cidadania.

A tabela 1 - valor J, o núcleo da rede (NR), o peso semântico (PS) e a distância semântica qualitativa (DSQ) para a evocação do conceito de “cidadania”.

	Cidadania	
Núcleo da rede - NR	Peso Semântico – PS	Distancia Semântica Qualitativa DSQ



Direitos	184	100%
Deveres	117	63,58%
Sociedade	70	38,00%
Voto	57	30,97%
Respeito	38	20,65%
Leis	35	19,02%
Constituição	32	17,39%
Pessoas	25	13,58%
Igualdade	25	13,58%
Políticas	24	13,04%
Responsabilidade	22	11,95%
Obrigações	22	11,95%
Participação	22	11,95%
Empatia	19	10,32%
Legalidade	19	10,32%

Fonte: Dados organizados pelos pesquisadores.

As representações sociais de “cidadania” dos estudantes de pedagogia se atêm a uma única palavra, “direitos” (100%). Esta é o núcleo central da representação social. Esse resultado não permite verificar o que os estudantes entendem como direitos, e a que esses se referem, contudo permite estabelecer algumas relações com o núcleo periférico. A palavra “deveres” aparece com o índice de 63,5%, e refere-se ao núcleo periférico da representação. Eles associaram “direitos” com “deveres”, como se fossem elementos que se complementam.

Nessa perspectiva “direitos” se sobrepõe e é apoiado por “deveres” no esquema cognitivo dos estudantes. Conforme Moscovici (2005, p. 219) “os elementos estáveis exercem uma pré-eminência sobre o sentido dos elementos periféricos e que os primeiros possuem uma resistência mais forte às pressões da comunicação e da mudança que os últimos”. É possível que a representação social de cidadania das estudantes de pedagogia tenha alguma proximidade com a compreensão de cidadania, contudo, é deficiente quanto a complexidade conceitual do significado de ser cidadão.

A cidadania está relacionada a conceitos como: mesmo território, mesma língua, práticas sociais e culturais e semelhantes formas de organização e satisfação das necessidades.

Para Santos (2007, p. 13) o conceito de cidadania tem sido distorcido dando lugar a



uma visão consumista. “Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário”. O próprio sistema capitalista acabou por transformar o indivíduo em consumidor desfigurando as relações de cidadania.

Santos (2007, p. 16), ao falar de cidadania no século XIX afirma que esse conceito adquiriu um importante elemento: “[...] a qualidade de membro. Pelo simples fato de ser membro de um estado-nação, todos os habitantes ascendiam ao status de cidadão e [...] o direito político de participar da construção da sociedade, se efetivaria somente através do voto”.

Na perspectiva de Santos, 2002, Canclini 2006 e Bessa 2011, a cidadania está relacionada a três importantes aspectos: direitos dos trabalhadores em organizar-se em associações, direitos políticos representado pelo voto e direitos sociais com o estado de bem-estar social.

Considerações Finais

Pode-se considerar, a partir do marco teórico, que os conhecimentos sobre a Cidadania, entre os estudantes é fragmentado. O déficit em relação ao conhecimento básico sobre cidadania e saúde pública demonstra essa precariedade no que resultou na utilização de argumentos relativos a condições financeiras, influências pessoais e recorrendo a observações de que as coisas são assim mesmo, não há nada que se possa fazer (conformismo). De maneira que assim com essa percepção de desigualdade, os cidadãos permanecem inertes, em razão da falta de interesse, ou simplesmente não apresentando consciência e senso crítico para buscar direitos que são assegurados por lei, o que resulta em uma percepção equivocada e confusa sobre os impactos do conceito de Cidadania em sua vida social, o que foi amplamente demonstrado pelas respostas dos estudantes entrevistados. Apesar da postura do senso comum demonstrado pelos estudantes, a participação dos mesmos na pesquisa revelou interesse e compromisso, considerando o seu envolvimento nos processos de reflexão e possibilidades para solucionar os problemas levantados.

Agradecimentos

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Agradeço aos meus pais Mariney Guirra e Gleide Guirra, que não mediram esforços para me ajudar durante o período de pesquisa e elaboração do Projeto.

A minha namorada, por me acompanhar, motivar a ler e pesquisar em momentos que pensava em desistir.

Agradeço também ao professor Jadir Gonçalves Rodrigues, pela paciente orientação deste trabalho, bem como os apoios de correções e contribuições de conteúdo da professora Sônia Bessa.

Referências

ABRIC, J.-C. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (Orgs). Estudos Interdisciplinares de Representação Social. 2ª Ed. Goiânia: AB, 2000.

BESSA, Sônia. Do consumo ao consumismo: análise dos hábitos e condutas de consumo e endividamento. Curitiba: CRV, 2011.

CANCLINI, Nestor. Consumidores e Cidadãos. 6ª edição Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 2006.

FIGUEROA, J; GONZÁLEZ, E; SOLÍS, V. Una aproximación al problema del significado: Las redes semánticas, en Revista Latinoamericana de Psicología, vol. 13, núm. 3, Colombia: Fundación Universitaria Konrad Lorenz. 1981.

SÁ, C. P. Núcleo central das representações sociais. 2ª edição. Petropolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7ª edição. São Paulo: Edusp. 2007.

MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 8-57 p.

VALDEZ, J.L.M. Las Redes Semânticas Naturales: Usos y Aplicaciones em Psicología Social. México Universidade Autonoma Del Estado do México. 1998.